



*Teresa Maria Gonçalves de Almeida Pessanha Côrte-Real*

**DESCOBRIR-SE NO PALCO**  
**TEATRO E RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS RECLUSOS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
2010



Teresa Maria Gonçalves de Almeida Pessanha Côrte-Real

## **Descobrir-se no Palco**

### **Teatro e Reconstrução Identitária dos Reclusos**

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na área de Educação e Diversidade Cultural, sob orientação de:

Professor Doutor José Alberto Correia  
Professor Doutor Tiago Neves

**Junho 2010**

## **Resumo**

Esta Tese de Mestrado desenvolve o argumento de que a educação artística, nomeadamente, o teatro e a expressão dramática, pode ter um impacto favorável na construção de identidades inclusivas, em contexto prisional. Refere-se o papel das prisões como instituições totais, lugares de vigilância e de punição em evolução para uma maior humanização, contemplando a readaptação e a reinserção do recluso. Dá-se uma visão genérica da evolução da educação e afirma-se a importância da escola e a especificidade da educação em contexto prisional, analisando-se em mais pormenor a importância da arte na educação. Antes de se exemplificar o argumento central com a experiência da Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, escreve-se sobre o Teatro e a sua evolução ao longo dos tempos. Justifica-se a escolha das narrativas biográficas como metodologia, apresentam-se quatro narrativas e faz-se a sua análise.

## **Abstract**

This Master Thesis has its central focus on the importance that artistic education, namely the Theatre, may have as far as the construction of inclusive identities inside prison facilities is concerned. The role of these total institutions as places of surveillance and punishment and their evolution in terms of work towards social integration of inmates is mentioned. A global view of education in general and particularly in prison facilities is presented and in more detail, the importance of art in education. The text guides the reader through the way Theatre has evolved in the course of History and gives information about the work developed by the Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira. The choice of the biographical method of investigation is justified and four biographical narratives are presented and analysed.

## **Résumé**

Cette Thèse de Maîtrise développe l'argument de que l'éducation artistique, nommément, le théâtre et l'expression dramatique, peut avoir un impact favorable à la construction d'identités inclusives, dans une prison. On réfère le rôle des prisons comme institutions totalitaires, places de vigilance et de punition en évolution pour une plus grande humanisation, contemplant la réadaptation et le réinsertion du prisonnier. On donne une vision générique de l'évolution de l'éducation et on affirme l'importance de l'art en éducation. Avant de s'exemplifier l'argument central avec l'expérience de l'Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, on écrit sur le théâtre et son évolution au long des temps. On justifie le choix des narratives biographiques comme méthodologie, on relate quatre narratives et on fait son analyse.

## Agradecimentos

No man is an island...

O início do poema de John Donne lembra-me que em todo este processo de dois anos de Mestrado que culmina na redacção desta Tese, não estive sozinha e não o teria conseguido levar a cabo, apesar da determinação e empenho pessoal que nele pus, sem a ajuda, partilha, apoio, incentivo, inspiração, orientação, conselhos e ensinamentos de muitos.

Quero, pois, agradecer à minha família, quantas vezes privada da minha presença, paciência, orientação e atenção, o incentivo dado.

À Carla e ao Fernando, colegas de Escola e de Mestrado, agradeço a partilha de muitos bons momentos e de alguns angustiantes e o conforto de uma opinião.

Aos meus professores de Mestrado, sem mencionar nomes porque todos tiveram o seu lugar, os ensinamentos, a troca de ideias e os conselhos que me deram.

Ao Professor Hugo Cruz a disponibilidade do contacto e as sugestões de leitura.

Aos meus orientadores da Tese, Professor Doutor José Alberto Correia e Professor Doutor Tiago Neves, agradeço as sugestões de leitura, a orientação, os contactos sugeridos, as correcções e a liberdade para me guiar, numa estruturação pessoal de pensamento articulando a experiência e o conhecimento adquirido.

Aos autores que li, o meu obrigada por terem escrito.

À minha Escola, na pessoa do seu Director, alguma liberdade de movimento.

À Direcção Geral dos Serviços Prisionais e ao Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, a autorização dada para a realização deste trabalho. Um agradecimento especial ao Dr. Marcos Ribeiro pelos conselhos de leituras

Aos alunos da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira a inspiração e a vontade de continuar a lutar por uma escola que é nossa.

Finalmente, aos meus quatro entrevistados a partilha generosa das suas vidas e a confiança em mim depositada. É a eles, em particular, que dedico esta Tese, mas também a todos os outros alunos / reclusos que fazem o esforço de tentar reconstruir-se a si próprios e às suas vidas.

## **Abreviaturas**

B2 – 2º Ciclo do Ensino Básico

B3 – 3º Ciclo do Ensino Básico

CPJ – Centro Protocolar de Justiça

DREN – Direcção Regional de Ensino do Norte

DGSP – Direcção Geral dos Serviços Prisionais

EB2/3 – Ensino Básico do 2º e 3º Ciclo

EFA – Educação e Formação de Adultos

EP – Estabelecimento Prisional

EPPF – Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

EPRVS – Estabelecimento Prisional Regional do Vale do Sousa

TNSJ – Teatro Nacional de São João

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## Índice

Introdução.....	5
Identificação do objecto de estudo .....	8
Capítulo I – Contextualização teórica do objecto de estudo .....	9
1. Génese e evolução da prisão e da punição até aos nossos dias – do encarceramento vigilante e punitivo ao encarceramento vigilante, punitivo e regenerador dos indivíduos.....	10
2. A complexidade da educação num mundo em constante mudança – A escola na prisão e a necessidade de complementar a sua função.....	16
3. O lugar da arte e a expressão da subjectividade na educação em contexto prisional.....	24
Capítulo II – Contextualização científica do objecto de estudo.....	30
1. Um olhar pelo Teatro ao longo dos tempos.....	31
2. O Teatro e / ou expressão dramáticas nos estabelecimentos prisionais.....	35
3. A experiência da Oficina de Teatro no EPPF.....	38
Capítulo III – A Opção Metodológica.....	47
1. Escolha da Metodologia.....	48
2. Procedimentos Iniciais.....	49
3. Justificação, Definição da Metodologia e Procedimentos.....	51
Capítulo IV – Análise das narrativas. Subjectividades vividas, narradas e interpretadas	56
1 Introdução.....	57
2 A Adaptação a um mundo onde a liberdade só é imaginada, sonhada e desejada.....	58
3 A origem social, a responsabilidade pessoal, da família e da comunidade /sociedade – Determinismo ou casualidade?.....	61
4 O crime e a droga – percursos de dependência, de remorsos, de culpa e de libertação.....	65
5 A Escola e o primeiro passo de mudança.....	70
6 O Teatro – Palco de liberdade interior, de expressão de subjectividades, de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações interpessoais.....	72
Conclusões.....	78
Referências Bibliográficas. ....	83
Referências Webgráficas.....	85
Anexos – Narrativas Biográficas.....	I

## Introdução

A tomada de decisão para a realização de um Mestrado em Ciências Sociais foi pensada por várias razões, sendo, contudo, certo, desde o início, que seria a minha actual realidade, de professora num estabelecimento prisional, que determinaria a escolha do objecto de estudo da Tese.

Embora a minha actividade de professora tenha sempre, umas vezes com mais regularidade, outras com menos, sido acompanhada de formação contínua na minha área científica que é o Inglês e o Alemão, a curiosidade de voltar à Universidade transformou-se em vontade e depois em realidade. As mudanças vertiginosas ao nível social, educacional, científico e tecnológico que se verificaram entre a minha saída da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1980, determinaram a sequência atrás referida.

Por outro lado, a actual situação da classe docente dos Ensino Básico e Secundário não é muito favorável em termos de progressão na carreira da referida classe, facto que, para ser sincera, também pesou na minha decisão, pois um Mestrado poderia (agora não se sabe bem) contribuir para essa progressão.

Um outro factor que condicionou esta decisão foi o actual caos em que se encontra a educação no nosso país. Sou professora por escolha, contudo há desmotivação, tristeza e impotência perante a realidade educativa. Houve aspectos que melhoraram, claro que houve, seria injusto não o reconhecer. Mas pergunto-me se estamos no caminho certo para remediar os excessos e a destruição que a partir de meados dos anos 70 se fizeram, muito fruto da rápida evolução global a todos os níveis, que exigia mudanças e adaptações rápidas, mas, seguramente, também consequência de tomadas de decisão políticas, económicas e sociais que impediram todos os agentes educativos, de adoptar posturas de seriedade e responsabilização na educação. A excessiva burocratização, o declínio da autoridade do professor, a valorização estatística do sucesso sem a correspondente efectivação de aquisição de saberes, a indisciplina dos alunos a ingerência excessiva e nem sempre positiva dos pais na escola, em muito contribuíram para esta crise. Penso que a tutela, os políticos, as organizações sindicais da classe (que são demais), as instituições educativas, os professores, os educadores de infância, os pais, os alunos e a comunidade, valorizando as opiniões de todos, especialmente aquelas de quem está no terreno, ainda estão a tempo de inverter um caminho que não está a resultar e



empenhar-se naquele que dê às novas gerações os saberes estruturantes e as posturas adequadas que lhes permitam guiar-se na obtenção de qualificações, de competências, de autonomia e de responsabilidade individual e cidadã para desempenhar o seu papel na sociedade actual. Não se deve pedir a consecução de missões impossíveis de sucesso aos educadores e aos professores, quando se faz recair sobre a Escola, sem lhe dar as condições necessárias, a responsabilidade de escolarizar, educar e assumir responsabilidades sociais de inclusão de tal forma pressionantes que acaba por não cumprir a sua função de escolarização e educação, por potenciar a exclusão e se tornar incapaz de fazer «o exercício de uma reflexão que constitui condição imprescindível ao exercício de uma acção educativa emancipatória» (Correia, 2000:27).

Por último, mas não menos importante, foi o meu ingresso como professora num estabelecimento prisional (EP). Tomei contacto com uma realidade completamente diferente que me fascinou pelas incongruências que encontrei e pelo reconhecimento de um trabalho imenso que poderia ser feito, em termos educativos e sociais, porque ser professora num EP, não é só ensinar Inglês ou Alemão, é muito mais. Educar adultos, muitas vezes, desestruturados, dentro de um estabelecimento prisional é ajudar a encontrar caminhos, na articulação da aquisição de saberes, de experiências de vida e do (re)encontro com valores de auto disciplina, de posturas de uma cidadania consciente, de valorização pessoal e de aumento da auto estima.

A reflexão que me proponho fazer nesta Tese resulta da articulação de novas perspectivas para olhar o funcionamento da nossa sociedade e das práticas educativas com o exercício das minhas funções de professora num estabelecimento prisional. Desde que iniciei funções tenho vindo a ter uma percepção cada vez mais aprofundada do que é uma prisão. Realidade complexa e cruel, habitada por seres humanos, que, tendo quebrado regras, têm de cumprir penas e trabalhar com vista à sua inclusão, no fim da pena, na sociedade de onde voluntária ou involuntariamente se excluíram e da qual foram excluídos. Não é fácil fazer esta ressocialização, mas é minha convicção, de que nem o Estado, nem as pessoas directamente envolvidas no funcionamento das prisões se podem demitir de procurar novas soluções e vias para atingir esse fim.

Esta Tese desenvolve o argumento de que, dentro da instituição prisão, a educação formal e extra-curricular tem um papel cada vez mais preponderante na ressocialização dos reclusos. Contudo, o enfoque da Tese centra-se na importância

que a educação artística, neste caso o teatro, como actividade extra-curricular, desenvolvida pela Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira pode ter na reconstrução identitária em contexto prisional, abrindo perspectivas, levando à reflexão, a novas maneiras de olhar para si próprio e para os outros, numa tentativa de preparação para a reintegração na sociedade. O teatro mobiliza os sujeitos ao nível da subjectividade e é nessa subjectividade que a apropriação de sentidos, a interpretação de si próprio, do que o rodeia e da relação com os outros se efectiva.

O Capítulo I elabora sobre o que é a prisão e a sua evolução ao longo do tempo. Fala sobre a importância que a escola pode ter na necessidade de complementar a função punitiva e vigilante, com uma função ressocializadora e integradora dos reclusos, quando da sua libertação. Mais especificamente relacionado com o objecto de estudo, argumenta sobre a importância da arte em educação em contexto prisional.

No Capítulo II olha-se para a evolução do teatro ao longo do tempo e a sua importância social, como forma privilegiada de comunicação que é. O ponto 2 deste capítulo dá uma visão de como o teatro começou a entrar nos estabelecimentos prisionais, pela abertura que estes foram tendo a uma maior humanização do sistema prisional que, muitas vezes falível por não poder deixar de cumprir a sua função de punição e vigilância, busca alternativas a ele próprio no trabalho de ressocialização e reintegração dos reclusos. Essas alternativas podem passar pela socialização que a integração num grupo de teatro possibilita. O ponto 3 dá conta da experiência e actividade da Oficina de Teatro desde o seu início.

O Capítulo III define, justifica e elabora sobre os procedimentos da Metodologia escolhida: as narrativas biográficas.

À luz da contextualização teórica, científica e metodológica desenvolvida nos três primeiros capítulos e com base em categorias pertinentes que resultaram da pré-análise feita às narrativas biográficas, faz-se, no Capítulo IV, a análise interpretativa das quatro narrativas biográficas.

Em anexo, encontram-se as narrativas biográficas.

## **Identificação do objecto de estudo**

O meu objecto de estudo será, através das narrativas biográficas, perceber as possibilidades que a participação numa área de expressão dramática, como o é o teatro, poderá trazer às trajectórias individuais e à reconstrução identitária de homens em reclusão. Pretendo abordar este aspecto em duas vertentes.

A primeira recai sobre como funciona para homens reclusos a pertença a um grupo que tem, forçosamente, que ter regras, as quais devem ser negociadas, partilhadas e assumidas por todos, a bem do funcionamento e sucesso do grupo. A pertinência deste aspecto prende-se com o facto de ser importante para os indivíduos identificarem-se, agirem e serem reconhecidos pelos outros membros do grupo, numa partilha de ideais, de comportamentos a assumir e de metas a atingir.

A segunda prende-se com a experiência de ser actor, de representar papeis, de expressar a subjectividade – que sentimentos, sensações, identificações, espaços de liberdade, criatividade, essa expressão e exposição perante os outros pode provocar nos indivíduos e os efeitos dessa expressão e exposição no reconhecimento pelos outros. A expressão e a exposição que a pertença a um grupo, neste caso, especificamente à Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira (EPPF) trazem e provocam diferentes reacções nos indivíduos. Como é que um indivíduo se assume noutro papel, que recursos, dentro de si próprio é preciso procurar e descobrir para ser capaz de o fazer. Como é que o recluso encara o trabalho intelectual a sós e na relação social com o grupo para se conhecer melhor a si próprio, observar-se, reconhecer as suas potencialidades e os seus limites. O indivíduo precisa também de lidar com a exposição, assumida publicamente, da sua situação de recluso perante uma plateia, perante a sociedade, cujas normas ele traiu, embora saiba que está a fazer algo de que se pode orgulhar, porque é feito na sequência de uma escolha voluntária e no trabalho e empenho que essa escolha obriga.

É importante possibilitar a homens em reclusão diferentes vias para eles próprios se empenharem na sua reconstrução identitária com vista à sua reintegração e é também importante mostrar à sociedade, que esses homens rejeitaram ou que por ela foram rejeitados, que a instituição prisão pode ajudá-los a prosseguir nesse sentido.

## **Capítulo I – Contextualização teórica do objecto de estudo**

## **1. Génese e evolução da prisão e da punição até aos nossos dias – do encarceramento vigilante e punitivo ao encarceramento vigilante, punitivo e regenerador dos indivíduos**

Foucault (2008) define as prisões como «instituições completas e austeras» que se devem ocupar de todos os aspectos da vida do detido, da sua educação física, do seu trabalho, da sua atitude, do seu comportamento, das suas disposições. Ela é, mais do que a escola ou o exército, «omnidisciplinar» e o seu modo de actuar sobre o indivíduo tem de ter um poder de coacção total.

Instituição total, nas palavras de Goffman, por ser «uma barreira à relação social com o mundo externo» (Goffman, 2007:16), onde «todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade», onde a actividade do recluso é organizada e realizada por todos, segundo horários, tarefas e regras rígidas e explícitas, impostas pela instituição à qual essas normas servem na consecução dos seus objectivos. A prisão, especificamente, é uma das instituições totais referidas por Goffman e foi criada pela sociedade para sua própria defesa contra quem infringe as regras dessa mesma sociedade.

Hoje, a prisão continua a ser a instituição onde a pena de privação de liberdade é cumprida, onde as medidas de punição, vigilância e segurança estão garantidas, mas é encarada como o passo para a reconstrução do indivíduo recluso com vista à sua reinserção futura na sociedade.

Segundo Foucault «A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais» (Foucault, 2008:195), pois, embora só no fim do século XVIII e início do século XIX se tenha instituído a pena de detenção, já antes se exercia o poder de agir sobre os corpos dos reclusos, como medida preventiva e garante da aplicação do castigo. Nessas eras obscuras, eram três as personagens que contracenavam no castigo dos criminosos: o poder absoluto do monarca castigava o criminoso e o povo assistia numa dissuasão de comportamentos semelhantes, isto é, era a vingança do monarca, com a exposição do suplício do penitenciado perante o povo.

E se o poder exercido sobre o corpo desaparece com o fim dos suplícios, num prenúncio iluminista de rejeição ao despotismo e ao poder exagerado de um só senhor, um outro poder sobre ele aparece, agora, sob a forma de privação de um bem supremo, a liberdade, actuando já não directamente sobre o corpo, mas na

alma, através de um mecanismo reflexivo, feito em isolamento, ou em isolamento parcial, que o leva a reconsiderar e a corrigir o seu comportamento

Pune-se o crime e com ele são também punidas as abstracções, isto é «Punem-se as agressões, mas por meio delas, as agressividades, as violações e, ao mesmo tempo, as perversões, os assassinatos que são, também, impulsos e desejos» (Foucault, 2008: 19). Mas a prisão não deixa de ser um processo político de controlo e segurança, uma relação de poder, no qual o condenado é alguém colocado na posição irremediável de submissão ao poder punitivo e simultaneamente como exemplo didáctico para o povo.

A esta transformação do aparelho penal e judicial não são alheias as transformações sociais, económicas e políticas no desenvolvimento da produção e na progressiva industrialização da sociedade.

A transformação da visão das cadeias começa a impor-se, não só ao nível do tratamento e do que fazer ao detido, mas também sobre os espaços físicos em si, já que as cadeias, não lhes chamemos ainda estabelecimentos prisionais, eram locais degradantes, onde os presos viviam em condições terríveis de alojamento, de segurança, de salubridade, de promiscuidade, de mistura de crimes de idades e de sexos.

O século XIX vem reconhecer a humanidade do criminoso como algo a respeitar e a punição deixa de se constituir como vingança e passa a ter como alvo a correcção e a transformação do criminoso privado da liberdade. Todo um novo conjunto de técnicos actua na prisão com esse objectivo, numa suavização da pena para a transformação dos corpos e das almas criminosas em corpos e almas dóceis e submissos.

As transformações sociais, políticas, educativas, económicas e científicas do século XX criaram desajustamentos, crises e conflitos ao nível da sociedade global. Novas disciplinas como a Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia vieram estudar a relação entre o crime e a realidade social, redefinindo teorias e estratégias que partem no sentido da redefinição da função da instituição prisional. As linhas com que Foucault e Goffman definiram as prisões começam a esbater-se; já não basta tornar os corpos e as almas dóceis, nem insistir na mortificação do eu, ou na ruptura intra/extramuros. Já não basta separar os indivíduos da sociedade e transformar as almas e os corpos criminosos em corpos e almas dóceis e submissos. É preciso ensiná-los, educá-los, transmitir-lhes que há formas alternativas de viver em liberdade sem cometer crimes. É preciso incutir o prazer do trabalho, o combate à

ociosidade, a integração de actividades recreativas, a manutenção de um bem-estar dentro de muros, no sentido da obtenção de capacidades e competências pessoais e interpessoais, de transformações identitárias que potenciem o sucesso no momento do retorno à sociedade. É a aposta na ressocialização, na futura reintegração, na reinserção, no combate à exclusão social que o estigma da prisão acarreta (Abrunhosa, 1993).

Este princípio está consagrado no artigo 43º do Código Penal português: «a execução da pena de prisão, servindo a defesa da sociedade e prevenindo a prática de crimes, deve orientar-se no sentido da reintegração social do recluso, preparando-o para conduzir a sua vida de modo socialmente responsável, sem cometer crimes».

O sistema português de execução de medidas privativas da liberdade baseia-se e é co-responsável nessa execução ao admitir o respeito pela dignidade humana e pela personalidade do recluso ao individualizar o tratamento do mesmo, evitando as consequências nocivas da privação da liberdade, numa aproximação às condições benéficas da vida em comunidade, promovendo no recluso a responsabilidade de «participar no planeamento e na execução do seu tratamento prisional e no processo de reintegração social, nomeadamente através do ensino, formação, trabalho e programas (...) em cooperação com a comunidade» (Lei nº 115 de 2009, Anexo: Código de Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade). São também de referir, nesta linha que a legislação de execução de penas tomou, as anteriores e sucessivas medidas de flexibilização das mesmas que foram sendo introduzidas, numa humanização progressiva, na recompensa do bom comportamento e no reconhecimento da importância de aproximação dos reclusos à vida em sociedade, para onde um dia terão que voltar (Decreto-Lei nº 265/79 de 1 de Agosto).

Contudo, esta nossa sociedade, mutável e intemporal, que, por defesa, tem de continuar a vigiar e punir, por injusta, continua a, sem reter todas as culpas, potenciar o crime e a violência, dentro e fora das cadeias.

Assim, não podemos esquecer, para não sermos ingénuos, que o sucesso na participação, na transformação e na reinserção do recluso nem sempre é consistente com as boas intenções dos legisladores plasmadas na lei. A cadeia é um mundo, já não uma ilha. Vive inserida numa comunidade que a vai afectar em diferentes aspectos.

A comunidade restrita, no interior da prisão, tenta trabalhar, na esteira das determinações legais, no sentido da ressocialização e reintegração futura dos reclusos, através da implementação de diferentes procedimentos internos ao nível do apoio psicológico e clínico, do trabalho, da formação e do ensino. Com o mesmo objectivo, a comunidade alargada, no exterior da prisão estabelece parcerias e abre-se aos estabelecimentos prisionais.

Contudo, esta comunidade, que passa a ser um parceiro interveniente no processo de reconstrução identitária não deixa de ter contornos e contingências potenciadores de tensões e conflitos.

Segundo Manuela Cunha (Cunha, 2002), sensíveis mudanças no sistema prisional que ocorreram no período de apenas uma década, transformaram as prisões, nas palavras da autora, de um modelo «doméstico-autoritário», no qual prevalecia o poder do director na manutenção da ordem, num modelo «burocrático-legal», segundo o qual a prisão tornou-se

quer mais hetero-determinada por instâncias exteriores, quer mais dependente delas para a prestação de bens e serviços. Tendo crescido o universo humano a ponto de se poder falar de uma mudança de escala, complexificou-se também o quadro organizacional, marcado doravante por uma ampla codificação de procedimentos, pela burocratização, pela especialização e pela profissionalização do seu pessoal (Cunha, 2002: 307).

Importava, agora, manter a ordem interna de uma forma legal e tanto quanto possível humana.

Para além deste aspecto, é de considerar a chegada às cadeias de reclusos embrenhados em redes pré-prisionais, principalmente relacionadas com o tráfico de drogas e estupefacientes, que se continuam a movimentar dentro das cadeias. Ainda segundo Cunha a maioria dos detidos, encontra-se nas prisões cada vez mais por condenações ligadas ao tráfico de drogas, de consumo e de crimes com ele relacionados. Na sua perspectiva (Cunha, 2002) a relação entre o bairro e a prisão é um outro elemento que veio retirar o carácter eminentemente «totalizante» destas instituições. A inter relação entre o bairro e a prisão é tal que se regista a vários níveis: a barreira entre o bairro e a prisão torna-se quase invisível, «a onnipresença da prisão no bairro e o estigma do próprio bairro tornaram a transposição dessa fronteira uma marca simbólica redundante. A prisão apenas consome a profunda estigmatização que se constituiu a montante». A cadeia já não é «uma marginalização circunstancial mas uma figura da marginalização estrutural do bairro» (Cunha, 2002: 313). O bairro, marginalizado e estigmatizado pela sua



relação com a droga envolve parentes, amigos e vizinhos e a prisão entranhada no seu quotidiano «tornou-se «normal» e o circuito prisional, banal, percorrido que é com parentes, amigos e vizinhos, ou em visita a parentes, amigos e vizinhos» (Cunha, 2002: 313). Partindo da evidência que o bairro vive com a prisão, também é verdade que a prisão vive do bairro no círculo vicioso do tráfico «ao absorver um leque mais ou menos largo» (Cunha, 2002: 313) de parentes, amigos e vizinhos, conduzindo tanto os presos como as suas famílias a situações de pobreza. Outro aspecto a referir é, segundo a mesma autora, o da sociabilidade dentro da cadeia que se reconfigurou para integrar valores, atitudes e condutas importadas do exterior. É a integração na exclusão dentro da própria cadeia, o que vem, cada vez mais, tornar difícil a aposta na ressocialização e numa reintegração inclusiva extramuros.

Mais generalista, mas na mesma linha de pensamento, Gonçalves (Gonçalves, 1993), refere que o insucesso na reabilitação e na reincidência no crime podem ser potenciados na própria cadeia, que por diversas razões e factores não consegue evitar que o crime nela se perpetue. O poder coercivo de qualquer prisão «é exercido sobretudo através de ameaças e sanções físicas e morais quer personificadas no pessoal de vigilância quer nos detidos entre si, na conquista de privilégios internos» (Gonçalves, 1993: 84). Ainda segundo Gonçalves, e baseando-se em diferentes estudos sociológicos, existem nas prisões dinâmicas internas, potenciadas pelas designadas «cultura prisional» e «cultura delinquente», que condicionam os relacionamentos e comportamentos dentro das cadeias e não deixam de ser o resultado da existência de uma outra «subcultura criminal» existente fora da prisão, seguindo cada uma dessas culturas códigos rígidos, impossíveis de combater e exterminar e que potenciam comportamentos violentos, quer por parte dos reclusos quer por parte da instituição. Assim, dentro das prisões, os direitos humanos e a dignidade da pessoa humana não deixam de ser, ainda hoje, violados. Esta denúncia é feita pela Amnistia Internacional nos seus relatórios, nomeadamente no relatório de 2009. No momento de entrada numa cadeia, o indivíduo é despojado da sua identidade ao serem-lhe retirados os seus objectos pessoais, ao ser-lhe atribuído e ser chamado por um número, ao ser-lhe barrado e condicionado o contacto com a família, na roupa que lhe é imposta, ao ser sujeito a uma constante vigilância, ao ser constantemente lembrado da sua condição inferior, na imposição de rotinas e horários rígidos, no trabalho, que por repetitivo e monótono serve os interesses da instituição e não os do recluso.

É esta perda de identidade que a lei prevê que se transforme em ressocialização, isto é, no ganho de uma reconstrução identitária, mas que, na prática, poucas condições cria para que ela se verifique. A cadeia, na abertura, flexibilização e humanização que vai, por força de lei, integrando nos seus comportamentos para com os reclusos não conseguiu ainda e, talvez, não o possa fazer sem prejuízo da função que tem, abstrair-se da sua função totalitária e de vigilância permanente sobre os reclusos. De acordo com Tiago Neves (Neves, 2008), a prisão exerce a sua defesa institucional no

*enquadramento constante e a onnipresença da dicotomia entre o proibido e o permitido (...). Depois e em segundo lugar, o funcionamento da defesa institucional é observado nas estratégias de prevenção, identificação e resolução de problemas pelos funcionários. (...) Finalmente, em terceiro lugar (...) a defesa institucional impregna o funcionamento da hierarquia (...) em dois níveis: o da gestão burocrática da instituição e o da cadeia de comando propriamente dito. (Neves, 2008: 221)*

Ora, ao gerir minuciosamente tanto o espaço como o tempo dos reclusos a prisão não deixa margem para mudanças efectivas, pois, na óptica dos reclusos é preferível observar as regras do que entrar em conflitos nos quais são sempre os elos mais fracos. O papel dos técnicos reveste-se meramente de uma chamada de atenção para o que socialmente é errado ou certo, sem dar azo à explicação do porquê, já que isso remeteria para a explicação de regras que poderiam ser postas em questão pelo recluso, que teria o direito de as avaliar e assim trabalhar a sua reintegração. Neste posicionamento esvai-se o papel do técnico «na medida em que possibilita o desenvolvimento de uma relação mais centrada no controle dos corpos do que na partilha de significados» (Neves, 2008: 225) com os reclusos na busca efectiva de soluções para os problemas e para as mudanças de atitude. A defesa da instituição é bem visível dentro de um estabelecimento prisional tanto na «cadeia de comando» como na «gestão burocrática». Pelo seu carácter total, vigilante e punitivo a cadeia defende-se num emaranhado de autorizações diárias e permanentes em todos os aspectos da sua vida interna e nas suas relações com o exterior. Tal burocratização e hierarquização dos procedimentos será, sem dúvida, indispensável, mas, por exagerada, é também impeditiva de acções e realizações indispensáveis ao cabal objectivo de um estabelecimento prisional.

## **2. A complexidade da educação num mundo em constante mudança – A escola na prisão e a necessidade de complementar a sua função.**

Fui tua professora na Universidade, não consegui servir-te de Mestre, mas encontrei em ti esse privilégio maior do ensino: uma alma capaz de acrescentar cor à tela que lhe apresentamos (Pedrosa, 2003: 27).

A educação e a prática educativa já percorreram um longo caminho. E se a educação partiu inicialmente das comunidades, delas se afastou para se centrar nas escolas e agora «Não há dúvida de que a educação está a voltar para a comunidade... E, por paradoxo, isto acontece num momento em que a educação escolar nunca foi tão extensamente obrigatória» (Correia, 1998: 9).

A Escola surge da ruptura com os modelos de socialização do Antigo Regime como uma instituição educativa, autónoma, com intenções formativas, baseadas em programas curriculares, ministrados por professores e dissociada da vida das comunidades. Segundo Matos (1999), a Escola como instituição educativa hegemónica surge com a emergência e consolidação dos Estados-Nação, consequente com o projecto da Modernidade, no qual o Indivíduo se afirma como valor primeiro das sociedades contemporâneas, no qual o Estado se afirma como entidade reguladora da vida dos cidadãos, no qual se afirma o conceito de Nação como o conjunto de cidadãos que partilham uma identidade e um território comuns e no qual se afirma a supremacia da Razão para garantir o acesso ao saber verdadeiro e à organização racional e perfeita do mundo e da vida. Assim, é à escola que vai competir a difusão destes valores e do projecto civilizacional que lhe está subjacente. Ao professor é pedido que seja o veiculador e transmissor do conhecimento normalizado e homogéneo. O aluno é o receptáculo submisso dessa transmissão de conhecimento.

Numa ruptura com os princípios desta escola normalizadora, que apela à obediência e à conformidade social e que ignora a socialização dos alunos e o respeito pela sua individualidade, na qual a prática educativa não está centrada nos alunos e nos seus interesses e necessidades, a supremacia e anterioridade do conhecimento como referência teórica face à prática, à acção, deixam de fazer sentido quando se reconhece a subjectividade da razão e a radicalidade do sujeito na construção da realidade através da intencionalidade. O conhecimento é uma

relação sujeito/objecto e o significado é construído pelo sujeito em contexto, sujeito esse, entendido como uma entidade complexa integrando dimensões bio-psico-socio-culturais em permanente desenvolvimento e em relação com o mundo. A Escola vai evoluindo e adaptando as práticas educativas e os currícula aos valores emergentes e precipitados pela evolução epistemológica das sociedades.

O processo de construção da cientificidade em educação no

movimento pedagógico que se inicia nos anos 80 e se prolonga até ao início do século XX vai privilegiar a psicologia como ciência fundamentadora da Ciência de Educação, ou seja, vai fundamentar a cientificidade desta última no facto de ela se afirmar como uma ciência aplicada da psicologia (Correia, 1998: 25).

A busca desta cientificidade em educação leva Durkheim, na Sociologia, a reflectir «sobre os procedimentos da acção que são assim empregues, não em vista de os conhecer e de os explicar, mas de apreciar o que valem, se são o que devem ser, se não é útil modificá-los» e a «desenvolver o esforço epistemológico mais estruturado para fundamentar o estatuto da cientificidade em educação» (Correia, 1998: 30). Durkheim olha para o indivíduo como um «ser social», fruto das suas sucessivas socializações, sendo a escola uma delas.

A globalização, a abertura das fronteiras físicas, ideológicas e económicas, a subalternização dos estados nacionais aos grandes blocos geo-económicos e políticos e a regulação cada vez mais prevalente do mercado no espaço mundial criam desequilíbrios entre a oferta e a procura, acentuam as desigualdades sociais, volatilizam e precipitam as necessidades das sociedades num crescendo consumista. Esta configuração planetária condicionou a necessidade de repensar a escola, já não como uma instituição autónoma, mas como uma entidade em rede com a comunidade, privilegiando o princípio de aprendizagem ao longo da vida, no pressuposto do auto-desenvolvimento, responsabilização, organização e autonomia do sujeito. O processo ensino-aprendizagem deve centrar-se na aprendizagem, na aquisição de competências e no desempenho, mas sem descuidar o aspecto formativo do conhecimento «como algo que nos enforma e não meramente nos informa e nos torna competentes para o desempenho de dadas funções» (Magalhães e Stoer, 2002: 121).

Convém, no entanto, não esquecer que a escola pública está em risco de não cumprir o seu papel educativo das massas estudantis em igualdade de oportunidades, de acesso e de sucesso já que, como lembra Bourdieu (1989), a

escola pública ao incluir os alunos oriundos das classes mais desfavorecidas, com toda a sua herança cultural e social, acaba por manter as desigualdades sociais ao legitimar o discurso da classe dominante que quer manter os seus privilégios, num mundo cada vez mais regulado pelos interesses dos mercados e do capital. Assim

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais (Bourdieu, 1989: 10).

Olhemos, agora para um local onde também se concretiza e tem lugar a educação. Uma prisão.

O Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira (EPPF) é um estabelecimento prisional de segurança média inaugurado em 1957 e tem capacidade para receber 849 reclusos do sexo masculino, em cumprimento efectivo de pena, que são alojados em celas distribuídas em duas alas ligadas por uma ala central. Existem celas individuais, de dois reclusos e camaratas de quatro reclusos. Uma das alas foi recentemente sujeita a obras devido ao estado de degradação em que se encontrava, tendo-se reconstruído as celas com instalações sanitárias em todas elas. O EPPF tem um Director, um Director Substituto e dois Directores Adjuntos, Serviços Administrativos, Serviços Clínicos, Serviços de Educação, Secretaria, Serviço de Pessoal, Chefia de Guardas, Sectores de ocupação laboral, formação profissional e ensino.

Até Agosto de 2009 o EPPF incluía um outro edifício, designado por Pavilhões Complementares, que a partir dessa data foi convertido pela Direcção Geral de Serviços Prisionais num EP separado do EPPF, com uma Direcção e Serviços independentes, tendo tomado o nome de Estabelecimento Prisional Regional do Vale do Sousa (EPRVS). É um edifício que data de 11 de Junho de 2003, com capacidade para receber 300 reclusos do sexo masculino e é constituído por três alas com celas individuais, de dois reclusos e camaratas de quatro reclusos e uma outra perpendicular, onde funcionam a Direcção, os serviços administrativos e a escola.

O espaço físico ocupado pela Escola dentro do EPPF foi objecto de remodelação, tendo as obras, há muito tempo prometidas e necessitadas, começado em Julho de 2009 e foram concluídas, no decurso do ano lectivo de 2009/2010, não tendo, porém, impedido o início das actividades lectivas em Setembro de 2009. Tem

dois edifícios novos com doze salas de aula, uma sala de alunos, instalações sanitárias e um outro que foi remodelado com uma sala de professores, o gabinete do guarda e mais duas salas. Entre os edifícios há um espaço amplo, aberto. É, agora, um local mais acolhedor, agradável e melhor equipado e os professores que aqui desempenham as suas funções, em articulação com a Direcção do EPPF e a Escola Secundária de Paços de Ferreira pretendem continuar a melhorá-lo.

O sector de ensino tem uma escola associada, a Escola Secundária de Paços de Ferreira, à qual pertencem os professores que leccionam na Escola no EPPF e no EPRVS. Fisicamente o espaço da Escola está inserido dentro dos edifícios dos dois EP, mas está separado do resto dos mesmos, tendo acesso a ele só os alunos/reclusos que frequentam a escola e os reclusos universitários. Há um guarda prisional em cada um destes espaços dos dois EP, que desempenha funções de segurança e de colaboração com a Escola com vista ao seu bom funcionamento.

A Escola no EPPF tem, neste ano lectivo, uma turma do 1º Ciclo, uma do 2º Ciclo, quatro do 3º Ciclo, duas do Ensino Secundário e dois cursos do Centro Protocolar de Justiça (CPJ), um do 2º Ciclo e outro do 3º Ciclo, cuja formação de base é leccionada pelos professores da Escola Secundária de Paços de Ferreira e a formação profissional por formadores do CPJ. Em regime de actividades extra curriculares funcionam o Português Para Estrangeiros, a Oficina de Teatro, a Oficina de Jornalismo e a Educação Física.

O espaço físico da Escola no EPRVS encontra-se na ala perpendicular e tem salas de aula, uma sala de alunos, uma sala para o guarda e uma biblioteca. É um espaço bastante fechado, pois não tem pátio, como acontece no EPPF. A Escola no EPRVS que já aí funcionava antes da separação dos dois EP, continuou com o mesmo Projecto Educativo e os mesmos professores e é frequentada por cerca de 50 alunos, distribuídos por uma turma de 1º Ciclo, uma turma EFA B2, duas turmas EFA B3 e uma turma EFA Secundário. Como actividades extra-curriculares desenvolve-se a Educação Física e, este ano lectivo, muito por vontade do Director do EPRVS, à data do início do ano lectivo, Dr. José Alves de Sousa e, embora não esteja no Projecto Educativo da Escola, entendeu-se, por ser benéfico para os alunos e para dar uma maior dinâmica à Escola, por em funcionamento a Oficina de Teatro, que já apresentou trabalho neste ano lectivo. Embora não funcione neste EP a Oficina de Jornalismo, há colaboração, através da redacção de textos, dos alunos da Escola no EPRVS no Prijornal.

Uma vez que se trata da mesma escola a funcionar em dois EP diferentes, a mesma tenta promover encontros entre os alunos das duas valências da Escola, através da Educação Física, concretizados em jogos de futebol, de futsal, de voleibol quer com deslocações dos alunos entre os dois EP quer nas saídas ao exterior, para as quais são convocados alunos de ambas as valências. O mesmo se passa com a Oficina de Teatro, tentando trazer a representação das peças que cada grupo faz ao outro EP.

Se a educação já não é tarefa fácil nos tempos que correm, menos o é em contexto prisional. Nestas instituições deparamo-nos logo à partida com um

Aparelho disciplinar exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos dos indivíduos, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão, muito mais que a escola, a oficina ou o exercito, que implicam sempre numa certa especialização, é "onidisciplinar". Além disso a prisão é sem exterior nem lacuna; não se interrompe, a não ser depois de terminada totalmente sua tarefa; sua acção sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante. Enfim, ela dá um poder quase total sobre os detentos; tem seus mecanismos internos de repressão e de castigo (...) Ela tem que ser a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido; seu modo de acção é a coacção de uma educação total (Foucault, 2008: 198, 199)

Este sistema altamente regulador que visa a "normalização" e homogeneização de comportamentos" (Correia, 1998: 149), colide com as tendências actuais da educação de adultos, que vão no sentido de valorizar a trajectória de formação do aluno/recluso e a sua experiência de vida. Acresce a esta realidade a grande desmotivação da população reclusa face à educação, que a rejeitou ou foi por ela rejeitada, população essa que vive num espaço potenciador de violência gerada pela tensão e instabilidade emocional e psíquica. Muitos são os factores que desencadeiam essa tensão e instabilidade. A sobrelotação das cadeias, as deficientes condições de higiene, o tráfico e consumo de drogas, a promiscuidade e violações sexuais, a violação dos direitos básicos dos reclusos, a discriminação sexual, racial e religiosa, vêm dificultar, a já difícil tarefa de, chamar os reclusos à escola e de os manter nela.

A sala de aula é o espaço onde a aprendizagem é feita. Mas para que a aprendizagem seja efectiva é preciso ir além do que se desenrola nesse espaço, e das formalidades que lhe são inerentes, é importante «percebê-lo a partir de tudo o que está ausente da sala de aula, mas o condiciona, é necessariamente percebê-lo a partir das pessoas e das vidas das pessoas que vivenciam esse acontecimento extraordinário, que é aprender». (Vaz, 2007: 411). Se esta constatação é verdadeira,

maior sentido ela toma em contexto prisional, pelas razões já mencionadas e também pela necessidade de valorizar o empenho e a auto estima de pessoas provisoriamente privadas do bem mais precioso do ser humano, a sua liberdade. Parece ser também relevante inscrever no processo de formação as dimensões da autonomia e da cidadania «de modo a enfatizar, quer a sua componente formativa, quer a sua componente educativa» na importância social de que a formação hoje se reveste. Em contexto prisional, com as suas vidas altamente reguladas e esquematizadas a autonomia tem que ser aprendida, interiorizada e expressa em contexto educativo e de formação. «Cidadania é tolerância face aos outros e isso é um aprendizado da vida, mas também do contexto formativo» (Vaz, 2007: 414). A tolerância com os outros, muitas vezes em défice nestes contextos de privação, tem de ser também equacionada e revigorada em contexto educativo e de formação, valorizando o percurso e a atitude de cada um no respeito pelo percurso e atitude de todos.

Pelo exposto, a Escola no EPPF sentiu necessidade de criar dinâmicas no sentido da motivação para a formação e educação e para o sucesso das mesmas. Os professores leccionam cursos e promovem actividades extra curriculares que privilegiam a aprendizagem e a trajectória de formação dos alunos/reclusos, munindo-os de qualificações e competências que lhes perspectivem percursos mais consistentes, adequados e inclusivos, uma vez de volta à sociedade. Não se pretende que a formação seja a «construção de estabilidades ou a apropriação de certezas. Ela é antes a gestão das instabilidades, a construção de incertezas pertinentes, a gestão do incerto, a produção de sentidos» (Correia, 1998: 152). É um trabalho moroso, de luta contra práticas enraizadas, de compromissos, de cedências, de prestar provas, mas possível.

A Escola tem um Projecto Educativo próprio, pela especificidade do contexto em que se encontra inserida e é elaborado pelos professores, carecendo da aprovação dos Directores do EPPF e do EPRVS e da DREN (Direcção Regional de Educação do Norte).

Na declaração de Filosofia da escola integrada no Projecto Educativo pode ler-se o seguinte:

As características do público e o meio em que a escola se insere ditam os objectivos e o tipo de trabalho a desenvolver na escola. Temos de estar conscientes dos efeitos da reclusão, dos problemas daí decorrentes, saber enfrentá-los com naturalidade e adaptar metodologias de trabalho que se adequem às características desta população e do meio em que ela se insere, sem perda de exigência pedagógica. Mais do que meros professores, os agentes



educativos terão de ser amigos, de dar especial atenção, de proporcionar a possibilidade de utilizar a capacidade criativa dos alunos, de os conduzir à descoberta do “eu sou capaz”, estimulando assim a sua auto-estima. A escola tem de aceitar os alunos como eles são, mostrando-lhes outros valores, ajudando-os a entender capacidades que eles próprios desconheciam, orientando-os no sentido de uma formação/instrução que, sem esquecer a vertente da aquisição de conhecimentos, os torne mais autónomos, responsáveis e críticos numa sociedade em constante mudança. Como professores dentro de uma cadeia o ideal será, pois, conseguir que os alunos, para além de se instruírem, se sintam de novo chamados à vida, actuando e sendo encarados como indivíduos comuns, desenvolvendo uma actividade digna e proveitosa que lhes facilite a sua integração na sociedade de onde foram segregados pela força das circunstâncias (Projecto Educativo da Escola no EPPF, 2009/2010).

Os cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), integrados na iniciativa Novas Oportunidades visam a qualificação da população adulta, reduzindo assim os seus níveis de baixa escolaridade. Estes cursos estão, presentemente, a ser implementados nas escolas públicas e privadas e nos estabelecimentos prisionais, regulamentados pelo Decreto-Lei nº 369/2007 de 31 de Dezembro, pela Portaria nº 230/2008, pelo Despacho Conjunto do Ministério da Educação e do Ministério da Justiça nº 451/99 a iniciar no ano lectivo de 2009/2010 e por outros Despachos e Portarias para situações específicas. São cursos que centram a aprendizagem e a aquisição de competências na experiência de vida dos alunos. Existem cursos EFA de Nível Básico e de Nível Secundário. Nestes dois níveis encontram-se cursos EFA Escolares, que conferem uma certificação escolar, cursos EFA de Dupla Certificação que possibilitam uma formação escolar e técnica ou profissional e são dinamizados em diversas disciplinas de Formação de Base, tais como Linguagem e Comunicação, Linguagem e Comunicação Estrangeira, Matemática Para A Vida, Cidadania e Empregabilidade, Tecnologias de Informação e Comunicação e Aprender com Autonomia, quando se trata de EFA Escolares do Ensino Básico. No Ensino Secundário as disciplinas são: Comunicação Linguagem e Cultura (CLC), Cidadania e Profissionalidade (CP), Sociedade Tecnologia e Ciência (STC) e Portefólio Reflexivo de Aprendizagem (PRA). Nos cursos de Dupla Certificação a estas disciplinas juntam-se disciplinas de Formação Tecnológica ou Profissional em diferentes áreas. Funcionam em torno de temas de vida pertinentes e que vão de encontro às expectativas dos alunos de receber uma formação que os ajude, mais tarde, a enfrentar as exigências de uma sociedade em constante e rápida mudança e evolução. Trabalha-se de uma forma transversal no envolvimento de todas as disciplinas. As exigências destes cursos nos estabelecimentos prisionais, em termos de frequência colocam algumas dificuldades de implementação, devido à especificidade e condicionalismos que os estabelecimentos prisionais possuem em

termos de segurança, de rigidez de horários, de transferências de reclusos, de trânsito de reclusos para cumprimento de exigências legais decorrentes dos seus processos individuais, de internamentos e tratamento por doença. Há lacunas e trabalho para fazer no sentido de tornar estes cursos mais exequíveis e funcionarem como a mais-valia que pretendem ser para os alunos que os frequentam.

Sem descurar e valorizando a educação formal, sentiu-se a necessidade de ir além dela, de proporcionar aos reclusos ambientes mais informais, onde eles pudessem olhar para si próprios, sem a pressão de uma avaliação formal, integrarem-se num grupo, e desenvolver um trabalho que partisse deles e que evoluísse com eles, por ele e para eles, na aprendizagem da autonomia e da cidadania.

A actual estrutura da educação de adultos, organizada em cursos EFA, que impõem uma carga horária bastante exigente, não torna fácil a implementação destas actividades extra-curriculares em torno da expressão artística, pois sobra pouco tempo para o seu cabal e eficaz resultado, quer em forma de produto final, quer em termos do desenvolvimento e reconhecimento de capacidades “ocultas” dos reclusos que, mesmo assim, não deixam de ser visíveis.

Este tipo de actividade extra-curricular, na sua tentativa de fugir à educação formal, onde raciocínios lógicos e linguísticos são privilegiados, embora os novos caminhos da educação estejam já centrados no aluno e nos seus interesses, vem colocar uma tónica naquilo que, segundo Howard Gardner (Gardner, 2000) são outros tipos de cognição, ou «múltiplas inteligências». Este autor defende a pluralidade do intelecto com o reconhecimento da existência de sete tipos diferentes de inteligência, a saber: A inteligência lógico-matemática, a inteligência linguística, as mais valorizadas, pois socialmente as capacidades verbais e matemáticas são consideradas mais importantes, a inteligência espacial, a inteligência musical, a inteligência corporal-cinestésica, sendo estas últimas relacionadas respectivamente com «a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo» (Gardner, 2000: 15), com a capacidade e sensibilidade musical e «a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos utilizando o corpo inteiro, ou partes do corpo» (*ibidem*) e duas formas de inteligência pessoal, a interpessoal que se prende com «a capacidade de compreender outras pessoas; o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas» (*ibidem*) e a intrapessoal que «É a capacidade de formar um modelo preciso e verídico de si mesmo e de utilizar esse modelo para

operar efectivamente na vida» (*ibidem*). A elaboração da sua definição de inteligência «como a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários» (Gardner, 2000:14), decorre do reconhecimento dos diversos papéis desempenhados pelos seres humanos e, assim, a sua teoria assenta no pressuposto de que todos temos os nossos interesses, habilidades, capacidades e maneiras próprias de aprender e por isso a escola e o ensino deveriam estar centrados no indivíduo e no seu perfil, sem, contudo, esquecer ou relegar para segundo plano um conjunto de aprendizagens formais que qualificam os indivíduos e os tornam capazes de, um dia mobilizarem para o exercício de uma profissão.

É nesta perspectiva que faz sentido implicar a Arte, nas suas mais variadas formas, nas práticas educativas, pois ela pode recorrer e despertar outros tipos de «inteligência» que vão facilitar a aprendizagem cognitiva, social e cultural dos diferentes indivíduos, ampliando e diversificando os contextos de aprendizagem.

### **3. O lugar da arte e a expressão da subjectividade na educação em contexto prisional**

Podemos começar com uma definição de arte. Talvez um começo arriscado, porque não é fácil definir Arte. A Arte é normalmente ligada à arquitectura, à pintura, à escultura, à música, à literatura, ao teatro, sendo as três primeiras artes estáticas, pois permanecem imutáveis no tempo e no espaço. As últimas existem no tempo e precisam de ser recriadas através da leitura e da representação para se tornarem vivas. É a criação do belo. Mas é, com certeza, também uma forma de arte a capacidade de «saber fazer», e, aqui, cabem muitas categorias, as chamadas artes menores: a cerâmica, a têxtil, para não mencionar mais, cuja característica é a utilidade, mas tem um acrescento de qualidades decorativas.

O que ela envolve sempre é qualquer forma de representação, que se prende com as emoções, os sentimentos, a forma de olhar o mundo, a expressão da intuição, da criatividade, em suma, a representação de um processo mental do artista. «A forma de uma obra de arte é a configuração que tomou» (Read, 2007: 29), que o artista «no processo real de percepção, pensamento e acção corporal» (*idem*) lhe deu. A arte e as suas formas são apreciadas segundo os nossos sentidos,

aquilo que nos dá prazer e como sentimos de forma diferente, a apreciação nem sempre é consensual.

Por isso, o que temos de descobrir é um critério exterior às peculiaridades individuais dos seres humanos e o único critério que existe é a *natureza*. E por natureza entendemos a totalidade do processo orgânico de vida e movimento que existe no universo, um processo que inclui o homem, mas que é indiferente às suas idiossincrasias genéricas, às suas reacções subjectivas e às variações temperamentais (Read, 2007: 29).

O artista sente a natureza e dá-lhe a forma, a cor, a palavra, o som que a sua imaginação e subjectividade lhe permitem inventar. É na comunicação com os outros que a Arte encontra a sua concretização, pois só no contacto da obra com quem a vê, lê, ouve, toca e aprecia é que ela assume todo o seu potencial, no encontro de objectividades e subjectividades de quem produz e de quem aprecia.

Nas sociedades contemporâneas, a arte tem deixado de ser elitista, tendo vindo a servir como meio de expressão e afirmação identitária do indivíduo e dos grupos. Segundo Castells (2007), as identidades são fonte de significado para os indivíduos e grupos que as originaram e são construídas a partir

da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam o seu significado em função de tendências sociais e projectos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espço (Castells, 2007: 4).

Esse significado envolve um «processo de autoconstrução e individualização» (*idem*).

A arte, enquanto expressão da subjectividade humana, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia significa libertação e pode funcionar como um factor importante na reconstrução de identidades e no reconhecimento de capacidades individuais, que podem estar esmagadas, até pela própria escola, legitimada para encobrir e desvalorizar comportamentos que fujam a normas convenientes.

A arte pode contribuir para a emergência de uma “identidade de resistência” (Castells, 2007: 4-5) para aqueles

que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (*ibidem*)

Pode, ainda, levar à criação de uma «identidade de projecto» por aqueles que, «servindo-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance constroem uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade» (*ibidem*).

A Conferência Mundial para o Ensino Artístico, baseando-se em estudos desenvolvidos nesta área, defende que se devem integrar as artes na educação já que essa integração vem favorecer o processo de ensino aprendizagem, o crescimento da relação com as comunidades e tem um impacto positivo na auto-estima e criatividade dos estudantes, na aquisição de capacidades de relacionamento e de trabalho de grupo. Tendo isto em conta, as escolas e, em particular, em contexto prisional, devem dar incentivos, motivações, oportunidades e ferramentas aos alunos através das potencialidades da arte, quer no acesso e contacto com diferentes formas de expressão artística: ver teatro, assistir a concertos, visitar exposições diversas, frequentar museus, trazer arte para dentro das cadeias. Desta forma, talvez, novas motivações, novas sensibilidades, desejos, criatividade, diferentes maneiras de olhar o mundo e de se posicionar nele, possam ser despertadas nesses homens reclusos, cujos horizontes são, muitas vezes, limitados aos muros das cadeias numa estagnação da vontade de trabalhar e prosseguir, com vista a um futuro que possa ser mais inclusivo e promissor.

Estudos de investigação e casos concretos, descritos nas actas das reuniões preparatórias da Conferência Mundial sobre Educação Artística e no Relatório dos Simpósios Regionais da Ásia sobre Educação Artística, mostram que o contacto com

processos artísticos desde que se incorporem na educação elementos da sua própria cultura, permite cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma "bússola" moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e de acção. (Comissão Nacional da UNESCO, 2006, Roteiro para a Educação Artística).

Para além do desenvolvimento das capacidades individuais, o contacto com a arte, nas suas mais diversas expressões constitui um meio de comunicação e de manifestação cultural, já que cada cultura possui as suas expressões artísticas e as suas práticas culturais específicas. A sua valorização e divulgação são uma forma de fortalecer as identidades e valores pessoais e culturais, contribuindo para salvaguardar a diversidade cultural e patrimonial das civilizações humanas. É no diálogo intercultural, que pressupõe igualdade, de direitos, de deveres, de dignidade

e oportunidades, mas que, também, pressupõe a diferença no reconhecimento, aceitação e respeito pela diferença, pelas diferentes formas de ser, de estar e de ver o mundo, que devemos, hoje, na sociedade global em que vivemos, agir por forma a conseguirmos uma sociedade mais coesa, democrática e inclusiva.

No discurso inaugural da Conferência, o Director Geral da UNESCO lembrou que

Num mundo confrontado com novos problemas à escala planetária (...) a criatividade, a imaginação e a capacidade de adaptação, competências que se desenvolvem através da Educação Artística, são tão importantes como as competências tecnológicas e científicas necessárias para a resolução desses problemas (Relatório Lupwishi Mbuyamba, 2006: 2)

Assim, há que integrar na educação, em paralelo com o desenvolvimento das capacidades cognitivas, o desenvolvimento das capacidades emocionais, potenciadas pelo contacto com formas artísticas, pois o desenvolvimento emocional é um factor importante na consolidação da capacidade de reflexão e de discernimento.

A educação pela arte pode potenciar espaços interiores de liberdade, mas temos de entender a liberdade como Read a propõe:

A liberdade em educação não é nada mais do que possuir-se a capacidade de se tornar unido (...) A luta pela liberdade (...) deve ser encarada como uma luta pelo direito à experiência: a liberdade não é um fim em si mesmo, nem uma política ou um programa. Ser livre de todos os laços é um infortúnio – é nascer-se com uma cruz e não com uma coroa de glória. Isto quer dizer que a responsabilidade em vez de ser partilhada por muitas gerações, deve ser pessoal. Viver em liberdade é uma responsabilidade pessoal, ou então é uma farsa (Read, 2007: 347).

Viver em liberdade dentro de uma prisão é ter esta capacidade de criar laços de união, de estabelecer relações de confiança com quem proporciona a experiência da educação, e de assumir esse percurso como uma responsabilidade pessoal interior. É, pois, pertinente promover, dentro dos estabelecimentos prisionais, o contacto dos reclusos com diferentes formas de expressão artística, quer através de dinâmicas de desenvolvimento de actividades promovidas através da Escola e da própria instituição, em articulação com entidades exteriores, quer trazendo para dentro da prisão mostras de expressão artística, quer possibilitar, àqueles que têm medidas de flexibilização de penas que lhes permitem deslocações ao exterior, o acesso a essas mesmas formas de expressão artística.

São muitas as experiências teatrais desenvolvidas pelas escolas e por outras instituições que vão no sentido de proporcionar aos alunos e a outros membros da

sociedade uma forma criativa e autêntica de comunicar e de crescer a nível pessoal e em cidadania.

Hugo Cruz e Inês Pinho no livro *Pais, uma experiência*, relatam uma experiência levada a cabo e integrada no Projecto PAIS XXI no âmbito do Plano Municipal de Prevenção Primária das Toxicodependências de Santa Maria da Feira, na qual o teatro foi uma das actividades realizadas para promover e melhorar as relações entre pais e filhos.

Perante a prática da intervenção psicológica, a sensação de que a maior parte das pessoas que procuram respostas para os seus problemas apresenta, directa ou indirectamente, dificuldades/bloqueios na sua expressão e por inerência na comunicação com o outro, foi com o tempo tomando-se uma convicção incontornável (Cruz e Pinho, 2006: 74).

Esta dificuldade de comunicação com os outros que muitas pessoas sentem que têm ao nível das relações, das emoções, dos sentimentos e comportamentos pode ser melhorada com a participação em experiências de teatro ou de expressão dramática, pois são contextos informais, nos quais os diferentes intervenientes se encontram ao mesmo nível e se pode envolver sem receio, porque «tudo o que acontece no teatro (espaço estético) é verdade permitindo vivências catalizadoras de mudanças» (Cruz e Pinho, 2006: 75)

Pelo que se expôs atrás e pela experiência desenvolvida nos últimos anos na Oficina de Teatro da Escola no Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, o contacto com o teatro, enquanto expressão dramática, facultado aos indivíduos reclusos, fora do espaço da educação formal, como uma actividade voluntária, com a intencionalidade de, através de um jogo «que por si só é teatral» e por isso «é inerente ao ser humano» (Cruz e Pinho, 2006: 77), permitir «a reconstrução, podendo ajudar a desenvolver no sistema pessoal a competência para lidar com as diversas situações de vida» (Cruz e Pinho, 2006: 77) e caminhar no sentido da responsabilização pessoal e na reconstrução identitária dos reclusos.

Algumas dificuldades se colocam, no entanto, pois este tipo de intervenção junto da população prisional é relativamente recente e carece de tempo para se enraizar em práticas que comecem a produzir resultados positivos, que só se poderão concretizar quando esta intervenção for possível de assegurar mal um indivíduo entre no estabelecimento prisional. Na abertura proporcionado pela entrada em vigor do Decreto-Lei nº 265/79 a vida e os reclusos retidos nos estabelecimentos prisionais começaram a ser olhados de uma nova forma. Assim, a importância crescente dada ao trabalho, à formação e ao aperfeiçoamento

profissional, à ocupação dos tempos livres, permitiu uma flexibilização do sistema, que enveredou pelo caminho da aproximação do recluso à vida da comunidade e à sua reinserção social, preparando-o e responsabilizando-o em planos de tratamento que visam esses objectivos. Uma maior individualização e comprometimento por parte do recluso nos planos de tratamento com os mesmos fins, está subjacente no Decreto-Lei nº 115/2009 de 12 de Outubro, em vigor a partir de Abril de 2010.



## **Capítulo II – Contextualização científica do objecto de estudo**

## 1. Um olhar pelo Teatro ao longo dos tempos

Para Augusto Boal (Boal, 2008) o Teatro existe, poderíamos dizer, desde sempre. Isto será verdade se considerarmos que o teatro é a representação do real, é comunicação, é acção. As comunidades das sociedades primitivas “faziam” teatro nas suas narrativas do quotidiano.

Nos filósofos gregos encontramos a reflexão sobre o que é a Arte e, nomeadamente, o Teatro, na sua relação com a Política, a Ética, a Moral e os estilos e géneros (Boal, 2008).

Aristóteles, para distinguir a tragédia da epopeia propõe os diálogos ou os monólogos das personagens, nos quais estes agem ao imitar aqueles que fazem alguma coisa e a narrativa para «narrar» as acções passadas na epopeia.

Desde Aristóteles e desde muito antes, já se colocavam os mesmos temas e argumentos que ainda hoje se discutem. De um lado se afirma que a arte é pura contemplação e, de outro, que, pelo contrário, a arte apresenta sempre uma visão do mundo em transformação e, portanto, é inevitavelmente política, ao apresentar os meios de realizar essa transformação, ou de demorá-la. Deve a arte educar, informar, organizar, incitar, atuar, ou deve ser simplesmente objecto de prazer e gozo? (Boal, 2008: 35).

Augusto Boal em *O Teatro do Oprimido* percorre as Poéticas de Aristóteles, Hegel, Brecht e a do Teatro do Oprimido e dá-nos uma visão de como, ao longo dos tempos se olhou, o teatro e o texto dramático. Concepções políticas, éticas e morais das sociedades e dos sistemas sociais das diferentes épocas estão subjacentes a esse olhar.

Segundo o mesmo autor, Aristóteles diz que a arte «recria o princípio criador das coisas criadas». Esta definição de arte reflecte a sua teoria da busca de uma força transformadora, uma substância que deu origem a todas as coisas, sendo a substância a unidade indissolúvel de «matéria» e «forma» e

Cada coisa vem a ser o que é (...) porque a sua matéria recebe uma forma que lhe dá sentido e finalidade. (...) O mundo das ideias não co-existe lado a lado com o mundo das realidades, mas ao contrário, as “ideias” (aqui chamadas “formas”) são o próprio princípio dinâmico da matéria. Em última análise: para Aristóteles, a realidade não é a cópia das ideias, mas, ao contrário, *tende* à perfeição expressa por essas ideias; contém, em si mesma, o *motor* que a levará à perfeição (Boal, 2008: 46).

Partindo desta teoria está subjacente na *Poética* de Aristóteles, que a Tragédia deve imitar acções humanas, mas só aquelas que em resultado das faculdades humanas se tornam hábitos da sua alma racional em busca da felicidade. Boal desvenda o carácter coercivo deste sistema pois a «finalidade última da Tragédia é provocar a «catarse»» (Boal, 2008: 63). Isto é, ela, Tragédia, pretende corrigir as acções humanas através da piedade e do terror criadas no espectador, pela empatia que estabelece com o herói, herói esse que sofre uma transformação no seu destino. Assim, os espectadores libertam-se dos seus próprios erros e inquietações, ao se reverem no herói trágico. Aristóteles, com o seu sistema purgatório pretende que o teatro sirva para eliminar tudo o que não é aceite, legal e comum, pretende condicionar, cingir, adaptar o espectador.

As formas teatrais que encontramos na Idade Média com a representação dos mistérios, milagres, farsas, ou, mais genericamente, peças de pecado e peças de virtude, por grupos itinerantes perpetuam a ideia catártica proposta por Aristóteles, no sentido em que pretendem purificar a plateia em relação ao Mal e impedi-la da tendência de modificação da sociedade. O clero e a nobreza, as classes dominantes, impunham-lhe um carácter doutrinal e moralizador, que nas peças se reflectia na recompensa do Bem e no castigo do Mal. Há, no teatro medieval uma desindividuação do actor: as personagens eram

“abstracções de valores morais e religiosos (...). Os mais típicos chamavam-se Luxúria, Pecado, Virtude, Anjo, Diabo, etc. (...). Personagens que simbolizavam o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o recomendável e o condenável (Boal, 2008: 104)

As tentações do Diabo a incitar ao mal, embora sempre presentes, revelavam um diabo temente e obediente à superioridade de Deus:

E o Diabo levando-o ao alto de um monte mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo e disse-lhe: “Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu” E Jesus respondendo disse-lhe: “Vai-te Satanás, porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás” (Evangelho de São Lucas, capítulo IV, vs 5 a 8)

Os autos de Gil Vicente são bem um exemplo do teatro que se praticava nesta altura.

A desindividuação que o teatro medieval potenciou, vai ser substituída pelo retorno à ênfase no indivíduo com o desenvolvimento do comércio e da ciência, paralelamente com o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, mais

interessada em promover o seu enriquecimento e importância nas decisões políticas e sociais, do que pactuar com os privilégios de uma classe, que os detinha por nascença e não por mérito e trabalho individual. Assim, os valores medievais são progressivamente redefinidos, numa lógica renascentista de valorização do trabalho individual, do homem real que se empenha, graças ao seu esforço e acção, com vista à riqueza e elevação social. Em sintonia com estes novos valores, a arte, e, particularmente o teatro, vai voltar-se para a realidade concreta e nela procurar novas formas de se expressar. Shakespeare e Maquiavel são os primeiros dramaturgos destes novos ideais, nos quais a personagem «deixou de ser objecto e transformou-se no sujeito da acção dramática» (Boal, 2008: 113).

No seguimento desta nova dimensão do teatro dada pela burguesia, Hegel vem por alguma contenção na liberdade que a personagem assumiu, propondo que ela é livre, sim, mas a sua liberdade implica consciência e ética, isto é «os valores morais, abstratos, adquirem porta-vozes concretos, que são as personagens» (Boal, 2008: 128). Os valores são eternos e as personagens ao assumirem determinados valores entram em choque com as suas antíteses, criando a acção dramática, que segundo Hegel «deve ser conduzida a um determinado ponto onde possa ser restaurado o equilíbrio» (*ibidem*), sendo certo que o erro deve ser punido, o que no teatro se traduziria pela morte ou arrependimento da personagem que o cometeu, para que a verdade dogmática preestabelecida possa prevalecer. Hegel define bem os estilos e as técnicas cénicas; nas peças épicas a objectividade predomina para deixar lugar à subjectividade nas peças líricas e buscando um equilíbrio entre objectividade e subjectividade nas peças dramáticas – tragédia ou comédia.

O Romantismo, nas palavras de Victor Hugo quer trazer para o teatro todas as emoções da vida humana, numa clara «reacção contra o mundo demasiado bem organizado dos clássicos e contra o ostracismo que pesava sobre alguns temas» (Ryngaert, 1992: 20). Victor Hugo e Hegel estabelecem os mesmos valores eternos e imutáveis e liberdade espiritual para todos os homens.

O Realismo vê o homem como um produto do meio ambiente e representa uma realidade que já é conhecida, daí que o teatro tente reproduzir, o mais exactamente possível, a realidade. Esta objectividade não podia ir mais além, dando lugar a todo um conjunto de estilos subjectivistas: impressionismo, expressionismo, surrealismo,

todos eles tendentes a restaurar uma liberdade, porém meramente subjectiva. Surgiram as emoções abstratas, o medo, o terror, a angústia. Tudo na cabeça do personagem que

projectava exteriormente o seu mundo fantasmagórico. O próprio realismo procurou caminhos dentro do homem, explorando a psicologia, (...) Reduziu o homem a equações psicoalbébricas (Boal, 2008: 131/2).

Esta última fase do teatro e da sociedade burguesa «concluem a trajetória deste teatro, quando o homem multidimensionalizado é submetido a reduções que o transformam por completo em novas abstrações, quer sejam elas de ordem psicológica, moral ou metafísica» (Boal, 2008: 135)

A *Poética* realista de Brecht, por oposição às poéticas idealistas de Aristóteles e Hegel, embora incluindo os mesmos géneros: lírico, épico e dramático (comédia e tragédia), propõe que a personagem não é inteiramente livre, como nestas, mas é objecto de forças sociais. Por oposição a Hegel que diz que as personagens são sujeito absoluto e as acções exteriores têm origem no espírito livre dessa personagem, Brecht diz que a personagem é «*objecto de forças económicas, ou sociais*, às quais responde, e em virtude das quais atua» (Boal, 2008: 149). Assim, em Brecht existe o primado da objectividade, já que a acção é determinada e condicionada pelo ser social e pela função social da personagem, que não nasce com determinadas características; elas não são faculdades humanas, transformadas em paixões e hábitos, como pretendia Aristóteles, mas características adquiridas socialmente. Para Brecht a acção dramática pretende interpretar o mundo, mas vai além disso: pretende, também transformá-lo. Ele não nega a empatia aristotélica, mas coloca a ênfase na compreensão que o conhecimento traz e rejeita a emoção que a ignorância potencia.

A Poética do Oprimido proposta por Augusto Boal nas suas diferentes formas, Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Fórum, procura sempre a transformação da sociedade, mas, contrariamente às outras Poéticas já referidas neste trabalho, nesta o espectador deixa de ser um ser passivo: ele

não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagonico, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projectos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real (Boal, 2008: 182).

Outras formas de teatro contemporâneo, para além desta proposta do Teatro do Oprimido já não exigem que o texto seja especificamente escrito para teatro. A importância «que o texto considere ou programe acções a realizar, em especial se estas não criam fracturas entre o texto e a representação» (Ryngaert, 1992: 23) é

cada vez menor, pois o "fazer" é cada vez mais visto como pertencente ao palco, mas, «O critério da acção continua a ser pertinente do ponto de vista teórico» (*ibidem*).

O teatro actual aceita todos os textos quaisquer que sejam as suas origens e deixa à encenação a responsabilidade de revelar a sua teatralidade e na maior parte das vezes ao espectador descobrir o seu alimento. A escrita teatral ganhou em liberdade e em flexibilidade o que por vezes perdeu em identidade. (Ryngaert, 1992: 29)

Mas, nem por isso se pode reduzir qualquer texto a uma ênfase exagerada na teatralidade.

O Teatro é uma forma privilegiada de comunicar, fazer reflectir e reflectir sobre si mesmo. «O teatro é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em acção, em actividade (...). Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa (...) que se vê em situação» (Boal, 2002: 27). Qualquer texto de qualidade pode ser posto em cena, numa interpretação e encenação responsáveis com fins estéticos, de forma a comunicar com o espectador, levando-o a reflectir sobre o que lhe é apresentado, e dessa reflexão transformar-se e levar à transformação de uma sociedade, que é a nossa, no sentido da felicidade e da justiça social.

## **2. O Teatro e / ou expressão dramática nos estabelecimentos prisionais**

Por volta de 1970 o teatro começou a ter alguma expressão nas prisões. Algumas experiências quer promovidas pela escola dentro da instituição, quer pela própria instituição começam a ser postas em prática, de uma forma ainda tímida (Concílio, 2008).

Um abrandamento da rigidez prisional, provocada pela crescente denúncia das organizações de defesa dos Direitos Humanos, das torturas e tratamento desumano exercidos sobre os reclusos permitiu, de facto, que o teatro pudesse entrar nessas instituições. Subjacentes a essa entrada estão concepções que olham a arte teatral como um meio de proporcionar aos reclusos uma experiência estética que leve a uma tomada de consciência alternativa ao mundo do crime, através da convivência grupal e do desafio da criação de um espectáculo (Concílio, 2008). A

prisão é, como já vimos, um meio que racionaliza a identidade e a subjectividade do recluso. O que se pretende com a experiência da prática do teatro é dar ao recluso a capacidade de se libertar da alienação social em que, na prisão, ele mergulha. «Portanto, o que está em jogo é o próprio sentido da existência, a construção de um projecto de vida que ultrapasse os limites do aprisionamento e transforme a vida em algo maior que o presente» (Concílio, 2008: 39).

Pelo que anteriormente se expôs relativamente ao papel que o novo sistema prisional aberto tem no trabalho de ressocialização do recluso, adivinhou-se uma abertura para se apostar no teatro como mais uma via para essa ressocialização e futura inclusão social,

Não podemos deixar de sublinhar a contradição que existe entre a lógica de um sistema prisional que, por mais aberto que seja, constitui sempre «uma rede coerciva e contrária ao exercício crítico pertinente ao livre pensar, essencial a qualquer manifestação artística» (Concílio, 2008: 21) e a actividade teatral que «visa promover reflexão a partir de um processo artístico coletivo» (*ibidem*). Mas o sistema prisional, falível muitas vezes no seu objectivo actual de ressocialização e reintegração dos reclusos, percebeu que tinha de deixar abertura para que diferentes tipos de iniciativas, vindas de fora do sistema, o ajudassem nessa tarefa. Se a reabilitação do recluso funciona em pleno é um dado difícil de provar, mas, pelo menos, permanece a vontade de, em diferentes frentes, o tentar. Uma das formas de o fazer é, precisamente, proporcionar o contacto do recluso com o teatro e com as pessoas que lho trazem para que eles tenham a alternativa de incorporar, nas suas atitudes e formas de actuação, as propostas que lhes são apresentadas como conquistas de espaços interiores de liberdade que equilibram a vida de reclusão em que se encontram, combatendo, assim, a revolta, a fantasia e a estagnação por ela potenciada e transformando a sua vida em algo mais do que o presente, num perspectivar de alternativas difíceis, mas possíveis.

O Teatro funciona para os actores reclusos como uma forma de socialização e como diz Claude Dubar, no seu livro *A Socialização* (1997: 13) «a identidade de alguém é (...) aquilo que ele tem de mais precioso; a perda de identidade é sinónima de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte.» Ainda segundo o mesmo autor, essa identidade não se completa ao nascer, ela vai sendo construída pelo indivíduo em «sucessivas socializações».

José Alberto Correia, no prefácio de *A Crise das Identidades* (2006: II) de Claude Dubar, refere que as crises identitárias que as crises das sociedades

modernas potenciaram têm de ser resolvidas e reconstruídas pelo próprio indivíduo «...no decurso das suas trajectórias de vida com a contribuição das instituições e do social-comunitário e, portanto, das interacções.».

Nesta socialização que a integração num grupo de teatro permite, os reclusos interagem na construção do texto, na interpretação do mesmo, na encenação, no estilo, nas relações de conflito, de harmonia, de reflexão que se vão gerando na montagem de uma peça de teatro. A função e a existência do grupo são cruciais, pois é através do grupo que as relações sociais se vão estabelecendo e, assim, mais do que a definição e afirmação individual de cada um é na relação grupal que cada um melhor se define.

Herbert Blumer desenvolveu o conceito de «interaccionismo simbólico», segundo o qual a acção e conduta humanas se baseiam em três premissas fundamentais:

The first premise is that human beings act towards things on the basis of the meaning that the things have for them (...) The second premise is that the meaning of such things is derived from, or arises out of, the social interaction that one has with one's fellows. The third premise is that these meanings are handled in, and modified through, an interpretation process used by the person in dealing with the things he encounters (Blumer, 1998, 2).

Independentemente de factores psicológicos e sociológicos que, sem dúvida, marcam os indivíduos, é na interpretação das suas interacções individuais e sociais que se constrói a individualidade de cada pessoa, num processo formativo «in which meanings are used and revised as instruments for the guidance and formation of action» (Blumer, 1998: 5). Assim, as relações sociais conseguidas pela interacção que implica a participação efectiva em experiências de teatro podem conduzir os reclusos a interpretações que lhes moldem as condutas e os comportamentos no sentido positivo de uma alternativa de vida, valorizando a sua subjectividade, muitas vezes oculta, por defesa, inibição ou precaução.

As potencialidades do teatro e da expressão dramática são desde há bastante tempo reconhecidas pela comunidade escolar e os variados projectos implementados pelas escolas nesta área disso são prova. É uma aposta na aquisição de competências comunicativas, na compreensão, interpretação e produção de textos e na expressão oral e corporal, de competências sócio-afectivas expressas na socialização, no sentido de cooperação e responsabilidade de grupo, no aumento da auto-estima, na iniciativa e criatividade, no sentido estético e no espírito crítico e de competências relacionadas com a recolha e tratamento de



informação, evidentes em desenvolvimento de técnicas de memorização, de técnicas de pesquisa, e organização da informação.

### **3. A experiência da Oficina de Teatro no EPPF**

Esta Oficina que trabalha com “actores”, que são ao mesmo tempo reclusos, faz com que tenhamos uma perspectiva diferente da função do teatro. Ele é feito em função dos actores e não só em função dos espectadores. É evidente que o produto final do trabalho, a peça em si, é para ser reflectida, apreciada e criticada, mas todo o processo de construção que a ela leva é de uma importância crucial. Uns textos foram escritos e reescritos e desenvolvidos a partir dos reclusos, mostrando a realidade do seu sofrimento, outros adaptados e reescritos ao longo dos ensaios, com a intenção de permitir espaços de liberdade interior, para que fizessem bem aquilo que verdadeiramente queriam fazer.

Segundo Vicente Concilio, (2008) os reclusos são levados ao cumprimento das regras que decorrem da construção de um espectáculo, regras essas que são fruto da negociação entre todos os envolvidos e que a todos responsabilizam. São levados, também, a emitir opiniões e a trabalhar ideias para um fim comum, que todos pretendem de sucesso. São expostos à crítica do grupo e à aceitação da mesma, no respeito pelos outros e pelo fim comum que os move. Já não é a disciplinação coerciva da prisão a dominar os indivíduos, mas sim as regras negociadas e assumidas por eles, numa “libertação” permitida pela imaginação e pelo encarnar de personagens alheias com quem se podem identificar, ou não, vivem a fantasia tentando relacioná-la e compreendê-la numa tentativa consciente de olhar a realidade entre muros e a que os espera fora desses mesmos muros, escudando-se numa identidade reconstruída, em valores e atitudes, que lhes permita oportunidades reais de reinserção.

Foi nesta perspectiva que nasceu a Oficina de Teatro da Escola no EPPF e é neste sentido que vão os objectivos definidos para a Oficina de Teatro. Criar espaços de debate e reflexão, incentivar a análise crítica do que nos rodeia, contribuir para a ressocialização dos reclusos, promover a auto-estima, analisar e interpretar as relações sociais, desenvolver a consciência do lugar do indivíduos nas teias das relações sociais, reaprender o respeito mútuo e o respeito pelo outro e

pelas diferenças, proporcionar situações que permitam desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade, desenvolver a assertividade, promover a leitura de poesia e sua interpretação, reflectir sobre a importância política e social do texto dramático e do Teatro propriamente dito, respeitar regras, desenvolver a consciência de sentido estético, adquirir e desenvolver competências nos domínios da expressão e comunicação vocal e corporal, levar à cena representações dos reclusos.

Existe uma outra vertente, para além da flexibilização do sistema prisional, da consciência da sua importância por parte da Escola, fundamental para que projectos desta natureza sejam viáveis, as parcerias estabelecidas com as comunidades locais, nacionais ou internacionais que tornam possíveis, quer em termos de iniciativas, quer em termos de visibilidade e mesmo em termos financeiros a exequibilidade destes projectos. A Conferência Mundial para o Ensino Artístico para isso chama a atenção. É responsabilidade dos Ministérios da Educação, da Cultura, do Ensino Superior e da Investigação promover, alimentar e sustentar iniciativas que, tanto a nível da educação curricular como da extracurricular surgem, um pouco por todo o lado, mas que, por vezes carecem de consecução por falta de meios e apoios. Cabe também às autarquias e às diferentes instituições culturais e educativas promover e apoiar iniciativas nas quais a arte, nas suas mais diversas formas, é colocada no centro da formação e não à margem. As escolas têm, também o seu papel a desempenhar. Nos Estudos de Caso da referida Conferência afirma-se que a colaboração activa entre instituições proporciona oportunidades de enriquecimento dos métodos pedagógicos (<http://www.unesco.org/culture/lea>). Dentro das escolas são também os professores quem beneficia destas parcerias, no enriquecimento pedagógico, no contacto com os artistas e os seus conhecimentos e experiências.

As primeiras sessões da Oficina de Teatro foram conversas sobre o teatro e a sua evolução ao longo dos tempos, o que é uma peça de teatro, como funciona o texto dramático e a representação, a importância cultural e social do teatro. Foram realizados exercícios de colocação de voz, de respiração, de relaxamento, de conhecimento do próprio corpo e da sua plasticidade, de leitura de diversos tipos de texto, de interpretação e de produção de texto, representação de vários pequenos sketches e de duas peças no interior do EPPF, representação de cinco peças fora dos muros da prisão, dizer poesia num sarau de poesia, também fora do EPPF, duas deslocações ao Teatro Nacional de S. João, uma ao Teatro Municipal Rivoli, outra ao Teatro Carlos Alberto e ainda outra às instalações do Grupo Teatral

Freamundense para assistir à representação de peças de teatro e, finalmente, participação com uma Mostra de Boas Práticas na Conferência Nacional de Educação Artística.

Descreve-se agora, mais detalhadamente, a actividade da Oficina desde o seu início no ano lectivo de 2005/2006. Em termos da investigação que vai ser feita é pertinente esta descrição mais detalhada neste trabalho por diversas razões. A primeira, para um enquadramento prático do meu objecto de estudo, identificado no 3º capítulo desta Tese de Mestrado. A segunda prende-se com o facto de que, nas narrativas biográficas que vão ser apresentadas num capítulo posterior desta tese, os narradores, recorrentemente, falam sobre todo o trabalho que foi com eles desenvolvido ao longo dos anos de funcionamento da Oficina, portanto uma contextualização é importante. Uma outra, sem falso pretensiosismo, pretende dar a conhecer boas práticas que se vão realizando dentro de estabelecimentos fechados, como o são os estabelecimentos prisionais, facto esse que é apontado como pertinente pelas Conferências Mundial e Nacional para o Ensino Artístico, que já foram objecto de referência neste trabalho. A última, ao mencionar as parcerias que foram estabelecidas pela Oficina de Teatro da Escola no EPPF com diferentes organismos e entidades exteriores ao estabelecimento prisional, pretende realçar a importância e a necessidade dessas mesmas parcerias para se conseguir trabalhar e atingir metas, sendo a sua pertinência também realçada pelas Conferências acima mencionadas.

As inscrições são abertas a toda a população reclusa, como a lei prevê, mas no início só se inscreveram alunos da Escola no EPPF. Presentemente, com o evoluir e com a divulgação do trabalho da Oficina já contamos também com a frequência de alguns reclusos que não integram a escola. Não é um grupo muito grande e também não é um grupo estável, pois as contingências destes estabelecimentos, tais como as transferências de reclusos entre os estabelecimentos prisionais, a situação penal dos reclusos e as saídas para a liberdade assim o determinam.

O início foi tímido, havia uma certa desconfiança e falta de abertura dos alunos em relação, respectivamente ao que ali se iria fazer e à exposição a que iriam estar sujeitos. Conversas francas sobre os objectivos da Oficina e o que se esperava dos seus membros, bem como os trabalhos realizados nas primeiras sessões, acima referidos, em muito contribuíram para o clima de à vontade e de confiança que começou a desenvolver-se entre os seus elementos.

Os primeiros trabalhos desta Oficina, publicamente apresentados dentro do EPPF foram uma sessão de leitura de poesia e duas pequenas representações de textos elaborados pelos elementos da Oficina e que versavam uma temática muito chegada aos reclusos: a droga. O texto, cómico, brincou, a sério, com a vida nas cadeias e o efeito que pode ter na visão futura da vida, por parte destes homens. Foram trabalhados e construídos os cenários e o guarda-roupa foi estudado ao pormenor. Os ensaios eram a hora preferida destes “actores”. O empenho de todos ficou evidente no trabalho de memorização, de construção dos cenários e guarda-roupa, de ensaios, de entendimento e de respeito pelo esforço de cada um e de todos.

O primeiro revés foi sentido quando planeamos uma saída para uma representação de um desses textos no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo. Por impedimentos legais não nos foi permitido sair. Depois de passado o desânimo inicial, partiu-se para a reformulação do texto do sketch para ser apresentado numa festa da escola no EPPF.

No âmbito de uma parceria com o Grupo Teatral Freamundense, a Oficina de Teatro foi convidada a representar uma peça no exterior do EPPF, mais precisamente no Festival de Teatro promovido por aquela associação.

Também foi estabelecida um protocolo com a Câmara Municipal de Paços de Ferreira que nos facilitou um encenador para trabalhar com a Oficina. Foi ele quem sugeriu a peça que iríamos trabalhar: *Uma Gota de Mel*, versão adaptada do texto de Leon Chancerel. O processo de construção deste espectáculo foi exigente para todos os elementos. O texto e a coreografia foram sendo compostos à medida que os actores desvendavam as suas capacidades de interpretação e de presença em palco e se sentiam à vontade nos seus papéis. Por vezes, durante os ensaios, parecia que não iríamos conseguir, porque um ou outro actor desmoralizava e não conseguia entrar nos momentos certos, mas aí sobrepôs-se a vontade, o entusiasmo e a responsabilidade do grupo que ajudava quem precisava. O receio esteve sempre presente e, muito especialmente, no dia 22 de Dezembro de 2006, dia da estreia. Fora dos muros do EPPF encontrava-se um ex-recluso, que tinha entretanto saído em liberdade, mas que se comprometeu a vir representar o seu papel junto dos seus ex-companheiros. Este facto salienta a importância que esta Oficina tem nas relações pessoais aí estabelecidas e o sentido de responsabilidade por eles ganho. Nesse dia de estreia, fora de muros, contamos com a presença de várias entidades entre as quais o Director Geral dos Serviços Prisionais, Dr. Rui Sá Gomes, o

Presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, a Vereadora da Educação da mesma Câmara, um representante da DREN (Direcção Regional de Educação do Norte), o Director e a Directora Substituta do EPPF, que reconheceram a importância do trabalho desenvolvido e a pertinência de o continuar.

Em 30 de Março de 2007, num entendimento entre a Oficina de Teatro e o Teatro Nacional de São João (TNSJ), deslocamo-nos ao referido Teatro para ver a peça de Joe Orton, *O Saque*. No final do espectáculo fomos recebidos pelo então Director do TNSJ, Dr. Ricardo Pais e pelo elenco da peça, momento para os nossos “actores” colocarem perguntas aos presentes sobre o teatro, a representação, sobre o que significa ser actor, os métodos utilizados para trabalhar os textos. É de salientar que para alguns dos elementos da Oficina esta foi a primeira vez que assistiram a uma peça de teatro.

O sucesso da primeira peça fez-nos partir para um novo desafio: produzir um texto que reflectisse a experiência de vida em reclusão, os sentimentos mais íntimos, mais profundos, aquilo sobre o que não gostam de falar. Houve uma certa resistência inicial, mas à medida que íamos recolhendo os depoimentos de todos, eles perceberam que se estavam a analisar a eles próprios e a reflectir sobre si próprios. Construiu-se o texto e começaram os ensaios. Não foi fácil, pois o texto era complexo, sofrido, mexia com os homens, as suas vidas, os seus sentimentos. Mas eles aceitaram essa exposição. Colectivamente reflecte-se sobre a vida daqueles que se desviaram do trilho e enveredaram por caminhos marginais que os conduziram à situação actual. Já em reclusão falam do que sentem, do arrependimento, da esperança numa vida melhor. A 5 de Maio, a convite do pelouro da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, deslocamo-nos ao Auditório da Biblioteca Municipal da referida cidade para a estreia de *Branco Preto Branco*. Este é o nome da peça que fala do Branco da liberdade ao Preto da prisão e de volta ao Branco na esperança da liberdade. O actor Ruy de Carvalho assistiu à peça e comentou: «Vi homens verdadeiramente livres». É de referir que os actores/reclusos não quiseram representar esta peça dentro do EPPF nem dentro de qualquer estabelecimento prisional pela exposição que essa actuação representaria perante os seus companheiros de reclusão.

A 31 de Maio de 2007, mais uma vez a convite do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, a Oficina fez um Sarau de Poesia, denominado *Poesia ao Luar*, para o qual se trabalharam vários poemas

seleccionados pelos alunos, deu-se alinhamento aos mesmos e apresentou-se o espectáculo na Casa da Eira do Parque da Cidade em Paços de Ferreira.

A 18 de Outubro de 2007 e para manter os elementos da Oficina em contacto com os palcos, fomos ao Teatro Rivoli, no Porto assistir ao musical *Jesus Cristo Superstar*. Novamente fomos recebidos, no final do espectáculo, pelo elenco do musical e pelo director de cena dispostos a trocar umas palavras connosco.

Por duas vezes, em anos consecutivos, participamos com a leitura de poemas medievais, vestidos a rigor, nas duas edições da Feira Medieval, organizada pela Escola Secundária de Paços de Ferreira.

Em 29 de Outubro de 2007, a Oficina de Teatro participou na Conferência Nacional de Ensino Artístico, promovida pelos Ministérios da Educação, da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, para dar expressão nacional à Conferência Mundial para a Educação Artística colocada no terreno numa iniciativa da UNESCO e que teve lugar em Lisboa em 2006. As Coordenadoras da Oficina de Teatro apresentaram uma comunicação sobre a importância da vertente artística aplicada à educação e sobre a experiência da Oficina de teatro no EPPF. Os alunos participaram numa Mostra de Boas Práticas que trouxe à plateia o processo de construção da peça *Branco Preto Branco*, desde a recolha de depoimentos junto dos alunos /reclusos, aos ensaios e, finalmente, à representação de um excerto da referida peça.

A 1 de Dezembro do mesmo ano voltamos a representar a peça *Branco Preto Branco* no Auditório da Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, a convite do Espaço T, uma instituição ligada à reinserção social, integrado no Ciclo de Espectáculos em Teatro e Dança, denominado Corpo Evento, promovido anualmente por esta instituição.

Entretanto, e como já tinha iniciado a ano lectivo de 2007/2008, já nos encontrávamos, paralelamente com os ensaios do *Branco Preto Branco*, a preparar uma nova peça: 938, *O Rei Imaginário*, baseada num monólogo de Raul Brandão. O texto foi sendo construído pelo encenador, que desde o início colaborava com a Oficina e notava-se o crescimento dos actores tanto a nível pessoal como de responsabilidade para com a representação e para com o grupo. A estreia teve lugar em 10 de Maio de 2008. Esta peça conta a história do juiz Aristides Teles um homem da lei, defensor da justiça e da moral que se vê apanhado nas malhas do crime e é preso. É na prisão que este homem, o 938, se transforma e reconhece que agora é que devia ser juiz e julgar segundo o outro homem que tem encontrado em si e nos outros.

O contacto com o teatro foi retomado numa deslocação a Freamunde, onde, no dia 7 de Junho assistimos à peça *O Gato* representada pelos nossos parceiros do Grupo Teatral Freamundense. O gosto pelo teatro parecia ter contagiado os elementos da Oficina.

938, *O Rei Imaginário* regressou ao palco, desta vez no EPPF a 17 de Junho, na festa de encerramento do ano lectivo. Foi com bastante receio e expectativa que fomos para esta representação, pois não podíamos prever a reacção de uma população reclusa, pouco habituada a este tipo de espectáculo e muito crítica em relação ao trabalho dos outros. O interesse e o silêncio, só pontualmente quebrado, surpreenderam-nos positivamente e os comentários ouvidos salientavam a surpresa de verem companheiros seus em palco, capazes de levar a cabo um trabalho de qualidade e profissionalismo.

Esta peça foi levada a cena mais três vezes; uma na Casa da Cultura de Paredes, a convite da Câmara Municipal da cidade, outra a 31 de Julho no Auditório da Associação Empresarial de Paços de Ferreira, a convite da Câmara Municipal da cidade e integrada no Verão Activo. Aqui, a audiência era maioritariamente jovem e pedagogicamente foi importante mostrar aos jovens o quão facilmente qualquer indivíduo, independentemente da sua origem, raça ou formação pode cair no crime e enfrentar a reclusão. No final do espectáculo manteve-se uma conversa entre os jovens e os actores/reclusos. A terceira representação ocorreu, a convite da Câmara Municipal de Lousada, no Auditório Municipal da localidade.

O ano lectivo de 2008/2009 viu o grupo desfazer-se, pelas melhores razões. A grande parte saiu ou estava para sair em liberdade. Havia que recomeçar, com os novos elementos que se iam inscrevendo na Oficina. Motivação, teatro e expressão dramática, leitura e interpretação de texto, exercícios de voz, de relaxamento, de expressividade corporal. Uma pequena representação na festa de Natal da Escola no EPPF, intitulada *O Ofício do Menino Jesus* lançou o novo grupo que quis, de imediato partir para a representação de uma peça. Optou-se por encenar o poema de Vinicius de Moraes *O Operário em Construção*. Adaptou-se o texto, pensaram-se os cenários, fizemos ensaios, criaram-se laços de união, de cumplicidade, de responsabilidade entre os elementos do grupo que foi evoluindo em todos estes aspectos e na representação e fez-se a estreia em Dezembro de 2008 fez-se a estreia da peça no EPPF, integrada na festa de Natal da Escola no EPPF. *O Operário em Construção* voltou ao palco em mais dois momentos: um em Maio de 2009, mais uma vez e pela terceira vez, a convite da Câmara Municipal de Paços de

Ferreira, incluído na actividade promovida anualmente por aquela Câmara, Ciclo de Artes de Palco e uma outra a convite da Escola EB2/3 de Paços de Ferreira, em Outubro de 2009. O texto, mais uma vez, foi escolhido em função dos nossos actores, numa metáfora das suas vidas em (re)construção.

Em 28 de Novembro de 2009 assistimos no Teatro Carlos Alberto, no Porto à peça *O Avaro* de Molière, uma comédia muito apreciada por todos. De novo fomos, no final do espectáculo recebidos pelo elenco da peça para uma conversa informal sobre a peça e as artes cénicas em geral. Esta ida ao teatro insere-se num programa posto em marcha pelo Teatro Nacional de São João para levar as escolas ao teatro. Este programa prevê a elaboração de um produto final elaborado pelas escolas que assistiram a diferentes peças de teatro levadas a cena em diferentes teatros do Porto, a propósito das mesmas. A Oficina de Teatro apresentou um DVD, onde se mostra toda a construção do processo que levará à representação de alguns excertos da referida peça, numa interpretação e encenação nossas. Este DVD esteve em exposição, juntamente com todos os outros trabalhos das escolas que aderiram à iniciativa, durante o mês de Maio, na Sala dos Espelhos do Teatro Carlos Alberto. Vamos fazer a estreia da representação desta peça em 4 de Junho, a convite do Espaço T, no Auditório B do Teatro Rivoli. É nossa expectativa e, a exemplo dos anos anteriores, sermos convidados pela Câmara Municipal de Paços de Ferreira para fazer a mesma representação. Ficamos à espera. Esperamos, também, fazer a representação dentro do EPPF e do EPRVS.

Em todas as nossas actuações no exterior e no interior do EPPF fomos acompanhados e apoiados por diversas entidades ligadas à comunidade, ao ensino e ao meio prisional, no entendimento de que é fundamental para a comunidade restrita do EPPF e do EPRVS e para a comunidade geral extramuros conhecer e reconhecer este tipo de trabalho e é, também, importante para os elementos da Oficina verem reconhecida a sua capacidade de realizar tarefas, de se envolverem, de se responsabilizarem por projectos que não pensavam ser capazes de levar a cabo, simplesmente porque não lhes eram propostos. A Oficina de Teatro já entrou no espírito de abertura à comunidade e esta parece já a ter aceite.

Recebemos, também, o apoio da Direcção Geral dos Serviços Prisionais, do EPPF e do EPRVS para nos deslocarmos ao exterior, da Câmara Municipal de Paços de Ferreira pelos convites feitos à Oficina e pela colaboração e disponibilização de material e meios logísticos essenciais, da Escola Secundária de Paços de Ferreira pelo reconhecimento do trabalho feito e incentivo, dos professores



da Escola no EPPF e EPRVS que muitas vezes colaboraram com a Oficina, da DREN pela atribuição de horas lectivas às coordenadoras da Oficina para desenvolverem o projecto e de outras entidades e organizações.

Assim tem sido o trabalho desta Oficina. Desde o início, os alunos foram conduzidos neste processo de leitura de textos, de interpretação e análise crítica dos mesmos, e da sua representação, com vista a uma aprendizagem de competências várias que levem ao aprofundamento do conhecimento de si próprios e dos outros, numa compreensão dos espaços e do tempo como condicionadores de comportamentos e de leituras do mundo social conduzido por regras, injustiças e contradições que é preciso reconhecer e integrar na nossa visão do mundo. São estas as potencialidades de um projecto desta natureza e a vantagem da exploração da vertente artística como caminho para a construção de uma nova identidade.

É um trabalho moroso e difícil, este de se reposicionar socialmente, de ir construindo uma nova identidade que permita encontrar caminhos conducentes a uma vida inclusiva e proporcionadora de paz e tranquilidade. Alguns conseguem-no, outros demoram mais, outros, ainda, conseguem-lo-ão, talvez, mais tarde, mas outros, também, talvez nunca o consigam. É contudo um dever social e moral continuar.

## **Capítulo III – A Opção Metodológica**

## 1. Escolha da Metodologia

Qualquer metodologia qualitativa utiliza procedimentos que visem tornar o conhecimento com ela obtido como válido e com autoridade científica. Vários autores se têm dedicado a esta problemática e vários estudos têm sido realizados para justificar a pertinência, validade e cientificidade dos métodos qualitativos.

Poder-se-ia optar por outros métodos qualitativos que não as narrativas biográficas, mas foram sendo preteridos. A Etnografia e a Observação Participante por exigirem um tempo considerável de permanência e observação no local, de envolvimento e de interacção que a presente investigação não permitia por condicionalismos vários. O Estudo de Caso por se entender que a situação prisional não seria a indicada para ser levado a cabo. A Investigação-Acção não pareceu o mais adequado pelas dimensões e limites desta investigação, por não se procurar a detecção de um problema, mas a constatação de uma realidade existente e as suas implicações e, finalmente, pela inexistência da intencionalidade de agir para transformar.

A utilização dos métodos qualitativos aplicados às Ciências Sociais e Humanas tem vindo a aumentar e muitos autores o sustentam como a única via de se conhecer e perceber as sociedades actuais. E isto acontece, segundo Ferrarotti por duas razões:

La primera es que a menudo los problemas sociales más graves de una sociedad son problemas clandestinos que no se pueden cuantificar. La segunda, porque ciertos colectivos sociales importantes (...) no son representativos desde un punto de vista estadístico. Y sólo se pueden estudiar, como hemos hecho nosotros, intentando establecer con ellos una relación de confianza, lo que no ofrecen las investigaciones tradicionales, que no consideran esta relación necesaria (Ferrarotti, 2005:4).

A opção feita por esta metodologia, as narrativas biográficas, prende-se com a natureza do objecto de estudo: as pessoas, com o próprio objecto de estudo e com a convicção de que o método quantitativo teria que ser colocado de parte por isso mesmo. A relativa segurança dos números, das estatísticas e das percentagens não contempla uma parte importante da análise social; os números são passíveis de serem interpretados. O que eles são incapazes de revelar é o processo através do qual os indivíduos atribuem sentidos ao mundo. A acção e conduta humanas segundo o «interaccionismo simbólico» de Blumer (1998) concretizam-se na

interpretação que os indivíduos fazem das suas interacções individuais e sociais. É nesta interpretação que a análise das narrativas se deve centrar. Por isso mesmo, as Ciências Sociais e Humanas não devem ficar reféns de números ao analisar fenómenos sociais, nos quais os actores são indivíduos, eles próprios, universos de sentidos, em contextos específicos, em interacção com outros indivíduos, possibilitando, assim, ao dar voz ao individual de uma narrativa biográfica, uma leitura da sociedade.

Esta metodologia é pertinente em termos sociológicos, segundo as palavras de José Alberto Correia no prefácio à obra de Claude Dubar, *A Crise das Identidades* (2006: III), pois permite que se estabeleça «uma íntima relação entre o conceito de identidade narrativa, a sociologia compreensiva e interpretativa e a análise das narrativas (...) por referência às escolhas e orientações éticas», já que as novas formas identitárias que se reflectem nos inúmeros envolvimento sociais contemporâneos implicam uma referência ética que «permite a cada um narrar-se dando sentido à sua narrativa biográfica, que pode assim ser compreendida e analisada».

Optou-se por utilizar as narrativas biográficas na perspectiva segundo a qual Ferrarotti as encara como metodologia fundamental, por ele designada como «autonomia do método biográfico», na qual «o enfoque coloca-se no papel do sujeito e nas subjectividades e experiências pessoais» (Magalhães, 2005: 4) fugindo de outras perspectivas como a abordagem da antropologia cultural, na qual se privilegia «a cultura obscurecendo as subjectividades individuais» (*ibidem*) e a da Escola de Chicago para quem «as preocupações com a representatividade em termos da legitimação do fazer emergir de “problemas sociais” e da força das estruturas sociais, tem como consequência a eliminação do sujeito e das subjectividades» (*ibidem*).

## **2. Procedimentos iniciais**

Perante o exposto, o que se entendeu como adequado nesta investigação foi, então, ouvir os investigados, numa relação de confiança, em entrevistas parcialmente directivas, gravadas e anotadas e a partir delas escrever as suas narrativas de vida e analisá-las. Os narradores, dentro do universo restrito que, dentro do EPPF, fazem parte da Oficina de Teatro, foram escolhidos com base em

quatro critérios. Um deles foi a idade. Pretendeu-se abarcar faixas etárias o mais diversificadas possível. 28, 30, 40 e 48 anos são as idades dos reclusos escolhidos e que aceitaram colaborar nesta Tese. Outro critério foi o tempo de permanência na Oficina; um deles integrou a Oficina desde o seu início e aí se manteve durante mais de três anos até sair em liberdade, outros dois entraram no seu segundo ano de funcionamento, embora só mais recentemente tenham começado a trabalhar regularmente e o quarto manteve-se na Oficina durante dois anos, findos os quais teve de abandonar por ter sido colocado a trabalhar, por opção do próprio e consentimento do EP, pelas vantagens que isso traria ao seu percurso dentro da instituição. O terceiro critério relaciona-se com o tempo de pena a cumprir. É claramente importante, neste tipo de actividade, apostar em reclusos com penas longas pois os benefícios que elas lhes trazem ajudam-nos no seu percurso de cumprimento de pena. Esses benefícios reportam-se à ocupação do tempo, ao aumento da envolvimento na actividade, à interiorização de posturas positivas no seu crescimento pessoal e ao reconhecimento de alternativas aos vícios e ao ócio. Finalmente, o último critério relaciona-se com a proveniência social dos entrevistados; dois deles provêm da classe média e os outros dois de meios mais desfavorecidos socialmente.

Foi obtida autorização junto da Direcção Geral dos Serviços Prisionais para a realização deste estudo e das entrevistas, que ficaram sujeitas à concordância, por escrito, dos entrevistados. Não houve, por parte do EPPF qualquer restrição, ou impedimento no decorrer do trabalho. Foram dados nomes fictícios a todos os entrevistados para preservar o seu anonimato. Foi explicado a todos os entrevistados o que se pretendia com as entrevistas, a finalidade com que foram feitas, a maneira como se pretendia que elas decorressem. Aceitaram a gravação das entrevistas e as anotações que a investigadora ia fazendo. Tiveram acesso às transcrições integrais das entrevistas e à organização e elaboração das várias versões dos textos das narrativas e à sua posterior análise.

As entrevistas não foram realizadas nas condições ideais de privacidade, só com a presença do narrador e da investigadora, por nos encontrarmos num estabelecimento prisional. Aquelas tiveram de ser realizadas ou em salas de aula ou na sala de professores, onde, por vezes, as interrupções obrigavam a paragens, que, de certa forma, prejudicavam o fluir da conversa.

Com a finalidade de, por um lado, tornar a leitura das narrativas perfeitamente legível e agradável e, por outro, de tentar não lhes retirar autenticidade,

subjectividade e rigor, optou-se por limpar a versão final dos textos das narrativas das anotações escritas nas margens que foram feitas ao longo das gravações e das sucessivas reescritas do texto. Essas anotações estão presentes num pequeno texto colocado antes do início de cada narrativa numa articulação das reacções não verbais dos entrevistados com as diferentes temáticas presentes nas suas narrativas.

### 3. Justificação, Definição da Metodologia e Procedimentos

Reconheceu-se no pensamento e nas pesquisas de Ferrarotti a necessidade de retorno aos métodos qualitativos na Sociologia permitindo, na relação da história com as múltiplas biografias individuais, a possibilidade de «lire une société à travers une biographie» (Ferrarotti, 1983:52):

Toute pratique individuelle humaine est une activité synthétique, une totalisation active de tout le contexte social. *Une vie est une pratique qui s'approprie des rapports sociaux* (les structures sociales) *les intériorise et les retransforme en structures psychologiques par son activité de desstructuration-restucturation*. Chaque vie humaine se révèle jusque dans ses aspects les moins généralisables comme synthèse verticale d'une histoire sociale. Chaque comportement et acte individuel apparaissent dans ses formes les plus uniques comme la synthèse horizontale d'une structure sociale. (...) notre système social est tout entier dans tous nos actes, dans tous nos rêves, délires, œuvres, comportements, et l'histoire de notre vie individuelle (Ferrarotti, 1983:50).

Marc Augé (2005) elabora uma teoria da globalização acentuando três aspectos fundamentais, a saber: a noção de tempo ligada à ideia da superabundância de acontecimentos, a noção de espaço, que paradoxalmente é excessivo e correlativo ao estreitamento do planeta, no acesso imediato que podemos ter a todos os espaços. Fala dos «não lugares» onde passamos inidentificáveis por oposição aos lugares tradicionais onde tendencialmente queremos voltar e que identificam os indivíduos e as culturas. O terceiro aspecto prende-se com a individualização das referências, pois importa mais o sentido que o indivíduo, sujeito às imposições de uma sociedade global, dá à apreensão do quotidiano, interpretando-o e estabelecendo para si um caminho a seguir. Nesta

Individualização dos modos de proceder (...) nunca as histórias individuais foram tão explicitamente implicadas pela história colectiva, mas nunca também os pontos de referência da identificação colectiva foram tão flutuantes. A produção individual de sentido é portanto mais necessária do que nunca (Augé, 2005: 35).

A narrativa biográfica é a reconstituição da trajectória social, passado, presente e futuro, de um indivíduo a partir dos seus quadros de significância. É através da experiência e das singularidades do narrador que podemos entender o seu percurso, a sua dimensão social e o seu posicionamento face a determinados contextos sócio-culturais porque fazem parte da sua biografia, mas exprimem também regularidades sociais que se mostram como pano de fundo. De acordo com Ferrarotti (1983) a história de cada um é importante como memória colectiva do passado, consciência crítica do presente e premissa do futuro. Assim sendo, o indivíduo, através da sua subjectividade, projecta algo que já foi assimilado e reconstruído por ele próprio e é, por esta razão, que podemos conhecer os factos sociais a partir das experiências vividas individualmente.

A narrativa biográfica é um processo no qual o indivíduo olha para si mesmo, reflecte sobre si próprio, interpreta os acontecimentos que o marcam, dá um sentido individual à sua história, reconhece-se na pertença a um lugar identificável, a um grupo pelo qual, também é reconhecido. A sua identidade real é construída por ele próprio, pela experiência vivida, na relação com os outros, mas não existe sem a identidade virtual, isto é, aquela que nos é atribuída pelos outros.

Jean Poirier (1995) justifica, de uma forma clara, o despertar para este tipo de investigação na crescente e rápida transformação das sociedades tradicionais em modelos societários racionais «cujas diferentes características são, para falar com rigor, “incomensuráveis” relativamente a todos os aspectos das sociedades precedentes» (Poirier, 1995: 8). A partir de meados do século XX, mudanças tecnoeconómicas e socioculturais determinaram uma ruptura na «correia de transmissão de saberes tradicionais das gerações ascendentes para as gerações descendentes» (Poirier, 1995: 7). Ora, são estes aspectos e interpretações que a transmissão oral de geração para geração possibilitava que se revelam de uma importância fulcral para a investigação sociológica e que, hoje, se tornam possíveis com o recurso à utilização de metodologias biográficas centradas na subjectividade de sentidos e interpretações que o sujeito faz das suas vivências.

Poirier salienta «a diversidade das posições em presença, diversidade que vai ao ponto de opor opiniões contraditórias entre si» (Poirier, 1995: 10) que se levantam no plano epistemológico e da metodologia em si. Compreendendo esta diversidade de procedimentos, optou-se, na presente investigação, por elaborar narrativas biográficas escritas e organizadas pela investigadora com base em

diversas “conversas”, gravadas e anotadas, tidas com os entrevistados em diferentes momentos. Entrevistas semidirectivas, nas quais

O questionário torna-se, então, um simples guia, certamente muito útil, mas que não deve nunca ser apresentado ao informante como se se tratasse de um qualquer formulário administrativo, anónimo e constrangedor; trata-se de uma simples recordatória, à qual se pode recorrer com a discricção que se impõe (Poirier, 1995: 11).

Não ter um guião rígido favorece o fluir da conversa, momentos de divagação por parte dos narradores que foram permitidos, mas condicionados no sentido de um retornar a aspectos que eram, pela investigadora sentidos como importantes para o narrador. Além disso, o questionar aqui e ali o narrador ajuda a clarificar aspectos importantes e mostra também a empatia, compreensão e atenção da investigadora, que passa a ser interveniente no processo. A narrativa biográfica é uma situação de comunicação. Para ter sucesso depende dessa situação de comunicação que se estabelece entre o narrador que conta a sua história, descreve situações de vida e argumenta sobre problemas significativos e recorrentes da sua vida e a maneira como eles se relacionam. O investigador, ao trabalhar esse material comunicativo, transforma-se em interlocutor integrando um circuito dialógico de produção de conhecimento.

Le récit biographique raconte-t-il une vie? Nous dirons plutôt qu'il raconte une interaction présente grâce à l'intermédiaire d'une vie. Il n'y a plus de vérité biographique dans un récit oral et spontané que dans un journal, une autobiographie et certains mémoires. Nous acquerrons cette vérité biographique seulement en prenant en compte la vérité relationnelle qui informe le récit. La lecture sociologique d'une biographie chemine à travers l'herméneutique de l'action sociale qui réinvente la biographie en la narrant dans le cadre d'une interaction que l'observateur ne doit pas éluder mais vivre sur un mode actif jusqu'au bout (Ferrarotti, 1983:53).

A relação da investigadora com o narrador é, neste método, bastante importante. Pela convivência anterior com os entrevistados enquanto professora e coordenadora da Oficina de Teatro foram-se estabelecendo laços de amizade, de proximidade e de confiança que facilitaram a abertura daqueles para assuntos íntimos sobre os quais nem sempre é fácil falar com sinceridade e verdade. Factos, sentimentos, realidades vividas, muitas vezes dolorosas e escondidas na segurança do subconsciente e que são agora revividos. Um problema se coloca, no entanto, e é expresso por Bourdieu: «Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar *públicas* conversas *privadas*, confidências recolhidas numa relação de confiança (...)?» (Bourdieu, 2008: 9). As entrevistas



funcionaram muitas vezes como momentos de catarse para os reclusos, levando-os a reflectir e a olhar para as suas situações de vida. «Es justo a la comprensión profunda, y no sólo a la descripción de los contornos externos, para lo que sirven “las historias de vida”» (Ferrarotti, 1983: 17). A postura da investigadora é importante, mas não está isenta de riscos. Enquanto pessoa da confiança do investigado deve precaver-se de forma a não prejudicar, neste caso, os investigados em situação de prisão. O seu posicionamento foi o de se colocar numa atitude de colaboradora e facilitadora do diálogo, «A recepção da narrativa não é meramente passiva; o entrevistador encontra-se inteiramente comprometido nesta empresa de criação comum» (Poirier, 1995: 24). Tem, contudo, de manter o distanciamento razoável que permita manter na narrativa a subjectividade do narrador, tem que estar «implicado, participante y capaz de una distancia critica» (Ferrarotti, 2005: 8). O entendimento da realidade sociocultural e geracional do narrador por parte do investigador é um pressuposto importante neste método de investigação. É a capacidade de «autocolocación histórico-político-moral» do investigador que «permite la perspectiva interpretativa del hecho social y coloca al mismo tiempo al investigado en un plano de paridad» (Ferrarotti, 2005: 7).

Optou-se, também, por se conversar com os narradores sobre aspectos que não visassem só experiências e visões relativos ao objecto de estudo, já que se entendeu ser redutível e artificial falar só de um aspecto das suas vidas, quando se acredita que cada aspecto da vida de cada um está condicionado por «uma existência que tem a sua lógica própria, a sua coerência global» (Poirier, 1995: 11).

No que diz respeito à reprodução das entrevistas, ela foi feita respeitando «o essencial da mensagem, mas desembaraçando-a de redundâncias e impropriedades» (Poirier, 1995: 10). O texto, na sua elaboração e organização, obtido a partir das transcrições e das anotações foi sendo submetido à análise e julgamento do narrador, por se entender que sem essa «verificação, a fiabilidade do documento achar-se-ia gravemente comprometida» (Poirier, 1995: 13). Bourdieu (1968) afirma que não existe uma sequência cronológica e lógica dos acontecimentos da vida de um indivíduo, nem tão pouco eles seguem uma linearidade progressiva e de causalidade que dê sentido ao que ele narra. Esse sentido, coerência e coesão é construído pelo investigador enquanto produz a narrativa. Acreditando neste pressuposto, seguiu-se, na construção da narrativa, um critério cronológico com a finalidade de dar uma coerência lógica quer à própria narrativa, quer à subjectividade do narrador nela expressa.

A linguagem da narrativa é bastante fluida, organizada e correcta, fruto da interacção do narrador com a investigadora e tendo em vista a sua leitura por outros leitores. As marcas da oralidade foram, de uma maneira geral, à excepção das reticências e de algumas repetições de frases e ideias, retiradas do texto que constitui a narrativa biográfica. No entanto, essas marcas, como as pausas e os silêncios, o tom e o ritmo, os movimentos voluntários e involuntários dos olhos, dos lábios, o pestanejar, o olhar o vazio, o movimento das sobrancelhas enfim, toda a expressão facial de sensações e sentimentos, a expressão corporal, os gestos, a posição do corpo e o seu movimento, «não são menos significantes que a palavra (...) são discursos silenciosos» (Poirier, 1995: 16). Por esta razão e na impossibilidade de se registar em vídeo as entrevistas, porque estamos dentro de um estabelecimento prisional, que tem regras bem definidas a este respeito, optou-se por anotar, em paralelo com a gravação áudio, todos esses «discursos silenciosos». Por outro lado, as entrevistas são diálogos entre narrador e investigadora percebendo ambos e, em especial esta última pela função de investigadora que desempenha nesse diálogo, a importância que essas marcas desempenham na interpretação dos factos narrados, deixaram-se as anotações dos «discursos silenciosos» para a posterior análise das narrativas biográficas.

Não faz sentido enveredar por esta metodologia de investigação, sem, posteriormente, se proceder à sua análise, com base em pressupostos teóricos para se chegar àquilo que verdadeiramente se quer: a compreensão das singularidades individuais em contexto, como reflexo de realidades sociais mais generalizadas:

Las historias de vida respetan el momento imprevisible del comportamiento: se acepta a la persona como tal, no se la mediatiza para hacerla entrar en las casillas del cuestionario. Después, una vez se ha expresado, viene el momento interpretativo, propiamente hermenéutico en el que puedo hacer intervenir parámetros de catalogación relativos. De esta manera consigo ligar teoría e investigación, hacer convivir el momento empírico y el teórico (Ferrarotti, 2005: 6).

Ferrarotti lembra, também, que a narrativa biográfica «Renvoie à la destructuration-restructuration synthétique d'une acte ou d'une histoire individuelle considérés comme la section horizontale ou verticale d'un système social». (Ferrarotti, 1983:54).

Assim sendo, estamos perante uma imagem totalizante de um sistema social a partir do espaço social individual, no qual se elabora uma narrativa biográfica e ao mesmo tempo, perante uma outra totalização, a narrativa biográfica como síntese activa da imagem totalizante e da interacção onde ela se situa.

## **Capítulo IV – Subjectividades: vidas vividas, narradas e interpretadas**

## 1. Introdução

E agora? Como proceder para analisar as narrativas elaboradas? Segundo Ferrarotti, uma narrativa biográfica

Es un texto. Un texto es un “campo”, un área más bien definida. Es algo “vivido” con un origen y un desarrollo, con progresiones e regresiones, con contornos sumamente precisos, con sus cifras y su significado. Debo aproximarme a este texto con atención humilde, silenciando al “aventurero interior”. Se requiere acercarse al texto con el cuidado y el respecto debido a otro distinto de uno mismo. Se entra en el texto. No basta con leerlo con la atención externa de quien lee sólo para informarse. Es necesario “habitarlo”. (Ferrarotti, 2007: 28).

É este entregar-se ao texto que o investigador tem a obrigação de fazer e é o que esse mesmo investigador pretende que qualquer leitor faça. Contudo, essa leitura só faz sentido se o investigador, enquanto participante no processo de construção de uma narrativa biográfica, fizer a sua análise, na qual vai, baseando-se em teorias com as quais contextualizou o seu trabalho teórico fazer a sua interpretação e complementação. «A organização do material recolhido e a sua condensação são necessidades raramente contestadas» (Poirier, 1995:63). São as opções relativas à maneira de como o fazer que variam.

As inferências retiradas das narrativas biográficas, situações de comunicação reveladoras de intenções, sentimentos, análises e reflexões dos narradores, que se podem fazer com este método de análise são válidas desde que se observem condições de rigor metodológico. Assim, olhando todo o material recolhido nas entrevistas, partiu-se para a elaboração de categorias pertinentes com um fundamento lógico orientador em relação ao conteúdo a analisar, tendo por base a contextualização teórica e científica desta Tese

Foram as seguintes as categorias definidas:

- 1º - No que diz respeito à prisão, o que é estar preso e a adaptação à prisão.
- 2º - Na origem social dos entrevistados, a responsabilidade pessoal, da família e da comunidade/sociedade
- 3º - A relação com o crime e a droga
- 4º - Relativamente à escola, porque se vai à escola e o que nela se procura

5º - No teatro, relevou-se a sua importância em termos de construção de um espaço de liberdade interior, de expressão de subjectividades e de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações interpessoais.

## **2. A adaptação a um mundo onde a liberdade só é imaginada, sonhada e desejada**

Como já foi referido na contextualização teórica desta tese, no que à prisão diz respeito e apesar da sua evolução no sentido da humanização do tratamento dado aos reclusos, prevista pela lei (Decreto-Lei nº 265 e Lei nº 115) e mencionada por Rui Gonçalves (1993) continua a ser um local onde todo o espaço e tempo dos reclusos é, por ela minuciosamente gerido e vigiado numa burocratização e hierarquização, como referem Tiago Neves (2008) e Manuela Cunha (2002), que não facilita a mudança dos reclusos, mas sim a sua observância das regras no sentido da sua própria protecção, obtenção de privilégios, conquista do seu próprio “território” numa tentativa de amenizar o sistema coercivo que uma cadeia não deixa e, pela sua função, não pode, deixar de ser. O estar preso é sentido pelos quatro entrevistados como uma situação extrema de privação, de humilhação, de imposições diárias, rotineiras e desempenhadas em comum, burocratizadas ao extremo. Os sentimentos de injustiça, de cansaço, de dor, de desespero, de impotência, de solidão gerada por esta vivência dentro de um sistema prisional ao qual é difícil adaptarem-se, não desaparecem nunca do pensamento dos reclusos, mas acabam por ter que ser geridos por eles, numa adaptação que nuns é mais rápida e noutros se faz mais lentamente, muitas vezes fruto da imaturidade dos reclusos que acabam por crescer e amadurecer. É na aceitação inevitável da situação de reclusão que eles encontram alguma paz interior e conseguem ter abertura para aceitar e aderir a dispositivos que os ajudem na sua reabilitação e reestruturação.

António é muito assertivo em relação aos aspectos totalitários do sistema prisional. Ele reconhece-lhes todo o poder e a inutilidade de o recluso lhes fazer face: *«Quem manda pode, corta, risca e, mesmo que esteja mal, é assim que se faz e que tem que ser e nem sequer há hipótese de que as coisas sejam tratadas de outra forma. É assim e...bem ou mal é assim! E isso..., (...) Na cadeia as pessoas têm que dizer “sim” a tudo e fazer tudo aquilo que está determinado...»*.

Manuel, vindo de um mundo marcado por uma relação estreita e dependente da droga, no qual teve que se habituar a ser dissimulado, a mentir, a esconder-se, também depressa percebeu que dentro da cadeia o processo era o mesmo:

*Aqui, também, tinha que ter cuidado, obedecer, fingir que não via o que me revoltava, fingir que não via a injustiça, ser humilhado, esconder a revolta, cumprir com as regras, roubar, traficar, mentir, mas ter muito cuidado, se não vinham os castigos em cela de habitação, em cela disciplinar e cortavam-me as saídas precárias e os Ravis. Quantas vezes os perdi e recuperei! Amadureci, cresci e sobrevivi no meio do crime. Lá fora e cá dentro.*

O Ricardo teve mais dificuldade em se adaptar a este mundo e, durante algum tempo, numa atitude de revolta quebrava todas as regras institucionais. «Fazia asneiras de seguida, faltava ao respeito aos guardas, guardava telemóveis, droga, fazia vinho e bagaço...Tinha uma atitude de total desrespeito pela instituição». O Filipe diz: «Compreendi como isto funciona e adaptei-me. Obedecia, não afrontava o sistema, andava sozinho, ficava no meu canto, falava o essencial, não dá para fazer amizades».

A angústia de António perante a humilhação é bem visível: «Tive que me habituar a este mundo onde tudo é controlado, onde não temos liberdade para nada... Somos humilhados até no esquecimento do nosso nome; somos um número.» O peso que é imposto por uma vivência em comum é sentido diariamente pelo recluso como uma tensão permanente e desestruturadora, «É muito difícil viver aqui dentro... as rotinas, os horários, o barulho característico daqui...o fechar das portas, dos portões, a gritaria constante, o cheiro, a porcaria, as humilhações, tanto de alguns guardas como de outros presos», levando geralmente a situações de conflito e violência: «... a agitação entre as pessoas. Criam-se conflitos por tudo e por nada..., tudo isso mexe muito comigo. É uma tensão muito grande». Ricardo tem a mesma visão desse mundo entre muros: «Detestava que me chamassem pelo meu número... Era ordem para isto, ordem para aquilo, rotinas intermináveis... Andava à deriva não sabia como aquilo era. Mas a cadeia é assim. Aqui dentro fui calcado, espezinhado, humilhado, roubavam-me tudo, vinha da visita...e ficava sem nada. Passei muito». Manuel não foge à regra ao confirmar a humilhação, as rotinas em conjunto, o horror de viver assim: «Era tudo mau ali dentro. Era mais um número que ali foi parar... eu era um número... e como todos os outros “números” tinha de fazer tudo o que eles mandavam, comer, tomar banho, visitas... tudo ao mesmo

*tempo...rebanho de ovelhas». Filipe, por feitio tímido e introvertido, diz: «Tive um medo louco...o que mais tinha medo era que me violassem...» e refere também o ambiente pesado «As maiores dificuldades que senti foram as humilhações por parte dos guardas e dos outros presos... a minha dignidade enquanto ser humano foi tantas vezes calcada... Custa muito...» e a saturação face ao sistema totalitário e burocratizado «As rotinas, as regras constantes para tudo, absurdas, (...)».*

António sentiu a injustiça da sua primeira detenção, por ter sido detido inocente, que se traduziu numa revolta que lhe levou muito tempo a aceitar: *«A injustiça da minha primeira detenção foi algo que me revoltou e que custou muito a digerir ..., ter sido acusado, condenado e detido por algo que não cometi foi muito difícil. Levou-me muito tempo a aceitar a injustiça».*

O cansaço, a dor, o desespero, a impotência, perante o adiar das suas vidas, perante a família que sofre por eles e a solidão, pois, embora rodeados de companheiros, de guardas, de todo um universo de pessoas que trabalham numa instituição prisional, é a solidão que impera. Todos estes sentimentos estão presentes nas mentes dos reclusos e são expressos por todos. O António confessa:

*Já chorei muito, muito... Muitas, muitas vezes. Isso... qualquer ser humano, nos primeiros tempos de detido passa por momentos de muita amargura. (...) e depois ver que fazia sofrer, que fiz sofrer pessoas de quem gostava e que não mereciam minimamente a situação que estavam a passar. Tanto os meus pais, como a minha mulher... tudo, tudo fez com que as lágrimas viessem muitas vezes. claro. (...) Então quando tenho uma família normal, uma família bastante estável, os primeiros tempos são muito pesados, está-se constantemente a pensar nas pessoas que estão lá fora e... nós sabemos que a nós custa, mas a essas pessoas custa muito mais porque têm que continuar com o dia-a-dia e muitas vezes não é fácil a relação de proximidade entre essas pessoas e o detido e ver o dia-a-dia normal. Custa com alguém que está lá fora, sentirmo-nos impotentes para ajudar seja no que for, estamos limitados em tudo, em tudo. Não há o mínimo de hipótese de podermos ajudar alguém que nos é querido. Essas são as situações que mais custam.*

O Filipe diz que *«sou tímido e introvertido, mas a solidão pesava-me»* e acrescenta *«Não se dorme bem, os problemas estão sempre presentes na nossa cabeça, até nos sonhos eles vêm...os de lá de fora e os de cá de dentro. É horrível saber que o meu filho está a crescer e eu não estou a ver, que os meus pais sofrem por mim...»*

O Manuel sente a dor da separação, a falta da família e refugia-se no sonho para combater a insanidade que, julga, o vai invadir

*Mas o pior... Sentia a falta da minha mãe, sentia a falta da família, sentia a falta de afecto, sentia a falta de carinho, sentia a falta de uma mulher, sentia a solidão, sentia medo, sentia as noites e os dias todos iguais, sentia o frio e a humidade daquela cela que no Inverno parecia que tinha as janelas enormes e no verão eram tão pequenas que asfixiava, sentia a fome, sentia a tristeza imensa, sentia a revolta, sentia a frustração, sentia o desespero, sentia a raiva, sentia tudo, menos a liberdade...Passava noites sem dormir, à janela a olhar*

*para as estrelas..., afeiçoei-me a Sírios que brilha mais forte e torna os meus sonhos mais claros. Era o sonho que me mantinha vivo. Era o sonho e a esperança da liberdade que, um dia havia de chegar que me mantinha vivo. E havia também os pesadelos. Noites em que dormia e que queria acordar, porque os sonhos que tinha não eram como aqueles que, por vezes conseguia alcançar acordado. Eram pesadelos terríveis em que me via sempre a cair, perseguido não sei por que monstros sem rosto nem feição, a julgarem-me, a condenarem-me. Acordava mergulhado em suor e olhava, no escuro daquelas quatro paredes, que se dobravam sobre mim... olhava o nada, o vazio, o escuro da minha vida. Chorava, mas nem as lágrimas sentia como um alívio, tal era a asfixia, o aperto no peito que sentia...É lixado manter a sanidade mental aqui dentro.*

O Ricardo, embora extrovertido, sente-se só «*Mas estou cansado, muito cansado, farto...Não faz ideia... a solidão pesa muito*» e sente a frustração de situações que ficaram por resolver: «*O meu pai morreu, estava eu aqui na cadeia. Marcou-me muito e tenho um sentimento de frustração, porque ficaram muitas coisas por resolver entre nós os dois. Eu tinha uma má relação com ele quando era novo...*» e de situações que ainda não estão resolvidas «*Há coisas por resolver com a minha mãe. Conversas que eu tenho que ter com ela quando sair daqui. Coisas que, como disse atrás tenho de resolver dentro de mim, mas que passam por uma conversa com a minha mãe, que eu adoro...*».

É na aceitação que se faz da situação de reclusão, que teima em chegar, com o estabelecer do objectivo final da liberdade que se alcança alguma paz. «*Habituei-me às rotinas, tentava, tinha que sobreviver*» diz Manuel. António sublinha que «*levou-me...meses a mentalizar-me e a ter consciência de que estava detido. Só quase meio ano depois é que aceitei que estava preso. Foi muito difícil*». Para o Ricardo «*E os anos foram passando e comecei a aceitar a minha situação, porque não adiantava não o fazer. É o mais difícil...aceitar. Demorou tempo, mas consegui. Estabeleci metas, obter precárias e chegar à liberdade o mais depressa possível e ter uma nova oportunidade*». O Filipe diz que «*...só queria passar despercebido e chegar ao fim o mais depressa possível*».

### **3. A origem social, a responsabilidade pessoal, da família e da comunidade/sociedade – determinismo ou casualidade?**

Para além do que atrás se disse sobre a prisão e como é referido por Manuela Cunha (2002), a cadeia é um prolongamento do contexto social marginal, de onde grande parte dos reclusos são provenientes, permitindo, assim, o perpetuar de comportamentos desviantes, quer no consumo e tráfico de droga, quer nas



atitudes e comportamentos que se têm para sobreviver ali dentro. Nas palavras do Ricardo está bem patente a continuação do consumo e o recurso a tudo, mesmo contrariando princípios para manter o consumo, que para ele, no início, era sinónimo de sobrevivência:

*Então tive que aprender a sobreviver. E para isso faz-se de tudo. Continuava a consumir e precisava de dinheiro. De casa eu sabia que ele não viria, a minha mãe não o tinha, por isso se eu não tinha dinheiro tinha de o arranjar. Coisas que nunca fiz lá fora, comecei a fazê-las aqui. É preciso sobreviver... enganava, manipulava... “queimava-me” num fornecedor, ia a outro e assim sucessivamente.*

O Manuel tem a mesma atitude:

*encontrei gente que conhecia... gente de lá do bairro de onde vim e juntei-me a essa gente e os consumos voltaram. Começou de novo a luta...dinheiro para a dose... Fazia-se de tudo. Promete-se a um, engana-se outro, rouba-se, manipula-se, trai-se e traem-nos e eu sabia isso, mas pasmava sempre que isso acontecia. Mas chega sempre o momento de pagar. Ou pagas ou levas. Assisti a muitas coças. (...) Entrei no circuito. Era como lá fora, só que aqui a droga é mais abundante, mais barata, mas de pior qualidade. A cadeia é uma extensão da rua onde consumia.*

O Filipe, apesar do medo inicial ao entrar na cadeia que não conhecia confessa que «...ao fim de alguns dias comecei a aperceber-me que era tudo gente conhecida...a maior parte dos presos está aqui por drogas.... Estava no meu ambiente, mas foi pesado,», no entanto afirma «...continuei a consumir.»

O António ficou «completamente ... sei lá, super, super surpreendido com o tráfico na cadeia. Eu conhecia o tráfico de bairro, mas nada se comparava com o tráfico lá dentro... era descarado. Era mais barata e em muito maior quantidade. Via, quem queria ver. Mal conseguia acreditar.». Tem, contudo uma atitude completamente diferente perante o consumo quando entra na cadeia, pois decide não se deixar ir “ao fundo”: «... Passam-se coisas na cadeia que vão contra todos os valores do ser humano, e eu sabia que não podia continuar, se não..., a minha dignidade não mo permitia. Isso fez-me reflectir e obriguei-me a largar o consumo de vez, mesmo havendo muita droga.»

Pese embora a valência da escola, sobre a qual se reflectirá na quarta categoria, ela não deixa de continuar a falhar, ou pelo menos de continuar a não atrair aqueles que, provenientes da uma classe social desfavorecida, aqui dentro a procuram, por outras razões que não a de se educarem. O capital cultural, económico e social a que Bourdieu se refere marca esses indivíduos, condicionando-lhes as vidas e as posturas, quase num determinismo ao qual é difícil

fugir. A origem social de dois dos entrevistados disso é evidente: provenientes de uma classe social baixa, esses dois reclusos chegam à cadeia com um percurso escolar diminuto fruto de «um processo de eliminação diferencial segundo as classes sociais» que «é o produto da ação contínua dos factores que definem a posição das diferentes classes em relação ao sistema escolar, a saber, o *capital cultural* e o *ethos de classe* e, por outro lado, esses factores se convertem e se acumulam, (...) numa constelação particular de factores de retransmissão» (Bourdieu, 2008: 115). A este capital cultural estão associados tanto o capital social, como o económico e o simbólico, pois o campo em que eles se posicionam remete para a aceitação, reprodução e consequente legitimação da incorporação de uma determinada estrutura social, que condiciona os seus modos de sentir, pensar e agir, embora possam não o fazer conscientemente: Ricardo diz:

*O meu pai era alcoólico e raramente estava presente, saía de manhã e aparecia à noite, não porque fosse trabalhar, pelo menos não trazia dinheiro para casa... e a minha mãe é que tinha tudo para fazer para criar os três filhos. Havia ali uma situação muito instável e eu apercebia-me disso. (...) Não tinha alternativa. Fiz a escola até ao 6º ano e depois fui trabalhar.*

A situação do Manuel é muito semelhante à do Ricardo. Proveniente de um meio social desfavorecido, teve uma infância pouco controlada e fazia o que queria:

*Não havia muito em casa. O dinheiro era muito pouco. (...) Os meus pais não eram pais muito presentes. O meu pai bebia, pouco trabalhava e gostava muito de dormir... a minha mãe ficava com tudo o resto... trabalhar, trabalhar e trabalhar para nos sustentar. A escola ia-se fazendo, com pouca presença física...faltava muito, havia coisas mais interessantes e tentadoras a fazer e foram essas que, ingenuamente, puto que era, segui.*

O Ricardo e o Manuel, que perspectivam o seu futuro na incerteza do que eles lhes pode trazer, futuro esse, que tem por base a determinação por eles assumida, mas permanece a desconfiança perante a sua efectivação em conseguir um futuro melhor, livre da dependência em que caíram. O Ricardo está consciente da dificuldade de se integrar no sítio de onde vem, devido à situação actual do país e ao estigma que vai transportar quando sair em liberdade e por isso reconhece a necessidade de fazer opções claras:

*O que me preocupa agora é o meu futuro quando sair daqui. O que é que eu vou fazer cá? Vai ser difícil arranjar emprego, na minha situação, com a situação do país. Não. Quero sair do país. Não sei, França, Holanda, Espanha. Quero ir como voluntário para qualquer lado, Angola... Tenho 30 anos. Tenho de fazer opções. Acho que quero conhecer outros países, trabalhar e reorganizar a minha vida por aí. Acho que é isso.*

O Manuel, já em liberdade, põe a tónica na sua determinação *«Hoje, que sai em liberdade, limpo, espero ter a coragem, a força de vontade e a determinação para me manter longe daquilo que me levou ao inferno»* O determinismo ao qual as classes sociais parecem estar votadas está patente nas suas palavras:

*Arrependo-me de muito do que fiz, mas também penso se, alguma vez, houve a oportunidade para que tudo fosse diferente...Eu acho que não tive essa oportunidade de contrariar este destino que foi o meu...Olhando para trás...para a minha infância, para a minha adolescência, para as condições em que as vivi, talvez não houvesse forma de escapar, porque estava sozinho, sem guia, nem rumo...*

Mas conseguiu chegar a uma consciência da sua realidade, do esforço que fez para se transformar e para olhar a vida de outra forma e tentar construir algo de positivo: *«Quero, agora, essa oportunidade. Agora sei como é a vida, como me dói. Mas sei que tenho de a procurar e merecer. Só espero que a vida me ajude e me proporcione essa oportunidade...»* A vontade de mudar está lá, embora reconheça a dificuldade de o conseguir:

*Quero encontrar trabalho e dedicar-me a ele e à reconstrução da minha vida. É um percurso difícil de caminhar, mas sei que é o único. Sei que não vou ter muitas oportunidades de trabalho, eu sei que está difícil lá fora. Tenho que me adaptar a uma nova vida. Sete anos fechado... É muito tempo. Mas ainda sou novo, embora sinta já o peso dos anos, por isso a esperança e força de viver com dignidade aí estão. Saiba eu mantê-las.*

O António fez um percurso escolar consistente com o pensamento e acção de uma classe social mais elevada que o motivou e integrou com sucesso na escola. *«Tive uma infância muito normal. Venho de uma família tradicional portuguesa de classe média. Tenho uma irmã e tive tudo para ter uma infância feliz. O meu pai trabalhava por conta própria e vivíamos razoavelmente bem»*. O abandono, neste caso prendeu-se com alterações significativas da situação política e social do país: *«Frequentei a escola primária e fiz um percurso escolar normal até ao 11º ano, ... Foi na altura do 25 de Abril, altura muito conturbada. O liceu estava sempre com greves, e talvez tenha sido esse, um dos motivos que me levou a desmotivar-me em relação aos estudos»*. Reconhece que teve condições favoráveis para ter uma vida normal.: *«No 11º ano já tinha carro e o meu pai dava-me uma boa mesada... e todas essas facilidades que me foram dadas, em vez de me levarem para o bom caminho, levaram-me para o crime»*. Não culpa a família pelos caminhos por onde enveredou, embora, hoje, reconheça que

*O meu pai também tinha estudado e dava-me bons conselhos, mas era um pai um bocado ausente. Quero dizer, ele não me faltava com nada em questões materiais, mas em relação aos estudos não era muito rigoroso, aquela presença de pai mais exigente, acho que não a teve. Hoje, como adulto e como pai, ao olhar para o meu percurso, acho que se o meu pai tivesse sido mais exigente comigo, se não me tivesse dado tantas facilidades, talvez não tivesse enveredado pelos caminhos que enveredei. Nas não o culpo em nada, de forma nenhuma.*

Pensa, sim, que foram as circunstâncias da vida e a sua imaturidade que o levaram para um caminho que não escolheu, mas que seguiu: *«Era um jovem bastante rebelde. Na altura não pensava muito nisso... Não fazia escolhas, não pensava sequer nisso. Ia indo e mais nada. Comecei a dar-me com más companhias e de bom aluno comecei a faltar às aulas e sentia-me revoltado, não sei bem contra o quê. Não tinha motivos para estar revoltado».*

O Filipe por estabelecer uma relação precoce com as drogas não aproveitou as oportunidades que a posição economicamente confortável da família poderia ter trazido ao seu percurso de vida: *«Entre para o liceu com 13 anos, já fumava e aí comecei a fumar haxixe... aos 14 já fumava todos os dias, aos 16 entro na heroína e aos 17 na cocaína, aos 18 largo a heroína e injecto cocaína... a partir daí foi tudo muito mau...»*

O António e o Filipe, oriundos da classe média, olham o futuro com mais optimismo, pois lá fora irão ter apoios económicos que lhes permitirão integrar-se com mais facilidade. O António tem a sua família e a vida organizada, por isso diz: *«Não penso sair do sítio onde vivo. Tenho a vida lá estabelecida.»* O Filipe conta com a ajuda da família, principalmente com o pai, para recomeçar a vida que parou quando foi detido: *«Quero trabalhar. O meu pai vai ajudar-me e no princípio vou trabalhar com ele, mas quero montar a minha empresa e sei que vou ter o seu apoio, pois hoje a minha relação com ele é boa e acho que já confia em mim.»*

#### **4. O crime e a droga – percursos de dependência, de remorso, de culpa, de libertação**

Embora na contextualização teórica e científica desta Tese não tenha sido abordado o problema da droga, porque não se enquadrava no objecto de estudo, optou-se por incluir uma categoria referente a este problema, pois a

toxicod dependência e o tráfico de droga são assuntos recorrentemente referidos nas narrativas biográficas de todos os entrevistados e foram eles que, directa ou indirectamente levaram estes narradores à prisão. Considerou-se, pois importante fazer a análise das suas atitudes e sentimentos a eles referentes.

É de referir, segundo Cândido da Agra (2008), num estudo levado a cabo sobre a relação da droga e do crime que devemos eliminar; «a crença simplista segundo a qual as drogas ilícitas desencadeiam violência e os seus consumidores representariam um perigo para a sociedade» (Agra, 2008: 9), porque «Entre a droga e o crime foi encontrado um complexo sistema composto por uma multiplicidade de elementos que vão desde a superfície visível dos comportamentos até à profundidade oculta das dimensões psicológicas, ecológicas, sociais e biográficas dos seus actores. (*ibidem*). Lembra, contudo que «o programa de investigação confirma a evidência da associação entre droga e crime. É indubitável que os dois fenómenos estão intimamente ligados» (Agra, 2008: 11). O Ricardo refere que, apesar de consumidor, tinha princípios e não fazia determinadas coisas, mas dentro da cadeia a atitude tem que ser diferente: *«coisas que nunca fiz lá fora, comecei a fazê-las aqui... É preciso sobreviver»*. O António acredita na liberalização das drogas: *«Eu acho que se a liberalização chegasse muitos dos problemas, deixariam de existir. Sou a favor da liberalização de todos os tipos de drogas»* e só vê a sua ligação à pequena criminalidade levada a cabo por aqueles que não têm dinheiro para a comprar. O tráfico e todos os interesses a ele ligados determinam muita da criminalidade existente: *«Pelo que eu ouço sobre países onde isso se verifica os crimes, principalmente os roubos, baixaram e muito, porque no fundo o tráfico faz com que haja muitos crimes, a pequena delinquência existe para que os consumidores tenham a sua dose, ...»*.

Segundo Luís Fernandes (2002), a droga encarada como é, como transgressão e crime torna difícil a sua investigação. É um acontecimento urbano, enquanto entendido como comportamento urbanizado e explode em bairros degradados como resultado do crescimento das cidades. Os bairros são palcos privilegiados de tráfico, consumo e convívio por aqueles que os habitam, lugares visíveis e publicamente conhecidos. No entanto, as drogas são «um facto disseminado nos diferentes contextos e nos diferentes estratos sociais» (Fernandes, 2002: 32) e, assim, encontramo-las não só aí, mas também em lugares mais escondidos «porque são feitos de clubes nocturnos de entrada controlada, de apartamentos, de *meetings* privados» (Fernandes, 2002: 32). É um mundo complexo

e exige uma multiplicidade de métodos para ser estudado. Como não faz parte do objecto de estudo desta Tese, mas é, como disse atrás, referido pelos entrevistados é necessário falar dele para contextualizar opiniões e sentimentos dos narradores.

O uso de drogas, principalmente do haxixe e da marijuana, associava-se «desde meados dos anos 70, a estilos juvenis em que elas eram potenciadoras de encontro, da diversão, da festa (...) eram o catalisador, à uma química e simbólico, do desatino convival assente na boémia e no culto do excesso» (Fernandes, 2002:183, 184). Estas subculturas juvenis associadas ao «curtir» no sentido de fruição que delas se retirava começam a desvanecer-se quando a heroína, nos anos 80, toma o seu lugar e o consumo passa a ser olhado como «indesligável da toxicodependência pesada, do *deal*, do confronto permanente com a polícia, da prisão...» (Fernandes, 2002: 184). O António reflecte sobre o crime que cometeu e refere a justiça da sua segunda condenação «*Da segunda vez fui condenado e bem condenado porque traficava.*». Admite, contudo que: «*Mas também digo que o ter começado a traficar foi reflexo da minha 1ª detenção. Da revolta que senti (...) Fui condenado por tráfico e nunca trafiquei!*»

A droga, ainda segundo Luís Fernandes (2002), é um misto de sensações. Numa das suas observações de campo ele sintetiza o observado nos «actores da heroína».

A heroína, droga da paz. A ausência dela, um inferno. Apaziguar-se. O poder governar quimicamente o (des)ânimo, eis a conduta que intervala o fatalismo da vida. O esmagamento social, económico, laboral, habitacional. Os factos a ocorrerem todos contra nós e apesar de nós. Contra os factos não há argumentos – mas há a heroína. (Fernandes, 2002: 190).

Ela dá uma sensação de poder de gozo, de superioridade, de força para viver. Manuel confirma isso precisamente: «*Enquanto estava sob o efeito dela tudo era maravilhoso, sentia-me um vencedor, nada me podia parar, os problemas desapareciam, como que por milagre. Lidava com as situações de uma forma tão fácil...*» Ricardo, embora mais comedido também via na droga a resolução dos seus problemas: «*...os meus próprios consumos. Eu refugiava-me neles. E assim as situações tornavam-se mais fáceis...Deixavam de constituir um problema, ou melhor, já não eram um problema.*». O Filipe diz: «*A droga ajuda a suavizar...sentimo-nos bem, poderosos, os problemas deixam de ter dimensão... mas é só quando se está sob o efeito...*». Contudo há o reverso da “medalha”, pois Filipe baixa os olhos e diz: «*depois vem a ressaca, o sofrimento, o arrependimento,*

o remorso, o odiarmo-nos...» Manuel também passou por momentos muito difíceis quando consciencializava o mundo em que estava embrenhado e aquilo que ele o levava a fazer:

*Não imagina o que é ir ao fundo dos fundos. Eu estive lá. Deve ser assim o inferno...A angústia de viver assim é indizível. Remorsos que nos corroem até ao mais fundo da alma... Sentia-me mal, culpado. Vi coisas horríveis, gente degradada, desprovida de qualquer dignidade e vergonha, vi gente a morrer nos meus braços... Como é que é possível? Como é que fui capaz de me meter nisso? Droga é isso mesmo. Perde-se tudo, a noção do bem e do mal, não há regras morais, não há o respeito por nós próprios. Leva-nos para caminhos que não procuramos. Tornamo-nos pessoas que não nós próprios. É muito rápido, quando notamos, já estamos lá em baixo...É uma bola de neve. Resta, nos momentos de lucidez, amargos e dolorosos, o sonho e a esperança de, um dia sair. Gostava tanto...mas falha a vontade. Neste mundo maldito da droga só ela domina. As ligações, os afectos pouco significam. A ligação e o afecto são para a droga e para quem a fornece. Manipulamos, enganamos, fazemos de tudo, de tudo...A minha mãe... meu Deus! Tentava enganá-la, fugia-lhe, mas estava era a fugir de mim próprio. Mas, ela sabia... e o que sofria...não me perdoo por isso...Dizia-lhe para não se preocupar, que ia conseguir, só para a compensar. Ela, (a mãe) implorava...mas a vontade tem de vir de dentro de nós, ninguém no mundo nos empurra para a cura, se nós não quisermos. Passou muito tempo até eu querer e perdi tanto pelo caminho...*

A droga só permite pensar o presente no sentido de conseguir a próxima dose. E o problema está em como consegui-la, pois onde ela está sabe-se bem, tanto dentro como fora da cadeia. Se não há dinheiro recorre-se a tudo para conseguir a dose seguinte. António diz: «Mas na hora de optar, ela vence e nessa hora, sim, esquece-se tudo o resto ...e opta-se por ela...» As suas palavras relativamente à droga e ao vício reflectem uma grande incredibilidade pelo poder e influência que ela tem nos consumidores: «A minha relação com a droga... presentemente é... sei lá, não consigo compreender como é que a droga, ..., como é que um ser humano consegue prescindir de tudo e de todos ... é algo de inexplicável, como é que ... uma pessoa ... não se consegue libertar dela». Manuel afirma que tudo vai para a droga: «A ligação e o afecto são para a droga e para quem a fornece.» E continua dizendo que «É preciso muito dinheiro, porque quando o efeito passa, vem a ressaca e não fazemos outra coisa senão querer arranjar dinheiro para a próxima dose. É em função disso que se vive...». E para que isso fosse possível o seu dia a dia, antes de ser preso passava pelo interesse presente e mais nada:

*Roubava em função do que precisava para manter o consumo... telemóveis, Cds, carteiras, cafés, carros (que guiava sem carta) para ir daqui ali, em orgias de maluqueira e aventura com os “falsos” amigos que acompanhava, sei lá, roubava o que se apresentava na altura...qualquer coisa. Não queria saber o que aqueles a quem eu roubava sentiam. Era mais um qualquer. Evitava roubar mulheres, mas também as roubei, houve alturas em que*

*usei de violência, mas queria lá saber das vítimas, a minha necessidade gritava mais alto. O desespero leva à violência.*

Dentro da cadeia, a realidade não era muito diferente. «*. Começou de novo a luta...dinheiro para a dose... Fazia-se de tudo. Promete-se a um, engana-se outro, rouba-se, manipula-se, trai-se e traem-nos e eu sabia isso, Mas chega sempre o momento de pagar. Ou pagas ou levas*»

O António atribui, de certa forma, o crime por droga à sociedade. «*A sociedade ocidental é que faz com que, neste caso... o tráfico alimenta fortunas enormes. É a economia das sociedades ocidentais, esta mentalidade de mercado que leva a isso*» que, por interesses meramente económicos a mantêm ilegal, potenciando em relação às classes mais desfavorecidas economicamente o recurso ao crime para a sua obtenção. «*Eu acho que se a liberalização chegasse muitos dos problemas deixariam de existir*» e afirma mais à frente «*Portanto o grande mal é ela ser muito cara, o que faz com que aqueles que não têm dinheiro, cometam crimes para conseguir o seu consumo*».

O Ricardo reconhece nos seus consumos uma fonte de rejeição pela família «*Quando comecei a entrar mais nos consumos, comecei-me a sentir rejeitado pela família, sentia que era uma peça a mais...havia comentários*» Ainda assim não deixou os consumos, embora diga:

*Continuei a consumir e já estava muito dentro daquilo...eu acho que se quisesse sair, saía, mas não queria, é preciso querer. Nunca é tarde... Há aquela ideia de que quem se injecta tem mais dificuldade, mas não. Depende é das circunstâncias em que a vida nos coloca. Na altura nem pensava em parar. Era novo, não havia a informação que há hoje sobre as drogas Ir para centros de tratamento estava fora se questão, ...não havia dinheiro, por isso nunca pensei nisso. Deixei-me ir. Eu era a ovelha negra.*

A impotência face ao consumo é bem visível no Manuel que nos momentos dolorosos de ressaca, «*As ressacas eram terríveis. A dor muscular, o mal-estar generalizado, o medo, os pensamentos destrutivos, incongruentes, o desespero, o cansaço, a necessidade extrema da dose para acabar com isso*», tinha a consciência, ainda que vaga, de que precisava sair, «*Incongruência medonha... Era a droga que eu queria, que eu precisava para suportar e era ela que me levava ao fundo. Era um viver parado, estagnado, à espera se sair deste cárcere ...O que esperava da vida lá fora, em pouco diferia da vida que levava aqui*», mas não tinha a força para o fazer «*A droga é como um filho. Faz-se tudo por ele. Eu tinha de o deixar, de me despedir dele, mesmo sabendo que ele ia continuar lá. E as saudades*



que iria ter dele? Travei uma luta titânica, pois conhecia-me...era fraco, tinha pouca força para resistir,» No entanto, chega um momento em que «já não aguentava mais viver assim» e o passo dado para sair chega e é portador de uma alegria e orgulho imensos:

*Finalmente consegui dar o passo e entrar num programa de desintoxicação. Senti uma alegria imensa, mas o medo continua. Afastei-me dos que consumiam para me proteger. Senti orgulho em mim próprio, embora pensasse que tinha demorado muito... (...) Lembro-me, na primeira vez que sai de precária, livre da droga, o alívio e a alegria que senti por não ter que andar pela cidade à procura da minha dose. Que vitória!...*

Está, mesmo assim consciente de que «O medo de recair paira sobre mim, mas sei que pairará para sempre e só eu o posso dominar». A raiva, o remorso e a culpa ainda estão presentes, mas ao serem assumidos podem ser transformados:

*Ainda sinto muita raiva, pela minha juventude perdida e por tudo aquilo por que passei e fiz passar a minha família e todos aqueles que me são queridos e que me ajudaram nestes últimos sete anos da minha vida. Sei que tenho de lidar com essa raiva de uma forma positiva, para que ela e a mágoa se vão transformando em sentimentos de reconciliação comigo próprio e com o mundo em que vou viver.*

António também sente esse medo, apesar da sua determinação de nunca mais voltar aos consumos: «Tenho muito medo, muito medo! Tenho muito receio que algo me possa levar ... novamente a cair. Só quero evitar todo e qualquer contacto com drogas.», pois ainda se lembra de, depois de estar 2 anos sem consumir, ter voltado a fazê-lo: «E quando fui libertado da primeira vez, passado um ano, voltei a cair, mesmo sabendo e estando consciente de tudo aquilo por que passei e fiz passar os outros». O Ricardo parece mais confiante, mas diz: «Não tenho medo de recair lá fora. Já tive tombos que chegue com a heroína...Mas talvez seja confiança a mais da minha parte... Tenho que integrar um programa de desintoxicação para garantir que isso não venha a acontecer».

## **5. A Escola e o primeiro passo para uma mudança**

O contexto prisional onde os entrevistados habitam é, hoje em dia, um espaço que para além de cumprir a sua função de punição e de vigilância, integra, nos termos da lei, outras estruturas que visam favorecer o respeito pela pessoa humana e a ressocialização dos reclusos, numa aproximação, que se pretende cada vez mais real, da comunidade exterior.

Essas estruturas, tais como a escola, os serviços de educação e as possibilidades de se ocuparem com um trabalho, são sentidas e olhadas pelos reclusos como uma mais-valia. A escola trabalha, como refere José Alberto Correia (1998), no sentido de facilitar a aprendizagem e a aquisição de competências, recorrendo a práticas educativas centradas nos alunos, privilegiando o princípio de aprendizagem ao longo da vida, no pressuposto do auto-desenvolvimento, responsabilização, organização e autonomia do sujeito. No entanto, o ensino num estabelecimento prisional tem de lidar com os constrangimentos inerentes a estes estabelecimentos, que influenciam quer os reclusos quer a escola. Há necessidade de repensar a educação, de uma maneira geral e, especificamente dentro de muros. Para isso se pensou no contacto dos reclusos com formas de expressão artística, valorizando, como refere Howard Gardner (2000) as «inteligências múltiplas». Sendo a arte uma forma de comunicação é, segundo Herbert Read (2007), no contacto com a obra de arte que as subjectividades e objectividades de quem as produz e de quem as observa, que essa comunicação se concretiza. É, também, no contacto com formas de expressão artística que a Conferência Mundial e Nacional para o Ensino Artístico (2006) vê a possibilidade de um ganho em termos de reflexão crítica sobre o mundo que nos rodeia.

Os alunos/reclusos vêem na escola a ocupação do seu tempo, O António diz que *«A ocupação do meu tempo também me trouxe à escola, pois, aqui, no EP de Paços, ela funciona relativamente bem e é um espaço diferente do interior da cadeia.»*. Vêem nela, também, como diz Manuel, a fuga à realidade cruel que é o interior de uma cadeia, *«Entrei para a escola, porque já não aguentava estar permanentemente naquela selva»*, O Filipe diz que veio para a escola porque *«é o melhor lugar da cadeia. É um ambiente tão diferente de lá de dentro»*. Mas, também, vêem nela a possibilidade de crescimento pessoal, de recuperação do défice escolar e de aumentar a sua cultura, de alternativas possíveis às suas vidas: *«Só tinha o 6º ano, era pouco. Vou aproveitar o tempo que ainda tenho aqui para fazer o 12º ano. Já que tenho que aqui estar, vou aproveitar»*, admite o Ricardo. O Filipe admite que enquanto não largou os consumos *«Nunca fiz um percurso certinho, pois continuava a consumir e a maior parte das vezes não tinha vontade de vir, só de consumir e ficar para ali... Por isso sempre tive muitos altos e baixos e estudar não é o meu forte...Mas gosto de vir à escola e quando venho tento aplicar-me. É bom aprender, mas falta a vontade ...»* A vontade de evoluir pessoalmente e de, mais tarde conseguir um emprego melhor, contribuiu para a decisão do Manuel de frequentar a

escola: «*Aqui dentro voltei a estudar por querer evoluir..., pela situação actual de dificuldade de arranjar emprego, é preciso ter qualificações, o querer acabar o secundário. Sempre foi um sonho meu, que não aproveitei na altura, mas hoje vejo isso como uma meta a atingir.*» Uma outra razão que leva à frequência da escola é o facto de esta ser um espaço de uma certa liberdade e diálogo, onde recebem amizade, afecto e atenção. O Filipe diz, com prazer e reconhecimento, que: «*O convívio é mais são...com os colegas e os professores. Os professores vão-nos conhecendo e podemos contar com a sua ajuda, apoio, interesse e, acho que posso dizer amizade*». O António vê na escola o ambiente que estava habituado a frequentar «*Há um ambiente completamente diferente do ambiente prisional, o contacto com os professores, a postura daqueles que frequentam a escola, é um contacto com pessoas diferentes, semelhantes àquelas com quem eu tinha lá fora, com posturas adequadas e que me trazem e me fazem sentir um pouco a liberdade.*» O Manuel veio encontrar na escola, através da convivência, do afecto, do reconhecimento de capacidades, da compreensão e da amizade que os professores lhe dispensaram, a força para começar a largar os consumos e começar a refazer uma vida que sentia adiada.

*Foi um espaço novo que se abriu. No entanto, não o soube aproveitar bem. (...) Faltava muito às aulas. (...) Quando vinha, conversava muito com alguns professores e comecei a criar laços de amizade, falava de mim, sentia que me ouviam e se interessavam. Dei a ler os meus textos e falei de mim. Deram-me textos a ler, poesia que me motivava e ao mesmo tempo me fazia bem e mal, no sentido de que remexia no meu íntimo e avivava em mim a consciência adormecida de que tinha de ter a coragem de refazer o meu percurso, a minha vida e era aqui dentro que tinha de começar e de investir com unhas e dentes. A compreensão e o afecto que recebia e a tenacidade e empenho com que me fizeram ver a necessidade de seguir um novo caminho, deram-me força para começar a ter e a criar em mim a vontade de largar o consumo, vontade que eu tinha, mas não conseguia dar o passo*

## **6. O Teatro – Palco de liberdade interior, de expressão de subjectividade, de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações interpessoais.**

Na mesma contextualização, mas no que ao teatro especificamente diz respeito, Augusto Boal (2008) fala-nos do teatro como via de comunicação com os outros e connosco próprios ao observarmo-nos em acção.

Vicente Concílio (2008) afirma que a prisão coarct a individualidade e a subjectividade do sujeito e olha a arte teatral como um meio de proporcionar aos reclusos uma experiência estética que leve a uma tomada de consciência alternativa ao mundo do crime, através da convivência grupal e do desafio da criação de um espectáculo, perspectivando a vida para além do presente.

É nas sucessivas socializações que se vão desenhando ao longo da trajectória de vida de um indivíduo, segundo Claude Dubar (1997) e José Alberto Correia no seu prefácio ao livro de Claude Dubar *A Crise das Identidades* (2006), que os sujeitos se vão (re) construindo e, por isso a integração num grupo de teatro permite aos reclusos interagirem na construção do texto, na interpretação do mesmo, na encenação, no estilo, nas relações de conflito, de harmonia, de reflexão que se vão gerando na montagem de uma peça de teatro. A função e a existência do grupo são cruciais, pois é através do grupo que as relações sociais se vão estabelecendo na interpretação das acções dos outros, e nas deles próprios.

Segundo o interaccionismo simbólico de Blumer (1998) o mundo é apreendido pelos sujeitos com base no significado que para eles ele tem e esses significados são trabalhados pelos indivíduos num processo de interpretação e interacções sociais que condicionam a sua acção e as suas atitudes.

É com base nestes pressupostos que se faz a análise das narrativas biográficas no que ao teatro diz respeito. O Teatro – Palco de liberdade interior, de expressão de subjectividades, de reflexão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as relações interpessoais.

Foram várias as razões que, inicialmente, trouxeram os alunos/reclusos à Oficina de Teatro. Foram, no entanto, muito semelhantes aquelas que os foram mantendo na Oficina.

A integração na Oficina de Teatro foi uma maneira de ocupação agradável do tempo. O Ricardo diz: «*Depois apareceu o teatro. Entrei porque era mais uma ocupação do tempo*», uma maneira de fazer algo diferente, O Filipe veio por isso: «*Achei que podia ser uma coisa nova para me ocupar*», mas acrescentou «*e mostrar à cadeia que estava bem*», sugerindo que «*O teatro também ajuda na obtenção das precárias...*» O António alega essas razões igualmente: «*temos que arranjar saídas para sobreviver e a escola e a Oficina de Teatro, são um escape, uma alternativa saudável (...). Ocupação do tempo*». Refere outras: obtenção de regalias «*Vi, também, na Oficina de Teatro um abrir de portas, em relação à situação prisional, flexibilização da pena*», gostar de teatro, pelo contacto que, desde cedo, teve com

ele «*Costumava ir ao teatro e tinha muitos amigos que faziam parte de um grupo (...) o eu gostar de teatro, a minha experiência anterior em teatro, (...) A minha primeira experiência foi no liceu. Éramos um grupo*». Uma outra razão que o trouxe à Oficina de Teatro foi ter visto colegas seus a representar: «*e o ter visto a representação da peça “938, O Rei Imaginário”, pela Oficina de Teatro. Gostei do que vi.*» O Manuel não sabe exactamente porque veio «*Não sei porque entrei e a princípio mantive-me quase invisível, sou uma pessoa tímida, não gosto de me expor, mas percebi o que ali se fazia*». Diz o Ricardo «*O empenho e o amor por esta actividade veio depois, à medida que via os meus companheiros a trabalhar e o que aquilo lhes trazia de alheamento em relação ao que é viver neste inferno*» e o Manuel concorda: «*Adorava aqueles momentos. Os ensaios, as conversas, o ambiente que ali vivia eram um espaço à parte de todo aquele ambiente sinistro que é uma cadeia. Divertia-me. Esquecia-me de onde estava.*»

Estas foram as razões mais práticas, no desconhecimento do que era aquela Oficina, que os levaram a integra-la.

As razões que os foram mantendo lá e que os fizeram empenhar-se prendem-se com o ganho pessoal que começaram a tirar da sua participação. E esse ganho pessoal vincula-se, através do teatro, na comunicação estabelecida connosco próprios e com os outros, na expressão de uma subjectividade individual, e em sucessivas socializações, como o são a pertença a um grupo de teatro, cujo sucesso depende menos do individual por si só, mas mais do individual no entendimento e interacção com o grupo. O António reconhece esse ganho na relação com os companheiros: «*Este grupo, no início era muito pouco unido, havia muitos conflitos, não estávamos habituados a olhar para os outros como um grupo e noto que houve uma evolução bastante significativa. Já trabalhamos muito para o grupo e preocupamo-nos com ele, com o seu bem-estar*».

Também o Manuel reconhece essa importância que foi percebendo à medida que as relações se iam estabelecendo e aprofundando: «*Aprendi a trabalhar para e com o grupo (...) a perceber que tinha que trabalhar para que eu próprio e o grupo conseguíssemos os nossos objectivos, que eram comuns*». O Ricardo é da mesma opinião: «*O teatro.... Ensinou-me a ter uma postura de pactos que têm de ser feitos para se atingir fins. É preciso esforço, trabalho, respeitar o trabalho dos outros, porque dele depende o nosso*».

A apreensão da realidade pelo sujeito faz-se através do significado que para o indivíduo ela tem e na sua interpretação através de interacções sociais (Blumer,

2008). E assim, mais do que na definição e afirmação individual de cada um é na relação grupal que cada um melhor se define e consegue chegar a um conhecimento mais profundo de si próprio, pois como diz o Ricardo essa descoberta *«Dá-me os momentos de ocupação interior que eu fui construindo a sós comigo mesmo, mas que são difíceis de viver dentro destes muros, dentro desta cela, num ambiente feio, perigoso, castrador. Agora aguento melhor»* e reconhece que é capaz de ter outro tipo de atitudes mais positivas e empenhadas: *«A preocupação em responder com empenho e trabalho para o grupo que é a Oficina, ocupa-me a mente, dando-me prazer. Tento motivar o grupo, fazer sugestões, mostro empenho em abrir a sala, levar canetas para todos, os textos, juntá-los quando chega o encenador, gosto de ter este papel activo...»*. O António afirma que a sua participação na Oficina de Teatro fez *«com que me esforçasse para fazer bem. Sou bastante exigente comigo próprio naquilo que faço. Gosto de ser o melhor, o que nem sempre consigo, mas dou sempre o meu melhor»*. Manuel também diz que *«aprendi a trabalhar para e com o grupo»*. E aprendeu também a *«a gerir as minhas emoções, a respeitar as fraquezas e as capacidades dos outros, a reconhecer as minhas, a perceber que tinha que trabalhar para que eu próprio e o grupo conseguíssemos os nossos objectivos, que eram comuns»*.

A Oficina funcionou como uma descoberta, pois nunca tinham tido contacto com Teatro, uma descoberta agradável e construtiva que foi capaz de os levar à reflexão sobre si próprios e à valorização das suas capacidades descobertas, A Oficina possibilitou-lhes o repensar de comportamentos, atitudes e da sua postura perante a vida. *«Tudo o que acontece no teatro. (espaço estético) é verdade permitindo vivências catalizadoras de mudança»* (Cruz e Pinho, 2006: 75). Diz o Manuel sobre a sua crescente responsabilidade: *«Comecei a ser notado e foram-me atribuídos os papéis mais importantes das peças que fomos construindo. Empenhei-me a sério, pela responsabilidade que me estavam a dar e, também porque me sentia muito bem»*. Reconhece que teve de fazer esforço, mas fê-lo por o querer fazer, porque valia a pena: *«Foi difícil, o encenador e as coordenadoras eram exigentes connosco. Era o texto para decorar, as entradas, a dicção»*. O Filipe, ainda numa fase em que tentava lidar com as novas experiências que vivia na Oficina e a sua postura e atitude refere: *«Comecei a conhecer melhor os meus colegas, a reconhecer o seu valor no que faziam e olhei para mim e perguntei-me se eu não seria capaz de fazer o mesmo...Imaginava-me no papel de alguns deles e queria fazê-los...acho que seria capaz,»* O Ricardo aumenta a sua auto estima e o

seu trabalho pois quer, empenha-se e vê resultados: *«Valorizo o empenho que se tem que por no que fazemos. Gosto que reconheçam o meu trabalho, porque houve tempos em que o desvalorizei... Vejo alternativas, tenho esperança»*.

É este reconhecimento e valorização do trabalho e do esforço que se põe no que se faz que lhes permitiu não terem vergonha de, como reclusos, se exporem e apresentarem publicamente o que se pode fazer dentro de uma cadeia. O António preferia representar não sendo recluso, mas isso não o impediu de o fazer: *«a exposição a que estamos sujeitos e toda a gente que nos vê sabe que somos reclusos, é algo que me deixa um pouco nervoso, não posso dizer que isso não me afecta... claro que afecta. Seria bem diferente se não estivesse inserido no meio prisional, mas noto que essa sensação vai diminuindo.»*. O Ricardo ainda não teve essa experiência de representar fora de muros, mas diz: *«Anseio poder sair com a Oficina (...) Não tenho vergonha de me mostrar como recluso, pois é como recluso que eu estou a fazer algo de positivo, que estou a trabalhar para ser uma pessoa melhor»*. Para o Manuel representar no exterior não constitui constrangimento: *«Não tive vergonha de estar ali como preso, estava a mostrar o nosso trabalho que é, pelo menos para mim, valioso e fruto de esforço e de satisfação e prazer»*. Já o Filipe esteve mais dividido: *«Custou-me muito representar em palco perante gente da minha cidade que me conhece perfeitamente. Senti vergonha, mas ao mesmo tempo senti orgulho em mim por ter essa coragem, por mostrar às pessoas que me conhecem e que sabem que eu tive um percurso de droga que estou a fazer algo de bom, que estou limpo»*. E é precisamente no reconhecimento do público fora de muros que eles comprovam a validade do seu trabalho e transformação. Para o António a *«avaliação é importante, o reconhecimento, os aplausos são fonte de uma grande satisfação. De uma forma geral qualquer avaliação em qualquer situação afecta sempre uma pessoa. (...) Acho que a opinião dos outros conta. Vivemos em sociedade»*. O Ricardo ainda só sentiu os aplausos dentro do EP, mas gostou: *«Já tive um cheirinho quando fizemos a representação do “O Ofício do Menino Jesus” no Natal e adorei ir ao palco, mostrar trabalho e senti-me bem a fazer aquilo e ouvir as pessoas que lá estavam bater palmas!»*. O Manuel adorou

*As representações que fizemos no exterior do EP, para além de toda a felicidade que me deram, como disse atrás, encheram-me de orgulho. Sentia um nervosismo e preocupação imensas antes das actuações...o medo de falhar, mas depois de começar, era ali que eu estava, numa concentração que me ensinaram a ter e que eu aprendi a ter. Uma plateia só para nós, a ouvir-nos, a ver o nosso trabalho e, no fim, a aplaudir-nos...Afinal, somos como os outros, conseguimos fazer coisas boas.*

O Filipe sentiu a sua força de vontade para continuar quando não viu nos outros a reprovção: *«E, no fim das representações, quando vínhamos cumprimentar as pessoas eu via nelas aprovação e não reprovção...deu-me força...»*.

O representar permite ao indivíduo expressar a sua subjectividade, na interpretação que faz do papel que lhe é atribuído e no recurso às emoções, sentimentos interiores que vai buscar para comunicar com o público. Para o Manuel esta subjectividade pôde, em diferentes alturas, expressar-se cabalmente. Numa das peças ele representou-se a si próprio e foi dentro de si próprio e no seu sentir que buscou a forma de se expressar: *«O Branco Preto Branco foi a mais fácil e a mais difícil... Ali era eu próprio a representar a minha própria realidade... os consumos, as ressacas, os remorsos, o desespero, a loucura. Representava-me e doía-me,»* Noutras foi capaz de encarnar outras personagens, diferentes dele próprio, mas onde a sua subjectividade se mostrava na interpretação que fazia. O António acha que *«A grande dificuldade de um actor não é interpretar uma personagem à sua medida, mas conseguir interpretar um papel segundo as linhas que o encenador lhe propõe»*. Contudo reconhece que deve haver *«sempre uma negociação entre os actores e o encenador»*. O prazer de representar é para ele muito significativo, *«Sinto prazer em representar, senão não o faria. O estar ali a representar, a mostrar uma interpretação que foi feita por mim, pelo grupo, é também um espaço de liberdade interior, porque deixo de ser quem sou para encarnar a personagem que represento»*. O Ricardo vê na representação a expressão da sua subjectividade escondida atrás de um papel que o actor assume como personagem e não como ele próprio: *«Eu não quero mostrar para todos o meu interior, não dá... A representação de papéis no teatro permite-me ser outro e mostrar coisas e sentimentos e sensações que são minhas, mas que não tenho que assumir como minhas, mas como sendo da personagem»*.

É Vicente Concílio (2008) quem afirma que a experiência partilhada de um grupo no contacto com a expressão estética, que se efectiva no teatro, no processo de construção de uma peça, leva à consciencialização de uma alternativa ao mundo do crime para além do presente que está a ser vivido em reclusão. O Manuel é eloquente a comprovar esta afirmação: *«...e eu senti que havia um lugar para mim no mundo, ia haver, não no teatro, embora adore representar e gostasse de ir por esse caminho, mas sou, tornei-me realista..., mas em qualquer lugar que eu ganhei com o meu esforço e trabalho. Tenho esperança, agora, finalmente»*.



## Conclusões

A sociedade, tal como a entendemos hoje, é fruto do conhecimento alcançado pelo homem, ao longo da sua, já longa, história.

A construção do conhecimento científico em Ciências da Educação é igualmente o resultado do pensamento epistemológico de muitos homens que buscaram trazer para a educação a cientificidade necessária para a pensarmos e desenvolvermos no sentido da eficácia da sua execução, transmissão e aplicabilidade. As Ciências da Educação recorrem, enquanto ciência transversal, a muitas outras áreas do conhecimento humano, tais como a Pedagogia, a História, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Economia.

A Educação, as práticas educativas e pedagógicas têm vindo a ser alvo de sucessivas e radicais mudanças ao longo dos tempos. É um facto incontornável que a sociedade não progride sem educação e para que ela aconteça tem de estar «em presença uma geração de adultos e uma geração de jovens e uma acção exercida pelos primeiros sobre os segundos» (Durkheim, 2007: 49). A educação é, segundo o mesmo autor, uma socialização. Para vivermos em sociedade, hoje em dia uma sociedade entendida paralelamente como local e global, os indivíduos têm que incorporar um vasto sistema de competências que lhes permitam assegurar a sua vida em sociedade. É dentro desta vasto e complexo conjunto fornecido por uma educação diferenciada e centrada nos educandos, através das práticas educativas e pedagógicas que cada indivíduo tem de encontrar, através do seu próprio esforço, disciplina e rigor uma selecção de competências pertinentes para assegurar o seu cabal desempenho enquanto ser social, conjugando aquilo que nele é individual com o que nele é social. É tarefa difícil tanto para quem educa, como para quem é educado.

Recordando o meu objecto de estudo que incide sobre a percepção que as possibilidades que a participação num grupo de teatro podem trazer a homens reclusos nas suas trajectórias individuais e na sua reconstrução identitária, na busca e reconhecimento de capacidades e competências que lhes possam trazer mais-valias, foram feitas muitas leituras sobre diversas temáticas associadas a esse objecto de estudo. Os conceitos estruturantes que estão na base desta Tese de Mestrado são aqueles relativos à prisão, à educação em geral, à educação em contexto prisional, à educação de adultos, à arte, à educação artística e ao teatro.

Relativamente à opção metodológica, as narrativas biográficas, várias questões foram equacionadas na fundamentação epistemológica, em questões éticas que se levantavam perante uma investigação em contexto prisional e na escolha das categorias escolhidas para fazer uma análise o mais rigorosa possível, de forma a chegar a um grau de probabilidade para poder assegurar que o que aprendi com esta Tese tem valor e verdade científica. Cheguei a algumas certezas, instalaram-se e surgiram algumas interrogações.

A leitura que foi feita para esta Tese de Mestrado de autores, enquanto pensadores e teóricos da Educação, como Émile Durkheim, José Alberto Correia, Pierre Bourdieu, Manuel Matos, Howard Gardner, António Magalhães, Stephen Storer, em muito contribuiu para ter uma visão mais enriquecida, articulada, clara, ampla e crítica da Educação, despertando a minha curiosidade para a imensa vastidão da elaboração do conhecimento nesta área.

Mais especificamente relacionado com o meu objecto de estudo, que pretende articular o ensino e a educação artística em contexto prisional com a reconstrução identitária dentro da prisão e as possibilidades de ressocialização e integração de reclusos na sociedade, a leitura de autores como Michel Foucault, Erving Goffman, Tiago Neves, Rui Abrunhosa, Manuela Ivone Cunha, José Alberto Correia, Herbert Blumer. Claude Dubar, Manuel Castells e de busca de informação pertinente no Código Penal Português, no Decreto Lei nº 265 e na Lei nº 115 referentes às medidas de execução de penas, estruturaram e amplificaram o conhecimento prático que fui adquirindo ao longo de 6 anos de leccionação dentro de um estabelecimento prisional sobre a realidade destas instituições, da prática educativa que nelas se desenvolve e da pertinência do relacionamento social para a reconstrução identitária e inclusão dos reclusos.

Ainda em ligação com o meu objecto de estudo, mas no âmbito da arte, do teatro e da educação artística, autores como Herbert Read, Augusto Boal, Vicente Concílio, Jean Pierre Ryngaert, Hugo Cruz, a leitura feita dos documentos resultantes da Conferência Mundial para a Educação Artística e a participação na Conferência Nacional para a Educação Artística, trouxeram-me visões alargadas, alternativas e pertinentes sobre esses temas e o perspectivar de um vasto leque de opções para se trabalhar estas áreas dentro dos estabelecimentos prisionais como vias complementares e motivadoras para a educação e a reinserção social.

Luís Fernandes e Cândido da Agra ampliaram o meu conhecimento sobre as relações que se estabelecem entre crime e droga.

As obras a que recorri no campo das narrativas biográficas foram obras e artigos de Franco Ferrarotti, de Jean Poirier e as Teses de Doutoramento de Maria José Magalhães e de Carlinda Leite que me trouxeram uma visão sobre as vantagens e riscos das narrativas biográficas, como as elaborar e interpretar.

Como conclusões da investigação que realizei com as narrativas biográficas privilegiando o método qualitativo, no pressuposto de que o indivíduo na sua singularidade reflecte a vivência e experiência de um grupo e de um contexto social, cultural e histórico em que se insere e seguindo a sequência que dei ao meu trabalho falarei primeiro sobre a prisão.

É consensual para todos os entrevistados que a prisão é um mal necessário. Quem cometeu um crime tem de ser punido. A adaptação à prisão é para todos difícil, mas todos, cada um à sua maneira, acabam por se adaptar para sua própria protecção, obtenção de medidas de flexibilização da pena e de forma a tornar mais suave e encontrar alguma paz no percurso a percorrer até ao fim da pena. O sofrimento pessoal ao nível das humilhações, da injustiça face ao funcionamento da justiça e ao próprio funcionamento de um EP, da dor, do desespero, da impotência, da solidão, da carência afectiva é sentido por todos, variando, talvez o grau de intensidade com que o sentem e como o expressam por características pessoais e de atitude.

A origem social em relação com o crime e a droga não parece ser determinante. Tanto aqueles provenientes de classes médias como os provenientes de classes bem mais desfavorecidas cometem crimes e estão presos, mas os primeiros têm uma maior estruturação interior. Contudo, os entrevistados provenientes de classes mais desfavorecidas parecem manter esse estigma e, como a prisão, na opinião de todos, potencia e favorece a manutenção de comportamentos inadequados ao permitir a continuação do tráfico e do consumo, embora puna quem o faz, torna mais difícil a estes libertarem-se e tomarem atitudes de rejeição ao consumo e de reconstrução. É principalmente na reinserção na sociedade que esta origem social parece fazer a diferença. Os mais desfavorecidos vão continuar a sê-lo, pelo estigma a que estão sujeitos e pela dificuldade que já antes tinham de acesso quer à educação quer ao mundo do trabalho. Os outros, com a ajuda económica das famílias, poderão ter uma reinserção mais facilitada.

A droga e o tráfico são vistos, por um dos entrevistados, como uma consequência de interesses económicos da sociedade. Todos reconhecem que ela tem um poder inexplicável e uma força que incapacita no sentido da desadequação

às tarefas e exigências da vida em sociedade e leva à degradação e ao sofrimento pessoal. Todos vêem o largar a droga como uma dificuldade extrema, mas sentida e vivida de maneiras diferentes, no entanto só alcançável com muita determinação interior, embora seja um fantasma que os perseguirá toda a vida.

A escola é vista por todos como um lugar privilegiado dentro de uma cadeia. São várias as razões que os trazem à escola: voltar a estudar para evoluir a nível pessoal e de integração na sociedade, a ocupação do seu tempo, a fuga ao espaço interior da cadeia, que alguns, significativamente, designam por «selva», um passo significativo para obtenção de medidas de flexibilização de pena e, por fim, um espaço de convívio com pessoas, os professores, exteriores ao sistema, que lhes trazem amizade e afecto e um tratamento diferente revelador de respeito pela pessoa e interesse por ela.

No que ao teatro diz respeito, alguns entrevistados começaram por vir para «ver como é», outro porque já gostava e tinha tido contacto com o teatro. Depois, segundo eles, à medida que o trabalho vai decorrendo há uma afeição que nasce. O trabalho em grupo é gratificante, porque na gestão de conflitos e na tomada de decisões que aí se verificam, aprendem a conhecer-se melhor a si próprios, a controlar as suas atitudes e comportamentos, a conhecer melhor os outros e a respeitá-los, a exercer uma cidadania e uma autonomia de que não se julgavam capazes, na responsabilidade pessoal pelo trabalho que é de todos. Ao serem capazes de ter estas atitudes começam a ver alternativas aos seus percursos, pois é na consciencialização e na estruturação pessoal que está o primeiro passo para a mudança. Apercebem-se de que são capazes de construir coisas que não imaginavam ser capazes de fazer. Este contacto com uma forma de expressão artística permite-lhes uma «evasão» da prisão, pelos papéis que são capazes de encarnar, permite-lhes o sonho. A exposição pública a que estão sujeitos quando nos deslocamos ao exterior do EP para apresentar as peças é motivo de algum constrangimento e vergonha por parte de alguns, mas é ultrapassada pela atitude positiva de aceitação por parte do público e pela consciência que têm de que estão a fazer algo por eles próprios, construído por eles, estão a trabalhar atitudes positivas.

Nos trabalhos realizados pela Oficina de Teatro ficaram evidentes as fragilidades de uma população excluída, marginalizada, sem esperança, mas em busca de uma identidade e de uma oportunidade. Contudo, ficou, também, evidente o crescimento da auto-estima, da confiança em si próprio, da força interior e da

determinação em mudar no sentido de alcançar, uma vez em liberdade, uma vida futura com sentido e enriquecedora.

Algumas interrogações permanecem.

Será que a prisão cumpre cabalmente a sua função de ressocialização? Terá condições para o fazer? Terá vontade de o fazer?

Quanto ao papel da escola em contexto prisional, não se lhe deveria dar a importância e reconhecer-lhe o valor que os alunos/reclusos lhe atribuem adequando os cursos ao contexto e investindo nela de uma forma mais rigorosa e abrangente da população reclusa?

Quanto à validade e pertinência da educação artística em contexto prisional não seria importante valorizá-la pelas potencialidades que, conscientemente aplicadas, ela pode trazer aos sujeitos inseridos num mundo onde se debatem entre a sobrevivência em circunstâncias debilitadoras e a tentativa de superarem os seus erros num caminho de mudança?

É, no entanto, pertinente questionar a validade destas aprendizagens e ganhos pessoais, inquestionavelmente verificadas em contexto de reclusão no esforço posto nas atitudes e posturas de mudança, na vida futura destes indivíduos, quando em liberdade. Serão eles capazes de manter posturas integradoras, de superar as suas fragilidades transformando-as em vontades e, ao mesmo tempo, ser-lhes-ão dadas oportunidades para as manter?

Como constatação final, seria interessante, daqui a uns anos, voltar a fazer as narrativas dos mesmos narradores, num contexto diferente – em liberdade.

## Referências bibliográficas

- AGRA, Cândido da (2008). *Entre Droga e Crime*. Cruz Quebrada: Casa das Letras
- AUGÉ, Marc (2005). *Não lugares. Introdução a uma Antropologia da Modernidade*. Lisboa, 90 Graus Editora
- BLUMER, Herbert (1998). *Symbolic Interactionism*. University of California Press
- BOAL, Augusto (2002). *O Arco-íris do Desejo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- BOAL, Augusto (2008). *O Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- BOURDIEU, Pierre (coord.) (2008). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (2008). *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema educativo*. Petrópolis: Editora Vozes
- BOURDIEU, Pierre (1989) “A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, *Educação em Revista*, 10, 3-15.
- BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSERON, Jean-Claude (1968). *Le Métier de Sociologue*. Paris : Mouton de Gruyter
- CASTELLS, Manuel (2007). *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Código Penal Português
- Comissão Nacional da UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. UNESCO Lisboa
- CONCÍLIO, Vicente (2008) *Teatro e Prisão: Dilemas da Liberdade Artística*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores
- CORREIA, José Alberto (2000). *As Ideologias Educativas em Portugal nos últimos 25 Anos*. Edições Asa
- CORREIA, José Alberto (1998). *Para Uma Teoria Crítica em Educação*. Porto Editora
- CRUZ, Hugo e PINHO, Inês (2006). *Pais, Uma Experiência*. Papiro Editora
- CUNHA, Manuela Ivone (2002). *Entre o Bairro e a Prisão – Tráfico e Trajectos*. Fim de Século Edições
- Decreto-Lei nº 265/79 de 1 de Agosto
- Despacho Conjunto nº 451/99 de 1 de Junho, DR II, Série nº127
- DUBAR, Claude (2006). *A Crise das Identidades*. Edições Afrontamento

- DUBAR, Claude (1997). *A Socialização*. Porto Editora
- DURKHEIM, Émile (2007). *Educação e Sociologia*. Edições 70
- FERNANDES, Luís (2002). *O Sítio das Drogas*. Editorial Notícias
- FERRAROTTI, Franco (1983). *Histoire et Histoires de vie*. Paris : Librairie des Meridiens
- FERRAROTTI, Franco (2007). “Las Historias de Vida como Método”, *Convergencia*, mayo-agosto, año/vol. 14, número 044, pp. 15-40. Toluca, México Universidad Autónoma del Estado de México
- FERRAROTTI, Franco (1986). *Sociologia*. Lisboa : Editora Teorema
- FOUCAULT, Michel, (2008). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes
- GARDNER, Howard (2000). *Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artmed Editora
- GONÇALVES, Rui Abrunhosa (1993). *A Adaptação à Prisão*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços Prisionais
- GOFFMAN, Erving (2007). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Lei nº 115/2009 de 12 de Outubro, Anexo: Código de Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade
- LEITE, Carlinda (1989). Tese de Mestrado: *Escola na Prisão. Dupla Disciplinação? Libertação?* Braga: Universidade do Minho
- MAGALHÃES, António e STOER, Stephen (2002). *A Escola para Todos e a Excelência Académica*. Cortez Editora
- MAGALHÃES, Maria José (2005). Tese de Doutoramento: *Mulheres, Espaços e Mudanças: o pensar e o fazer na educação das novas gerações*. Porto: FPCE, UP
- MATOS, Manuel Santos (1999). *Teorias e Práticas da Formação*. Edições Asa
- INIESTA, Montserrat e FEIXA, Carles (2006) “Historias de Vida e Ciencias Sociales. Entrevista a Franco Ferrarotti”, *Perifèria Revista de Recerca i Formació en Antropologia*, 5, 1-13
- NEVES, Tiago (2008) *Entre Educativo e Penitenciário*. Edições Afrontamento
- PEDROSA, Inês (2003). *Fazes-me Falta*. Publicações Dom Quixote
- POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone, RAYBAUT, Paul (1995). *Histórias de Vida Teoria e Prática*. Celta Editora
- Portaria nº 230/2008, DR 48, Série 1, de 2008-03-07

READ, Herbert (2007). *A Educação pela Arte*. Edições 70

RYNGAERT, Jean Pierre (1992). *Introdução à Análise do Teatro*. Edições Asa

VAZ, Henrique (2007). Tese de Doutoramento: *PROJECTO ZERO; A Escola no Teatro. Significado da instância trabalho numa escola profissional artística: Estudo de Caso*. Porto: FPCE, UP

## Referências webgráficas

Actas das Reuniões Preparatórias para a Conferência Mundial para a Educação Artística. [On-line],  
<http://www.unesco.org/culture/lea>. 20/12/09

Conferência Mundial para a Educação Artística. [On-line],  
<http://www.unesco.org/culture/lea>. 20/12/09

Relatórios dos Simpósios Regionais da Ásia e Pacífico, da América Latina e Caraíbas e da Europa e América do Norte. [On-line],  
<http://www.unesco.org/culture/lea>. 20/12/09

Relatório 2009 da Amnistia Internacional. [On-line],  
<http://www.thereport.amnesty.org>. 20/12/09



## **Anexo – As Narrativas Biográficas**

## **1. Narrativa Biográfica – António, 48 anos de idade, condenado por tráfico e consumo de droga.**

Como lembra Poirier, compete ao investigador «observar o narrador, tomando nota dos complementos gestuais da narrativa» (Poirier, 1995:57).

De uma maneira geral, a postura e atitude demonstrada pelo António foi sempre de muita contenção em termos de expressividade gestual, exceptuando o movimento quase permanente de esfregar as mãos, uma na outra e de se movimentar na cadeira em momentos que visivelmente o incomodavam. Respondia às perguntas num tom calmo, demorando algum tempo a iniciar a resposta, claramente a estrutura-la mentalmente. Foi necessário colocar-lhe algumas perguntas, principalmente no início das entrevistas, altura em que se notava uma certa falta de vontade, situação que se alterava a seguir, começando a descrever-se de uma maneira fluida. Houve muitos momentos de silêncio quando falava de assuntos em que tristeza que sentia pelo sofrimento causado aos familiares, a revolta e a incredulidade face à droga, a injustiça da sua 1ª condenação e de comportamentos de silêncio na cadeia, o desespero por não poder apoiar a mulher, na adaptação à prisão, eram visíveis nos próprios silêncios, no baixar de olhos, num encolher de ombros, num vago sorriso a pedir compreensão para as muitas noites choradas, nas frases que deixava incompletas e que repetia reformulando-as, no tom de voz que por vezes se tornava quase inaudível quando falava da família. Mostrou segurança, esperança, confiança em si próprio e determinação em relação aos estudos, ao teatro e à atitude a ter quando sair em liberdade, alturas em que a sua voz se tornava mais forte e o tom mais assertivo.

*Tive uma infância muito normal. Venho de uma família tradicional portuguesa de classe média. Tenho uma irmã e tive tudo para ter uma infância feliz. O meu pai trabalhava por conta própria e vivíamos razoavelmente bem. Era taxista e estabeleceu-se, mais tarde, por conta própria no sector da imobiliária. Economicamente nunca fomos uma família que passou por necessidades muito graves. Frequentei a escola primária e fiz um percurso escolar normal até ao 11º ano, que não acabei. Aos 20 anos fui para a tropa. Foi a parte da minha vida que me condicionou a vida futura. Foi aí que me meti na droga. Fiz dois anos de tropa, 2*

anos..., 24 meses, como condutor. Não gostei da tropa. Detestei. Mas queria ir um pouco atrás, à minha vida escolar... Foi na altura do 25 de Abril, altura muito conturbada. O liceu estava sempre com greves, e talvez tenha sido esse um dos motivos que me levou a desmotivar-me em relação aos estudos. No 11º ano já tinha carro e o meu pai dava-me uma boa mesada... e todas essas facilidades que me foram dadas, em vez de me levarem para o bom caminho, levaram-me para o crime. Era um jovem bastante rebelde. Na altura não pensava muito nisso... Não fazia escolhas, não pensava sequer nisso. Ia indo e mais nada. Comecei a dar-me com más companhias e de bom aluno comecei a faltar às aulas e sentia-me revoltado, não sei bem contra o quê. Não tinha motivos para estar revoltado. Em casa, tinha um bom ambiente e os conselhos que me davam eram óptimos. O meu pai também tinha estudado e dava-me bons conselhos, mas era um pai um bocado ausente. Quero dizer, ele não me faltava com nada em questões materiais, mas em relação aos estudos não era muito rigoroso, aquela presença de pai mais exigente, acho que não a teve. Com a minha irmã passou-se o mesmo, embora não tenha ido para os caminhos extraviados da vida, mas também não concluiu os estudos. Começou a namorar muito cedo e engravidou e depois disso não voltou a estudar. Hoje, como adulto e como pai, ao olhar para o meu percurso, acho que se o meu pai tivesse sido mais exigente comigo, se não me tivesse dado tantas facilidades, talvez não tivesse enveredado pelos caminhos que enveredei. Nas não o culpo em nada, de forma nenhuma. Hoje sou um homem adulto, revoltado, com a consciência de que tive todas as oportunidades para ter uma vida sem problemas uma vida perfeitamente normal e isso não aconteceu... não soube aproveitá-las. Tive a sorte de ter uma mulher, desde muito cedo ao meu lado que sempre me apoiou e mesmo assim o caminho que segui não foi o mais correcto. Tenho duas filhas, uma do casamento e outra fora do casamento com 5 anos... que mal conheço...infelizmente. A minha outra filha tem 19 anos. Continuo casado com a minha mulher, que tem sido uma companheira excelente em todos os aspectos e uma excelente mãe..., nunca me abandonou. Esteve sempre ao meu lado. Não falta a uma visita... Era das pessoas que menos merecia o que eu a fiz passar. Quando sai da tropa empreguei-me logo como empregado de balcão e conseguia manter a família com a ajuda da minha mulher que sempre trabalhou numa clínica. Tirei o curso de instrutor e comecei a trabalhar numa escola de condução, onde estive cerca de 12 ou 13 anos. Tinha um ordenado bastante razoável. Tive muito bons momentos lá, era muito acarinhado, mas... uma situação... que pôs em causa o meu casamento, ... o meu envolvimento

*com a minha patroa, que poderia levar ao fim do meu casamento... levou-me a abandonar a escola e a imigrar para a Suíça. Isto foi por volta de 94. Regressei para ser detido em Agosto de 95, não, 96 por tráfico de drogas.*

*A minha relação com a droga... presentemente é... sei lá, não consigo compreender como é que a droga, ..., como é que um ser humano consegue prescindir de tudo e de todos ... é algo de inexplicável, como é que ... uma pessoa ... não se consegue libertar dela depois de ter começado com os consumos... ela pode não nos fazer esquecer, não se esquece totalmente! Mas na hora de optar, ela vence e nessa hora, sim, esquece-se tudo o resto ...e opta-se por ela...*

*Hoje, que estou detido, já há 5 anos e meio e, tal como da primeira vez que estive detido de 96 a 2000, e desde 2004 até agora... É um pouco intrigante... que, enquanto detido, me liberto com relativa facilidade da droga ... é uma grande revolta! E quando fui libertado da primeira vez, passado um ano, voltei a cair, mesmo sabendo e estando consciente de tudo aquilo por que passei e fiz passar os outros. Não consigo compreender porque é que, quando em liberdade, não percebo... como voltei a consumir quando tudo estava a correr bem, vivia razoavelmente bem, tinha apoio da família e caio novamente... Não encontro justificação. O único motivo que vejo é o enorme poder que ela tem, é o poder que ela tem... é um poder tão esquisito! Voltar a consumir depois de tudo o que passei... de ter estado detido, não ver a minha filha crescer... não percebo como voltei a consumir... Pode haver muitas desculpas de companhias, disto, daquilo, mas acho que não há desculpa nenhuma..., porque a minha experiência deveria levar-me a superar esses condicionalismos e não voltar a isso. Todas as atrocidades por que passei quando estive detido deveriam não me levar a voltar ao consumo. Mas não foi isso que aconteceu. E quando sou novamente detido, deixo logo outra vez. Nunca mais entrei na droga... Nem lá fora, não era o tráfico que me fazia continuar, pois tinha dinheiro para viver, tenho casa própria, dava para fazer férias. Não era o dinheiro fácil... não. Nunca tirei proveito desse dinheiro a esse nível, quer dizer, familiar, pois tudo o que ganhava com o tráfico, era gasto em consumo com os amigos. Só. Gastei milhares e milhares de contos. Nunca nada juntei da droga. Assim como vinha, ia. A minha mulher, em alturas em que não vendia, chegou a dar-me dinheiro para comprar... portanto não era o dinheiro que me movia. É impressionante...*

*Quando sair, estou determinado a desligar-me de tudo e de todos que estejam ligados à droga. Não penso sair do sítio onde vivo. Tenho a vida lá*

*estabelecida. Mas também estava determinado da outra vez... Tanto que estive sem lhe tocar quase dois anos.*

*Tenho muito medo, muito medo! Tenho muito receio que algo me possa levar ... novamente a cair. Só quero evitar todo e qualquer contacto com drogas.*

*Aqui dentro, leio muito, jornais diários, romances policiais, autores portugueses e estrangeiros contemporâneos. Gosto muito de ler, acho que podemos tirar muito dos livros. Experiências, situações de vida, força. Houve uma altura em que lia tudo relacionado com drogas e isso ajudava-me a manter-me afastado pelo horror do que lia sobre isso, embora a experiência também fosse pessoal.*

*Aqui dentro voltei a estudar por querer evoluir..., pela situação actual de dificuldade de arranjar emprego, é preciso ter qualificações, o querer acabar o secundário. Sempre foi um sonho meu, que não aproveitei na altura, mas hoje vejo isso como uma meta a atingir. A ocupação do meu tempo também me trouxe à escola, pois, aqui, no EP de Paços, ela funciona relativamente bem e é um espaço diferente do interior da cadeia. Há um ambiente completamente diferente do ambiente prisional, o contacto com os professores, a postura daqueles que frequentam a escola, é um contacto com pessoas diferentes, semelhantes àquelas com quem eu tinha lá fora, com posturas adequadas e que me trazem e me fazem sentir um pouco a liberdade.*

*A minha vinda para o teatro veio um bocado nessa linha, um escape para os meus tempos mortos, afastar-me de lá dentro... embora pesasse também o facto de eu gostar muito de teatro. Vi, também, na Oficina de Teatro um abrir de portas, em relação à situação prisional, flexibilização da pena...*

*Sou uma pessoa bastante sociável, mas tenho muitos momentos de solidão, muitas horas comigo próprio, porque gosto, porque às vezes mais vale só que mal acompanhado. Sou extrovertido nas coisas banais do dia a dia, mas nas coisas íntimas, pessoais, não me abro facilmente. Sou muito reservado. Com a minha família, principalmente com a minha mulher tenho uma relação muito aberta em todos os aspectos, muito liberal e foi isso que permitiu que continuássemos juntos, apesar de todas as adversidades por que passamos.*

*Quando aqui entrei, com 34 anos, em 96 levou-me... meses a mentalizar-me e a ter consciência de que estava detido. Só quase meio ano depois é que aceitei que estava preso. Foi muito difícil... As circunstâncias em que fui detido... foram bastante esquisitas. Eu vim ver um amigo que estava detido e fui apanhado com meia grama de heroína ao ser revistado, não... não foi ao ser revistado. Já tinha*

sido revistado quando me apercebi que tinha essa meia grama no bolso e pedi ao guarda para ir buscar qualquer coisa ao carro “Esqueci-me de uma coisa no carro. Posso lá ir buscá-la?” Ele permitiu e era o que eu queria...para levar embora a droga, que, inadvertidamente, tinha trazido comigo... Um outro guarda, que me viu com qualquer coisa na mão, barrou-me e apanhou a meia grama. Portanto, fui detido por tráfico, logo ali... por tentar introduzir droga na cadeia, quando, de facto, o que eu queria era levar a droga dali para fora. Veio a GNR e fiquei logo detido. Foi horrível... Levava aquela droga comigo, porque consumia e não me lembrei que a tinha no bolso. Não era minimamente aquilo que eu queria... o que eu queria era leva-la para fora e não trazê-la para dentro. Esse meu... esquecimento meteu-me aqui 6 anos...

Em tribunal a verdade não foi ouvida. O guarda que me revistou confirmou que depois de me ter revistado lhe pedi para vir ao carro. Eu disse em tribunal que tinha a meia grama comigo para consumo próprio e quando me apercebi, quis vir pô-la ao carro, mas o outro guarda testemunhou que eu queria introduzir droga na cadeia. Foi uma das coisas que mais me revoltou... e ainda mais revoltado me senti, quando depois de uns dias em Custódias vi, aí sim, o que era tráfico de droga... Se em algum lado se traficava, era lá dentro. Estava abismado.

Esta situação passa-se quando eu estou cá de férias, com viagem marcada para voltar ao trabalho na Suíça e a minha vida... por causa de uma estupidez, por descuido, ficou de pernas para o ar. As investigações nada provaram quanto a tráfico... nem podiam, porque eu nunca tinha traficado... só consumia. Antes de ser preso nunca vendi nada a ninguém... 6 anos e com notícia de 1ª página no jornal: “Imigrante na Suíça traz “bombom” para o estabelecimento”.

Fiquei completamente ... sei lá, super, super surpreendido com o tráfico na cadeia. Eu conhecia o tráfico de bairro, mas nada se comparava com o tráfico lá dentro... era descarado. Era mais barata e em muito maior quantidade. Via, quem queria ver. Mal conseguia acreditar. Hoje, já não é bem assim, continua a existir, mas é muito mais disfarçado, mais camuflado do que em 96.

Vi coisas em Custódia tão, tão degradantes, vi pessoas a bater completamente no fundo, no fundo, mesmo no fundo. Eu sempre tive orgulho e dignidade e conseguia minimamente controlar os consumos, pois sabia que se continuasse era lá, ao fundo... que iria parar... chegar àquele estado... tudo se fazia, tudo se vendia para se ter a dose... tudo... Nunca me deixei levar a situações extremas e consegui controlar... Passam-se coisas na cadeia que vão contra todos os valores do ser

*humano, e eu sabia que não podia continuar, se não..., a minha dignidade não me permitia. Isso fez-me reflectir e obriguei-me a largar o consumo de vez, mesmo havendo muita droga. Depois também tive a sorte de ir para um estabelecimento muito mais pequeno, onde não se passava aquilo que se passava em Custóias. O ambiente é muito diferente. Mesmo o relacionamento dos guardas com os presos era muito mais amigável, mais próximo e a droga era muito mais controlada. Mas, verdadeiramente foi olhar para a degradação dos outros que me fez deixar de vez. Custava-me ver como era possível haver tanta droga dentro de uma cadeia.*

*Contudo é muito difícil uma cadeia viver sem droga e quanto maior é a cadeia, pior é. Se o apoio fosse adequado e não houvesse represálias contra quem pede apoio para largar, talvez. Mas o apoio a quem pede ajuda não é eficaz, não há o acompanhamento que é preciso dar àqueles que o pedem. Os programas existem, mas o acompanhamento é insuficiente. E as pessoas ficam marcadas. E se há recaídas, esses que recaem ficam marcados como fracos e não são bem vistos e é mais difícil obter medidas de flexibilização. Mas também acho que, mesmo que os programas sejam bons e haja acompanhamento, o mais importante é a determinação daqueles que querem largar. Se a força de vontade e de resistência não vier de dentro, não há programa nenhum que o consiga... A ajuda que se dá a qualquer toxicodependente quando ele recorre a um desses programas tem de passar por um acompanhamento diária, por conversar muito com eles sobre a droga, sobre os seus malefícios para que possa haver resultados.*

*A injustiça da minha primeira detenção foi algo que me revoltou e que custou muito a digerir pois na altura não traficava de todo, nem tal me passava pela cabeça..., ter sido acusado, condenado e detido por algo que não cometi foi muito difícil. Levou-me muito tempo a aceitar a injustiça. É bem verdade que a justiça pode ser cega... Hoje já olho para isso de uma maneira diferente. O que eu passei na primeira detenção, foi... muito... muito chocante. Eu vinha de um mundo completamente diferente e ter de viver tudo o que ali vivi, só me fez ganhar uma vontade, cada vez mais vincada, de me afastar de tudo o que tinha a ver com droga.*

*Da 2ª vez fui condenado e bem condenado porque traficava. Mas também digo que o ter começado a traficar foi reflexo da minha 1ª detenção. Da revolta que senti e que sei lá... que no meu interior não devia ter ficado, mas ficou... Fui condenado por tráfico e nunca trafiquei! Hoje já consigo lidar com isso porque a experiência diz-me que não é o ter ficado revoltado que me levou a algum lado e... e... hoje quero é distância de tudo o que esteja relacionado com droga... mas na*

*altura... senti uma revolta muito grande em relação à situação. Para mim o mundo prisional foi uma descoberta muito...muito..., sei lá, muito chocante.*

*Tive que me habituar a este mundo onde tudo é controlado, onde não temos liberdade para nada...Somos humilhados até no esquecimento do nosso nome; somos um número Já da tropa não gostei muito, o cumprimento de regras que em muitas situações não achava correctas, mas na cadeia isso é muito pior. E foi uma das coisas que me revoltou em muitas e muitas situações. A razão estar de um lado e não se dar o mínimo de importância a isso. Quem manda pode, corta, risca e, mesmo que esteja mal, é assim que se faz e que tem que ser e nem sequer há hipótese de que as coisas sejam tratadas de outra forma. É assim e...bem ou mal é assim! E isso..., há pessoas que se adaptam com facilidade, há outras que se adaptam com mais dificuldades. A mim custou-me a adaptar-me e... comecei a ter consciência de que não havia alternativa e que se lutasse contra... ainda pior! Na cadeia as pessoas têm que dizer “sim” a tudo e fazer tudo aquilo que está determinado para que... a situação não se complique e para que o dia de saída seja o mais rápido possível, as medidas de flexibilidade de pena sejam alcançadas o mais rápido possível e se se põe em questão alguma coisa... essas pessoas automaticamente têm muito mais dificuldade em atingir esses objectivos. Ficam marcadas... são pessoas que depois nas apreciações de flexibilidade de pena, são apontadas e... é muito mais difícil isso ser concedido.*

*À noite na cela, na primeira vez, o porquê... essa pergunta não me saía da cabeça... Porque é que eu estava preso? Porque é que eu estava preso? Não havia...não conseguia justificar porque é que as pessoas...perante uma situação que lhes é apresentada, ... a verdade não tem qualquer valor. Houve uma pessoa que disse que é, foi assim, era assim... e foi a versão dessa pessoa que prevaleceu em relação a tudo e a todos, a toda a investigação que foi feita acerca de mim... Isso não contou nada, não valeu nada... não... nada de nada! Portanto, a justiça é..., em muitas situações, ainda é muito cega.*

*Já chorei muito, muito... Muitas, muitas vezes. Isso... qualquer ser humano, nos primeiros tempos de detido passa por momentos de muita amargura. E então na minha situação que nunca pensava vir a ser detido, muito mais... e, e depois ver que fazia sofrer, que fiz sofrer pessoas de quem gostava e que não mereciam minimamente a situação que estavam a passar. Tanto os meus pais, como a minha mulher... tudo, tudo fez com que as lágrimas viessem muitas vezes. Desta vez já nem tanto porque, como digo, sabia os riscos que corria... já não havia aquela*



revolta de sentir que estava preso injustamente. O custar estar preso já não é sentido da mesma forma. Os momentos de solidão são os mesmos, sentem-se na mesma, claro. Então quando tenho uma família normal, uma família bastante estável, os primeiros tempos são muito pesados, está-se constantemente a pensar nas pessoas que estão lá fora e... nós sabemos que a nós custa, mas a essas pessoas custa muito mais porque têm que continuar com o dia-a-dia e muitas vezes não é fácil a relação de proximidade entre essas pessoas e o detido e ver o dia-a-dia normal. Custa com alguém está lá fora, sentirmo-nos impotentes para ajudar seja no que for, estamos limitados em tudo, em tudo. Não há o mínimo de hipótese de podermos ajudar alguém que nos é querido. Essas são as situações que mais custam. O preso vai-se adaptando ao dia-a-dia, vai criando rotinas e consegue, com mais ou menos dificuldade, levar o dia-a-dia, por muito que lhe custe a rotina... a pressão que nos é imposta, vou superando todos os pensamentos que tenho... da liberdade ou da forma de viver seja de que maneira for... consegue-se, mas custa muito mais quando se pensa nas pessoas que estão fora e no que elas possam estar a passar. É muito difícil viver aqui dentro... as rotinas, os horários, o barulho característico daqui...o fechar das portas, dos portões, a gritaria constante, o cheiro, a porcaria, as humilhações, a agitação entre as pessoas. Criam-se conflitos por tudo e por nada..., tudo isso mexe muito comigo. É uma tensão muito grande. Sempre fui respeitador, bastante calmo e... a agitação que se vive dentro de uma prisão, nas relações entre os reclusos, com os guardas é tudo muito forte, muito massacrante..., as pessoas partem para a violência por tudo e por nada. Isso é outra das situações que faz com que eu me ponha muito de fora dos grupos e na maioria das vezes me afaste de qualquer tipo de companhia. Prefiro estar só do que... por qualquer motivo, uma situação que se possa criar entre dois ou três indivíduos, eu esteja metido pelo meio sem ter nada a ver com aquilo. E para que isso não aconteça, desde sempre fui bastante reservado e bastante... solitário. Paro, converso com um ou outro, mas, por norma, não tenho amigos, nem companheiros com que conviva diariamente. Nunca estabeleci nenhuma relação de amizade aqui dentro. O único com que mais privava era o meu companheiro de cela, isto porque era o companheiro de cela, pelas circunstâncias. Porque mesmo quando estava fora da cela... não... privávamos assim muito um com o outro, eu preferia estar só. Almoço sozinho... Os outros reclusos, por eu não me dar com eles, deixam-me estar sozinho, não se metem comigo... quem anda só, anda só, não há grandes comentários sobre quem anda sozinho. Deixam-nas sozinhas no canto delas... já é

diferente quando se está com companhias e em grupos. Quando vejo problemas, afasto-me para os evitar, fujo deles o mais rápido possível. Mesmo quando presencio situações de injustiça... aqui não se valoriza a justiça ou a injustiça da mesma maneira, é preferível não tomar partido seja por quem for, não há razão para isso porque ao fazê-lo...isso é sempre mau dentro de uma cadeia. As pessoas não são tratadas de maneira diferente... quem respeita é respeitado e as pessoas é que, muitas vezes, não têm todas o mesmo comportamento perante uns e outros. E mesmo entre reclusos e guardas e chefias e administração...toda a gente é tratada da mesma forma desde que tratem também as outras pessoas duma forma correcta e...calada. Se não concordar, saber muito bem a forma como o pode expor...nunca ser muito directo. Mesmo que veja que a situação não é correcta ... evitar o confronto na hora e mais tarde expor a situação de forma controlada, demonstrando que a razão...que a razão não está só de um lado, está dos dois e fazendo prevalecer...porque se parte para o confronto directo, essa pessoa deixa logo de ter razão. É a sobrevivência, é mesmo assim porque senão é muito pior... Consigo fazer isto também por uma questão de feitio... controlo bastante bem os impulsos e mesmo vendo que muitas vezes a razão está do meu lado, faço de conta e deito para trás das costas... Não há hipótese de agir de outra maneira.

A minha 2ª detenção...já não foi tão violenta, pois já não havia a revolta da injustiça..., mas é sempre difícil. Acredito que para quem trafica tem de haver punição.

Eu acho que se a liberalização chegasse muitos dos problemas, deixariam de existir. Sou a favor da liberalização de todos os tipos de drogas. Pelo que eu ouço sobre países onde isso se verifica os crimes, principalmente os roubos, baixaram e muito, porque no fundo o tráfico faz com que haja muitos crimes, a pequena delinquência existe para que os consumidores tenham a sua dose, Se ela fosse distribuída gratuitamente a quem consume nada disso se passaria e muitos dos crimes que existem só por causa da necessidade de obter dinheiro para a dose deixariam de acontecer. Dizer que o consumo é mau, e que a dignidade de quem consome deixa de existir é tudo uma treta. Qualquer consumidor consegue ter uma vida perfeitamente normal, consegue trabalhar, render. Eu consumi durante muitos anos heroína e cocaína e trabalhava tanto ou mais que qualquer um dos meus colegas, ou melhor. O consumo não interfere com o trabalho, absolutamente nada. O consumo só interfere no trabalho quando não há dinheiro e tem que se procurar o consumo diário, porque se se tiver o consumo diário, nem se pensa noutra coisa, o

que se quer é trabalhar e fazer a vida normal. Uma pessoa está no seu estado completamente normal, completamente normal. Há tantas e tantas situações que nós sabemos de pessoas que consomem e que levam uma vida normalíssima... faz-se um bicho de sete cabeças em relação ao consumo de droga... pode ser prejudicial em relação a determinada doença, que possa fazer mal às pessoas, de resto não altera o dia-a-dia de ninguém... não há nada que possa... que por isto ou por aquilo a droga fez com que eu não fizesse isto ou aquilo, ou não fosse tão profissional, ... cria um ritmo muito mais acelerado de trabalho, um, um querer fazer melhor que os outros, pois ela leva a um estado de excitação, de euforia, de agilidade que uma pessoa que não consome, não consegue ter. Uma pessoa consome, porque vai alterar o seu estado normal para melhor. Não sou a favor das drogas, mas digo com sinceridade, se a droga fosse livre, em vez de fumar tabaco, fumaria só droga. Porque tanto o tabaco como o álcool são drogas e se estes forem fumados ou bebidos com moderação, não há mal nenhum, O mesmo com as drogas. A única diferença é que o consumo do álcool, por exemplo, e do tabaco também é muito mais barato que qualquer droga. Se se tiver dinheiro para a dose diária, a pessoa que consome droga é muito mais sociável do que aquela que não consome droga. Resumindo o único problema que eu vejo nas drogas é o tráfico, sem dúvida. Portanto o grande mal é ela ser muito cara, o que faz com que aqueles que não têm dinheiro, cometam crimes para conseguir o seu consumo e ...em muitas situações..., imaginemos um trabalhador com um ordenado mínimo, ou acima do mínimo um pouco, se ele tiver que comprar todos os dias o seu consumo, ele vai chegar ao fim do mês e não consegue ter dinheiro para as despesas, mas se ele conseguisse, em vez de ter o ordenado mínimo..., o dobro, ele teria dinheiro para o seu consumo e para as despesas do dia-a-dia. Essa pessoa não vai ter necessidade nenhuma de... enveredar por outros caminhos para conseguir o consumo e tem o seu dia normal, vai trabalhar e tudo. Quem tem o ordenado mínimo vai chegar a meio do mês, não vai trabalhar, porque tem de ir roubar, ou fazer algo para ter dinheiro para o consumo. É depois uma bola de neve. Não vai trabalhar, mais cedo ou mais tarde vai ser despedido, é o único problema em que a droga interfere no dia-a-dia das pessoas. E há muitas situações... eu conheço bem, lá na Suíça..., também mais ou menos na Holanda, onde a liberalização não é total, mas já há um passo bastante importante em relação a isso, onde as pessoas consomem e fazem a sua vida perfeitamente normal e tudo bem. A droga sempre existiu, há milhares de anos, há países onde é a coisa mais normal fumarem ópio de manhã à

noite e é tudo normal. A sociedade ocidental é que faz com que, neste caso... o tráfico alimenta fortunas enormes. É a economia das sociedades ocidentais, esta mentalidade de mercado que leva a isso. É pura e simplesmente isso, mais nada, nada. Grupos económicos que têm que se manter. Se não houvesse nada disso, nada disto seria assim. Não acredito que isto possa mudar... não... ainda um dia destes vi uma reportagem na televisão acerca de... de... da marijuana na América, onde pessoas fazem plantações e vivem do cultivo da marijuana e que dizem que, pura e simplesmente os grandes grupos económicos é que controlam para que isto esteja instalado de uma forma repressiva e para que haja crime, para que isto seja considerado um crime, porque há muita coisa por trás deles e...que engloba muito dinheiro...é o dinheiro que controla e que faz rolar o mundo. A economia mundial depende de tráfico de armas e de drogas e as guerras são continuamente incentivadas em cada canto do mundo para manter a indústria de armamento a funcionar. O tráfico no mundo ocidental..., o mundo ocidental depende muito do tráfico...há muita lavagem de dinheiro, a droga movimenta milhões e milhões e será sempre assim. Nos países asiáticos é totalmente diferente. Muita gente consome e está tudo bem... Veja o Afeganistão, os próprios generais americanos alimentam a guerra e de lá vem muita droga.

Eu tenho uma certa paz e a consciência tranquila, porque nunca directamente prejudiquei ninguém a não ser a mim próprio e aos meus e que... não é a droga que faz com que as pessoas enveredem por caminhos mais... é a falta dela que faz com que as pessoas enveredem por caminhos que não são correctos. Infelizmente eu vejo o problema da droga... o consumir não está a prejudicar ninguém ... é como fumar tabaco, é como outro vício qualquer. O que ela custa, é que traz situações muito complicadas.

Mas voltando ao estar preso...temos que arranjar saídas para sobreviver e a escola e a Oficina de Teatro, são um escape, uma alternativa saudável. Acho que foram várias coisas ao mesmo tempo que me trouxeram cá. Ocupação do tempo, o eu gostar de teatro, a minha experiência anterior em teatro, e o ter visto a representação da peça "938, O Rei Imaginário", pela Oficina de Teatro. Gostei do que vi.

A minha 1ª experiência foi no liceu. Representei Galileu, O Auto da Barca do Inferno e mais algumas das quais não me lembro o nome. Éramos um grupo de jovens numa associação recreativa e cultural. Tinha eu entre os 15 e os 18 anos e foi algo de que sempre gostei. Não há uma razão especial. É uma paixão que tenho.

*Não é a... a exposição, sei lá, talvez o encarnar outras personagens, o poder de, dentro da minha personalidade, criar uma outra. Eu acho que me atrai o ser capaz de ser outra pessoa, poder mudar, abstrair-me de ser o que sou e ser capaz de ser outra pessoa. Sempre senti que o consegui, umas vezes mais do que outras, mas trabalhava sempre nesse sentido.*

*Costumava ir ao teatro e tinha muitos amigos que faziam parte de um grupo. Talvez tenha sido isto que me fez gostar de teatro. Ainda hoje tenho alguns amigos que são actores. Nunca pensei em seguir a carreira. Não. E não encontro justificação para isso. Nunca, na minha mente tive como objectivo ser actor. Não sei se por não me sentir capaz, mas acho que, de facto, nunca pensei fazer carreira. Nunca me ocorreu seguir uma carreira profissional.*

*Depois de deixar a escola, deixei de representar, até ter sido detido. Mas continuei a ir ao teatro, antes, claro. O meu pai ia muito ao teatro, principalmente revistas. Foi ele que me incutiu este gosto. Com 6,7 anos já ia ao teatro com ele. Ele gostava muito de teatro e levava-me com ele sempre que possível. Em pequeno, peças infantis e depois, já mais velho vi Henrique Mendes, Henrique Viana, Camilo de Oliveira, Raul Solnado, Marina Mota e outros.*

*Entre os 20 e os 30 deixei de ir e de estar ligado ao teatro. Só voltei ao contacto quando fui detido em Braga e comecei a participar no grupo desse EP. Quando entrei já havia um trabalho mais ou menos sério, com um encenador que nos ensinou a representar, leitura, colocação de voz, conhecimento do corpo. Só fizemos uma peça, “O Soldado 29”. Estive sempre ligado ao grupo, éramos 5 ou 6 e tínhamos todo o interesse em aprender, era uma relação aberta, na qual havia momentos de brincar e momentos de trabalhar. E, lá, se o encenador não podia ir, ia outro, nunca ficávamos sem teatro.*

*Entre na Oficina da Escola no EPPF em 2007, em Dezembro, acho. Sim. Exactamente, em Dezembro, depois de ter visto “O Rei Imaginário”. Vi a peça e gostei do trabalho feito por amadores. Tinha bastante de profissional. Vi que havia trabalho por trás. Não era só ocupar o tempo, ...o que em muitas situações em casos semelhantes se passa. Vi um trabalho que me agradou. Não era só fazer teatro por fazer. Havia interesse e qualidade no trabalho. Havia empenho e dedicação, dos reclusos e de quem trabalhava connosco*

*A Oficina de Teatro, tal como em tudo resto, fez com que me esforçasse para fazer bem. Sou bastante exigente comigo próprio naquilo que faço. Gosto de ser o melhor, o que nem sempre consigo, mas dou sempre o meu melhor. Nunca fui*

*egoísta. Gosto de trabalhar em grupo e para o grupo para que aquilo que se faz corra bem... para que o sucesso não seja só meu, mas do grupo. Gosto de ajudar os outros naquilo que sei e que me é possível. Mas, aqui dentro, tenho sempre o cuidado de não me prejudicar. A cadeia é assim...*

*Aqui no EPPF é algo que me desgosta, não haver um acompanhamento contínuo de alguém ligado ao teatro, porque não é levado tão a sério. Noto, tanto da minha parte, como dos colegas que não há um trabalho tão sério, como quando o encenador está presente. Quando ele não está... bem não há tanto o sentido de responsabilidade, porque algo que fazemos mal ou bem, não sabemos se é do agrado dele. O que quer que façamos tem de ser do agrado do encenador, pois quem está de fora tem uma percepção mais correcta da interpretação do texto. Se há alguém a dirigir, todos os que estão envolvidos devem seguir as ordens de quem dirige. Cabe aos actores a melhor interpretação do texto, mas que seja dirigida pelo encenador. É ele quem nos deve dar as indicações de como interpretar determinada personagem, porque muitas vezes poderá ficar fora do que o encenador pretende, quero dizer, a interpretação que o actor faz do texto. Um bom actor terá sempre que interpretar a personagem que lhe é proposta pelo texto, com o aval do encenador. No caso dos papeis principais ou secundários, todos são importantes, pois a peça vive do conjunto de um elenco e se cada um interpretar à sua maneira, poderá correr-se o risco de não ser aquilo que o encenador pretende que seja a peça. O resultado devia ser sempre uma negociação entre os actores e o encenador que dirige, mas deverá caber sempre ao encenador a última palavra. A grande dificuldade de um actor não é interpretar uma personagem à sua medida, mas conseguir interpretar um papel segundo as linhas que o encenador lhe propõe. Quando um actor tem muita experiência de teatro deverá negociar e ter uma palavra para com o encenador em relação à sua interpretação, mas se esse actor for inexperiente deverá seguir as indicações do encenador, que tem certamente uma visão mais correcta da peça que está a encenar. Correcta, no sentido de como a peça deve ser dirigida e apresentada ao público.*

*O facto de o encenador não estar sempre presente, não faz com que me desmotive, mas não é a mesma coisa. É a falta de aprimorar todos os pormenores. Para isso, ele é fundamental. Quando ele vem fazemos todo o ensaio com o objectivo da representação final. Quando não vem é só bater texto. Dá-se pouca importância a todos os tempos que compõem a peça. Mas acho que este grupo evoluiu muito... até na camaradagem. No início, olhava-se muito para os erros dos*

outros, ainda se faz isso, mas agora muito menos e há uma maior entre ajuda entre todos. Isto é fundamental, quer dizer o clima criado entre todos nós. Existe, hoje mais respeito entre nós, existe..., como hei-de dizer?...maior compreensão em relação aos erros que uns e outros possam cometer. Isto, é, claramente, um aspecto positivo.

Este tipo de actividades, fora da educação formal, da escola em si, com as disciplinas e assim, é importante, porque as pessoas sentem-se mais à vontade. Este grupo, no início era muito pouco unido, havia muitos conflitos, não estávamos habituados a olhar para os outros como um grupo e noto que houve uma evolução bastante significativa. Já trabalhamos muito para o grupo e preocupamo-nos com ele, com o seu bem-estar. Acho importante que haja teatro dentro de um EP, assim como acho que é importante que haja qualquer actividade que faça com que nos distanciemos desta realidade, para nos abstrairmos, para nos fazer ver outros caminhos, para acreditarmos em nós, para termos esperança.

Sinto prazer em representar, senão não o faria. Para além de ser um escape para os imensos tempos mortos é também o prazer do desafio de realizar e mostrar um trabalho. O estar ali a representar, a mostrar uma interpretação que foi feita por mim, pelo grupo, é também um espaço de liberdade interior, porque deixo de ser quem sou para encarnar a personagem que represento. É diferente da escola em si que, também nos leva ao alheamento da realidade de estar preso, mas o teatro tem um poder maior a esse nível. A imaginação voa e saio de mim próprio e sou outro. Os ensaios e a representação fazem-me esquecer a minha condição de detido e por isso são momentos preciosos. É de tal maneira emotivo, intenso para que possamos pensar na nossa situação. Quando estou a representar, abstraio-me completamente do público e concentro-me no texto, nos meus colegas. O prazer que retiro de representar... sei lá... é um pouco esquisito. Vejo esse prazer no reconhecimento que os outros fazem daquilo para o que me empenhei. Interiormente, sinto muita satisfação quando tudo acaba bem. Durante o tempo que estou a representar estou bem. Não penso em mais nada.

As actuações que fazemos lá fora, a exposição a que estamos sujeitos e toda a gente que nos vê sabe que somos reclusos, é algo que me deixa um pouco nervoso, não posso dizer que isso não me afecta... claro que afecta. Seria bem diferente se não estivesse inserido no meio prisional, mas noto que essa sensação vai diminuindo. Não sinto propriamente vergonha, porque o meu crime..., as pessoas não sabem qual é o meu crime, mas eu sei... eu não matei ninguém, não

*roubei ninguém, o meu crime tem a ver com circunstâncias de vida e a minha consciência faz com que não sinta tanta vergonha. Claro que é sempre negativo, para a sociedade estar preso, mas no meu caso, drogas, tráfico, claro que tem uma conotação muito negativa, mas faço distinções em termos da gravidade dos crimes, aliás a moldura penal assim o define. É pior matar, roubar, violar do que traficar e consumir.*

*Gosto mais da representação em si do que dos ensaios, porque é o produto final de um trabalho intenso. São muito importantes os ensaios, porque são um processo de aprendizagem, de amadurecimento, de assimilação de processos de muito trabalho para alcançar uma meta, que é apresentar o que resultou do nosso trabalho. Tudo isso para ser avaliado por quem nos vê. A avaliação é importante, o reconhecimento, os aplausos são fonte de uma grande satisfação. De uma forma geral qualquer avaliação em qualquer situação afecta sempre uma pessoa. Uma avaliação negativa em relação a qualquer coisa que tenhamos feito mal..., ou mesmo que pensemos que fizemos bem e somos avaliados negativamente, tem sempre um reflexo na nosso ego. Cria insatisfação. Acho que a opinião dos outros conta. Vivemos em sociedade. Mas são factos que enfrentamos diariamente nas nossas vidas e temos que lidar e tentar crescer e evoluir com eles.*

*O teatro ainda hoje não é uma profissão que se leve muito a sério. Aliás os artistas são ainda olhados de uma maneira diferente, tudo o que rodeia as artes é um pouco visto como viver na lua. Eu acho que são pessoas normalíssimas, mais extrovertidas que são capazes de transmitir algo que as pessoas normais pensam que não são capazes de fazer, mas que também seriam capazes se o quisessem. Um bom artista tem que nascer já com qualquer coisa. É preciso ter um dom, nascer com ele, mas há que trabalhar muito para isso também.*



## **2. Narrativa Biográfica – Ricardo, 30 anos de idade, condenado por consumo, posse de droga e condução sem carta.**

Como lembra Poirier, compete ao investigador «observar o narrador, tomando nota dos complementos gestuais da narrativa» (Poirier, 1995:57).

Relativamente ao Ricardo cabe dizer que teve, desde logo uma postura bastante aberta e espontânea na intenção de se deixar entrevistar. É um recluso mais aberto e extrovertido e à medida que as entrevistas se iam desenvolvendo e se abordavam quer aspectos que visivelmente o afectavam, quer outros mais ligeiros, não se retraía a responder encadeando acontecimentos, relacionando-os com outros, saltando para outros que lhe vinham à memória. Acompanhava o seu discurso com muita expressão gestual, usando muito o olhar que raramente desviava do meu, o encolher de ombros, sorrisos, para dar conta dos seus sentimentos de tristeza pela morte do pai, de saudade da irmã mais nova, da mãe, de arrependimento por coisas que fez, de frustração ao reconhecer que podia ter tido uma vida muito diferente e melhor, ao sentir as coisas com a mãe por resolver, de resignação na aceitação da sua situação, de solidão de não ter amigos, de contentamento por se sentir a mudar, de alegria pelos projectos que vai tendo, o teatro, a escola, de esperança em sair e refazer a sua vida. Percebia-se que gostava e lhe fazia bem a conversa, como aliás afirma no fim das entrevistas.

*Na altura, bem, eu era o mais novo de três irmãos, éramos seguidinhos. Mas eu era o mais novo, portanto tinha uma atenção especial. O meu pai era alcoólico e raramente estava presente, saía de manhã e aparecia à noite, não porque fosse trabalhar, pelo menos não trazia dinheiro para casa... e a minha mãe é que tinha tudo para fazer para criar os três filhos. Havia ali uma situação muito instável e eu apercebia-me disso. A educação que recebi, os princípios e os valores com que cresci foram-me dados pela minha mãe. Ela teve alguns empregos, mas finalmente ficou como ama, pois assim podia estar mais connosco. Conciliava com o trabalho da casa. Não tinha alternativa. Fiz a escola até ao 6º ano e depois fui trabalhar. Não porque os meus irmãos também tivessem ido, mas porque eu via as dificuldades. Fui trabalhar... eu sou marceneiro, sabe? Estive em casa uns meses antes de arranjar trabalho e ajudava a minha mãe no trabalho da casa... lavava a louça, estendia roupa, ia buscar lenha, enfim, ajudava no que ela precisava. Comecei a trabalhar*

*com 13 anos. Tive uma infância, bem, eu tinha vergonha de, na escola, sabe... quando os professores na primeira aula perguntam a profissão dos pais e o que é que eu havia de dizer? Eu não sabia o que dizer do meu pai, não ia dizer “o meu pai não faz nada”, portanto inventei-lhe várias profissões. Na altura não lhe sentia a falta, não tinha maturidade para perceber. Hoje sinto mais a falta dele e talvez o pudesse entender. Ele chegava a casa e ...nunca bateu na minha mãe, não, nem verbalmente a agredia, mas era um para um lado e outro para outro. Não falavam. Lembro-me numa noite de Natal, ele chegou e... a minha mãe teve todo aquele trabalho para ter tudo à mesa de Natal... e não cearam juntos...por isso eu tinha um carinho especial pela minha mãe. Queria mostrar carinho à mãe... era um pouco por aí.*

*Quando eu tinha 11 anos nasceu mais uma irmã, no meio daquela relação complicada entre os meus pais... o álcool. Ajudei a tomar conta dela, brincava com ela. Adorava-a. Lembro-me que quando eu e a minha mãe falávamos dela por qualquer razão, dizíamos “a nossa menina”. Tenho um amor enorme por ela. Era como se fosse minha filha, esta irmã deu-me muitos alicerces, apoiava-me muito no carinho por ela. A minha relação com ela foi muito diferente da que tinha com os outros meus irmãos.*

*Fui, então, trabalhar. Comecei como moço de recados e o meu patrão ensinou-me tudo sobre a profissão, já disse, sou marceneiro. E hoje é aquilo que sei fazer. Por volta dos 15, 16 anos, já ganhava dinheiro, que dava à minha mãe, mas comecei a ir por caminhos ... que não devia ter ido, a ter aquela liberdade de sair à noite, de ir tomar café, com companhias que não escolhi propriamente, mas que ... apareceram. Não culpo ninguém, culpo-me a mim, mas...Acho que o que falhou na minha educação foi... não foram os princípios e os valores, porque esses a minha mãe tinha-os e ensinou-mos... era... não se falava das coisas, da vida, dos perigos, da droga, das situações, eu não sabia o que era um preservativo. Tinha uma namorada e não sabia que devia usar preservativo, que podia ser perigoso, por causa das drogas...Era a idade, também... uma coisa leva à outra. Não tive discernimento para perceber no que me estava a meter. Houve quem me alertasse, mas na altura, não quis saber. E fui indo, entrando naquele mundo, onde tudo é degradante. Nunca roubei para comprar droga. Trabalhava e recebia dinheiro, que dava à minha mãe, mas comecei a ficar com algum para mim. Precisava, sabe, para isso...*

*Os meus irmãos também trabalhavam, das 9 às 5, mas o meu irmão chegava a casa e não ajudava... Eu gostava de andar bem vestido...sempre fui vaidoso, e queria calças de marca e isso tudo. Pedi à minha mãe e ela disse que não havia dinheiro para isso. Eram muito caras. Então resolvi juntar dinheiro para ser eu a comprá-las. Trabalhava o horário normal e comecei a ficar mais uma hora por dia e ao sábado de tarde. Um dia fui às compras e cheguei a casa com as calças que queria e um cinto... custaram-me dezassete contos, era em contos, na altura. O meu irmão criticou-me e a minha mãe também, mas acho que ele tinha inveja de mim... ele andava com calças da feira, sabe... Consegui, também comprar uma bicicleta de montanha...custou-me 20 contos, na altura e, mais tarde uma moto...175 contos... com o dinheiro do meu trabalho. Sinto orgulho nisso.*

*Quando comecei a entrar mais nos consumos, comecei-me a sentir rejeitado pela família, sentia que era uma peça a mais...havia comentários. O ambiente em casa era tenso, pela situação de alcoolismo do meu pai, os meus próprios consumos. Eu refugiava-me neles. E assim as situações tornavam-se mais fáceis...Deixavam de constituir um problema, ou melhor, já não eram um problema. Não aceitava o meu pai, não compreendia e magoavam-me as atitudes da minha mãe, com o meu irmão também não era fácil...A minha mãe pôs-me várias vezes fora de casa. E sabia que eu não tinha para onde ir. Como é que ela o pode fazer? Se calhar pensava que me estava a ajudar, mas por um filho fora de casa... Até que comecei a sair eu e não dava notícias durante tempos, depois voltava, mas cheguei a um ponto que, já que estava a causar danos à família, saí. Sentia muita revolta pela injustiça que achava que a minha mãe estava a fazer comigo. O meu irmão também consumia e ela também era dura com ele, mas permitia-lhe coisas que a mim não facilitava. Também o punha fora de casa, mas eu tinha o cuidado de lhe deixar a porta aberta para ele não ficar ali...na rua. Ele nunca me fazia isso e eu ficava mesmo na rua, em casa de um amigo, se conseguia, no carro de algum amigo, ou num anexo coberto que havia em minha casa. Só a minha irmã mais pequenina é que ...não me abria a porta, mas deixava-me sempre, no carrinho das bonecas dela, um iogurte, fruta e assim... Esta aconchego e carinho dela é que me aqueciam naqueles momentos em que me sentia completamente abandonado e desamparado. O sentir-me abandonado, rejeitado pela minha família foi sempre o que mais me magoou e que deixou marcas profundas em mim...que tenho que resolver dentro de mim para ter alguma paz.*

*Continuei a consumir e já estava muito dentro daquilo...eu acho que se quisesse sair, saía, mas não queria, é preciso querer. Nunca é tarde... Há aquela ideia de que quem se injecta tem mais dificuldade, mas não. Depende é das circunstâncias em que a vida nos coloca. Na altura nem pensava em parar. Era novo, não havia a informação que há hoje sobre as drogas Ir para centros de tratamento estava fora se questão, ...não havia dinheiro, por isso nunca pensei nisso. Deixei-me ir. Eu era a ovelha negra. O meu irmão já tinha experimentado comigo e com outros, mas era camuflado, ninguém sabia. Comigo não, em casa sabiam, ali à volta sabia-se e isso trazia consequências para dentro de casa...e eu sentia da parte da família que era uma peça que estava a mais. Ouvia comentários... ainda por cima, havia o álcool do meu pai...Tinha muita revolta em relação ao meu pai. Ele bebia e eu consumia... para me refugiar. Julgava-o e não o compreendia e hoje acho que já não o julgaria com a mesma severidade com que o fiz em novo...Havia, eu sentia uma rejeição da família em relação a mim e então saía de casa...entendia que não devia estar ali a causar danos à família. Desaparecia e não dava notícias. Depois voltava, mas era sempre o mesmo. Não consegui ficar. Sentia-me desamparado. Era tratado de maneira diferente em relação aos meus irmãos... a minha mãe dava-lhes uma liberdade que não me dava a mim. Controlava-me as saídas... Eu tinha a tal mota e, por vezes era o meu irmão que queria sair com ela e a minha mãe deixava e a mota era minha. Ela admitia que me tratava de maneira diferente dos meus irmãos e ainda hoje não sei porquê. Não percebo como é que a minha mãe autorizou, quando eu tinha 17 anos, a minha ida para a Alemanha. Só podia sair do país com a assinatura dela e ela assinou...Tantas vezes me perguntei porquê. Para se ver livre de mim? Para eu ganhar juízo? Lá longe, sozinho?... Quando fui detido, penso que a minha mãe o quis... Foi o meio que ela encontrou para eu parar... Claro que ela não tinha dinheiro para um advogado, mas se quisesse mesmo, ela arranjava, como arranjou para outras coisas, não para mim. Será que pensou que eu sendo primário estaria preso pouco tempo e seria a forma de endireitar? A minha mãe tinha um irmão toxicodependente e a minha avó nunca o abandonou. Morreu em consequência da droga, sida, etc...Há tantas perguntas sem resposta...Há coisas por resolver com a minha mãe. Conversas que eu tenho que ter com ela quando sair daqui. Coisas que, como disse atrás tenho de resolver dentro de mim, mas que passam por uma conversa com a minha mãe, que eu adoro, apesar de tudo.*

*Fui mudando de emprego, porque o meu antigo patrão, que confiava completamente em mim, deixou de o fazer pois já não via em mim o rapaz que ele conheceu. Tentou ajudar-me, falava comigo, alertava-me, mas chegou a um ponto que já não dava e ao não me continuar a dar emprego, foi a forma que ele encontrou de me ajudar... Não me dando emprego, não tinha que me pagar e assim eu não tinha dinheiro para o vício. Na altura critiquei-o. “Não tens nada que ver com a minha vida.”. Mas, hoje, penso que ele tinha razão...*

*Um dia arranjei uma namorada, mais velha do que eu. A minha relação com ela foi boa. Tinha um sítio onde ficar, dávamo-nos bem. Ela também me dava dinheiro. Ajudou-me monetariamente e em termos de consumo, descambei mais.*

*Entretanto sou caço, com 80 doses de heroína. Tinha traficado duas ou três vezes, coisa pouca. Dessa vez um “amigo” entregou-me as 80 doses. Eu entendi. Era aí que ia começar o tráfico. Ele tinha 180 doses e era cadastrado. Já tinha estado preso, já sabia o que era a cadeia. Conhecia-o desde pequeno. Viu-me crescer. Para ele assumir as 180 doses dele era o mesmo que assumir também as minhas 80. Ia dentro de qualquer maneira. É claro que eu peguei nelas, mas ele podia ter-me limpo... Bem, não sei.*

*Fui condenado e preso com 21 anos. Aqui dentro fui calcado, espezinhado, humilhado, roubavam-me tudo, vinha da visita...e ficava sem nada. Passei muito. Detestava que me chamassem pelo meu número... Era ordem para isto, ordem para aquilo, rotinas intermináveis... Andava à deriva não sabia como aquilo era. Mas a cadeia é assim. Então tive que aprender a sobreviver. E para isso faz-se de tudo. Continuava a consumir e precisava de dinheiro. De casa eu sabia que ele não viria, a minha mãe não o tinha, por isso se eu não tinha dinheiro tinha de o arranjar. Lá fora para arranjar droga é preciso fazer uns km, aqui, ela está na cela ao lado...Coisas que nunca fiz lá fora, comecei a fazê-las aqui. É preciso sobreviver... enganava, manipulava... “queimava-me” num fornecedor, ia a outro e assim sucessivamente. Fazia asneiras de seguida, faltava ao respeito aos guardas, guardava telemóveis, droga, fazia vinho e bagaço...que bom que era com o café! Tinha uma atitude de desrespeito total pela instituição. Fui transferido de EP para estar mais perto da família e continuei com os consumos e a ter um comportamento ainda pior do que o que tinha no outro EP. Um dia fui caço com um “sabonete” de haxixe. Processo de cadeia. Mais 7 anos e quatro meses. Estava perdido. Foi o descambar...todas as esperanças ruíram. Cumprir a pena toda. Revoltado piorei, fazia greves de fome, contestava tudo e todos.... E os anos foram passando e*

comecei a aceitar a minha situação, porque não adiantava não o fazer. É o mais difícil...aceitar. Demorou tempo, mas consegui. Estabeleci metas, obter precárias e chegar à liberdade o mais depressa possível e ter uma nova oportunidade. Fui crescendo e amadurecendo, tornei-me desconfiado, calculista, ando sozinho, não chateio ninguém, adquiri a minha independência, não tenho amigos, aprendi que aqui os amigos são aqueles que vêm ter connosco quando temos dinheiro, se não temos, ninguém vem à nossa cela, não confio em ninguém, não se pode confiar, aqui dentro... ganhei o meu lugar e o respeito dos outros, no sentido que me deixam em paz e não se metem comigo, porque lutei para isso. Não me deixo pisar. Falo com este e com aquele, mas na base do “está tudo bem?”, “Tá tudo” e sigo. E é preferível assim. Agora tenho outra consciência das coisas, estou limpo, tenho precárias, está quase a acabar, tenho de pensar no meu futuro. Mas estou cansado, muito cansado, farto...Não faz ideia... a solidão pesa muito. Não tenho medo de recair lá fora. Já tive tombos que chegue com a heroína... Mas talvez seja confiança a mais da minha parte... Tenho que integrar um programa de desintoxicação para garantir que isso não venha a acontecer.

O meu pai morreu, estava eu aqui na cadeia. Marcou-me muito e tenho um sentimento de frustração, porque ficaram muitas coisas por resolver entre nós os dois. Eu tinha uma má relação com ele quando era novo... o álcool dele, o sofrimento da minha mãe, o ambiente tenso em casa..., mas, hoje acho que o compreendo...eu, também me refugiei, tal como ele, se calhar, não sei de quê. Pensava muitas vezes, antes de ele morrer, quando fosse de precário ter “aquela” conversa com ele. Dizer o que nunca foi dito. Acertar agulhas. Tenho e vou ter sempre esta mágoa de não ter falado com ele. Amargura-me. Escrevi-lhe uma carta este ano no dia do pai...

É como lhe disse atrás com a minha mãe. Há coisas por resolver, por esclarecer, por conversar. Quero isso, embora já o tenha tentado nas visitas, mas ela esquiva-se... mas tenho que as ter para não ficar com a amargura que tenho por não as ter tido com o meu pai. Não quero que ela venha às visitas, porque vejo o sofrimento dela, o sofrimento de uma vida. E se lhe falo destas coisas que queria falar com ela, ela pensa que estou a bater mal. Vai ser difícil. É uma relação com muitas falhas que eu quero esclarecer. Ela não percebe que eu consegui a minha independência cá dentro, com o meu trabalho, com o que ganho na escola, Mas ela não acredita, acha que estou metido em qualquer coisa má. Não quero que ela me traga tabaco, pois lá fora é muito mais caro, aqui com 10 euros eu consigo o tabaco

*muito mais barato. Mas ela não percebe isso. Por isso há coisas que não lhe falo por agora. Fez-me uma visita surpresa no fim-de-semana passado. Estava na cela e fui chamado. Quando a vi...dei-lhe um abraço tão forte. “Começou a primavera e tu vieste ver-me. Na Primavera começa tudo...”. Ela é tão importante para mim. A família é muito importante para mim. Esta visita fez-me um bem...Deu-me força. Veio preencher aquele vazio crescente que se vai acumulando dentro de nós. Conversamos. Perguntei-lhe porque nunca tinha abandonado o meu pai. Por pena? Não sabe. Percebia que era um casamento fracassado, mas antes de morrer o meu pai esperou por ela e ela percebeu que o tinha tido sempre ali, só que não percebeu. Ela foi a mulher da vida dele. E agora senti essa mágoa nela... Aproveitei para lhe dizer que nós, os dois, também tínhamos de conversar...para depois não ficar mágoa...*

*Bem, retomando... Trabalhava no que podia e o que recebia era bem-vindo. No meio desta aceitação da minha situação vim para a escola. Só tinha o 6º ano, era pouco. Vou aproveitar o tempo que ainda tenho aqui para fazer o 12º ano. Já que tenho que aqui estar, vou aproveitar.*

*Depois apareceu o teatro. Entrei porque era mais uma ocupação do tempo. O empenho e o amor por esta actividade veio depois, à medida que via os meus companheiros a trabalhar e o que aquilo lhes trazia de alheamento em relação ao que é viver neste inferno. Nunca vi uma peça de teatro. Minto. Vi os meus companheiros representar, aqui dentro, nas festas da Escola “Uma gota de Mel”, “938, O Rei Imaginário”, “O Operário em Construção”... Quase que entrava nesta, mas como ainda não tinha precárias... e eles foram convidados a representar lá fora e eu não podia ir... por causa das precárias. Vi, também todos os sketches que eles apresentaram. Quando sair, vou ao teatro ver uma peça representada por profissionais. Bem...como já disse, não tinha precárias, por isso estive sempre um pouco à margem, mas sempre acompanhei com interesse. Ficava triste quando os via partir para ir actuar no exterior e eu ficava cá dentro. Mas fui tendo esperança. Portava-me bem. Gostava da Oficina. E ganhei as precárias com um esforço de bom comportamento e interesse pela escola. Deixei de consumir. Percebi que tinha de ser. Agora, com as precárias tenho uma participação mais activa no teatro e adoro representar. A peça que estamos a trabalhar já vai contar comigo. Vou lá fora representar. Mas não é só o ir lá fora... O teatro ensina-nos a usar certas capas que temos de usar por defesa. Ensinou-me a ter uma postura de pactos que têm de ser feitos para se atingir fins. É preciso esforço, trabalho, respeitar o trabalho dos outros,*

*porque dele depende o nosso. Dá-me os momentos de ocupação interior que eu fui construindo a sós comigo mesmo, mas que são difíceis de viver dentro destes muros, dentro desta cela, num ambiente feio, perigoso, castrador. Agora aguento melhor. Eu não quero mostrar para todos o meu interior, não dá... A representação de papéis no teatro permite-me ser outro e mostrar coisas e sentimentos e sensações que são minhas, mas que não tenho que assumir como minhas, mas como sendo da personagem. Acho que isso é das coisas mais fascinantes do teatro. A preocupação em responder com empenho e trabalho para o grupo que é a Oficina, ocupa-me a mente, dando-me prazer. Tento motivar o grupo, fazer sugestões, mostro empenho em abrir a sala, levar canetas para todos, os textos, juntá-los quando chega o encenador, gosto de ter este papel activo...não só porque gosto, mas acho que devo e quero representar uma peça a sério. Já tive um cheirinho quando fizemos a representação do “O Ofício do Menino Jesus” no Natal e adorei ir ao palco, mostrar trabalho e senti-me bem a fazer aquilo e ouvir as pessoas que lá estavam bater palmas! Gosto do grupo, mas só dou aquilo que acho que posso dar. Se algo não me agrada recuo... Acho que devia haver mais união, mas, se calhar, não é possível, porque jogamos à defesa. Mas acho que temos de ter uma responsabilidade individual e colectiva e temos de apoiar os outros membros. Não podemos olhar para esta actividade como uma brincadeira. Mas leva tempo a ganhar confiança..., a conhecer os outros e a respeitar. Memorizar os textos é uma tarefa que me ocupa na cela, com o meu companheiro, que também faz parte da Oficina. E representamos os dois...para memorizar, para me sair bem, para mostrar que sou capaz, para passar o tempo...Há regras que eu percebo que têm de existir e convivo bem com elas. Dá muito trabalho, mas, agora acho que isso é bom. Valorizo o empenho que se tem que por no que fazemos. Gosto que reconheçam o meu trabalho, porque houve tempos em que o desvalorizei...Anseio poder sair com a Oficina, para viver os momentos de liberdade, embora passageiros, que os meus companheiros já experimentaram. Não tenho vergonha de me mostrar como recluso, pois é como recluso que eu estou a fazer algo de positivo, que estou a trabalhar para ser uma pessoa melhor. Vejo alternativas, tenho esperança.*

*Podia ter tido uma vida...bem diferente desta. Desperdicei muito e de muito me arrependo. Mas, já não há nada a fazer em relação a isso...O que me preocupa agora é o meu futuro quando sair daqui. O que é que eu vou fazer cá? Vai ser difícil arranjar emprego, na minha situação, com a situação do país. Não. Quero sair do país. Não sei, França, Holanda, Espanha. Quero ir como voluntário para qualquer*



*lado, Angola... Tenho 30 anos. Tenho de fazer opções. Acho que quero conhecer outros países, trabalhar e reorganizar a minha vida por aí. Acho que é isso.*

*Estas conversas fizeram-me um bem que não imagina. Não se pode falar assim, como falei consigo, aqui. Mas foi para mim um descarregar da minha solidão, do meu vazio, dos meus sentimentos, dos meus remorsos, dos meus medos com alguém em quem confio, fui aprendendo a confiar... e que me ouve, que não está aqui a fingir que ouve, que se interessa. E pensei em muitas coisas, organizei alguns compartimentos. Isso é muito importante.*

### **3. Narrativa Biográfica – Manuel, 28 anos de idade, condenado por consumo e tráfico de droga, roubos e assaltos.**

Como lembra Poirier, compete ao investigador «observar o narrador, tomando nota dos complementos gestuais da narrativa» (Poirier, 1995:57).

Com o Manuel, homem tímido e reservado, aparentemente bem disposto foram mais difíceis as entrevistas. Não porque se sentisse retraído ou constrangido a falar, pois estava à vontade, e sabia que podia confiar, mas porque é um homem complexo, com problemas íntimos por resolver, confuso, descrente, mas com vontade de acreditar e de seguir em frente, que se refugia muito na fantasia e no sonho para lidar com a sua situação. A sua tendência para a divagação, para a interrogação constante, para um certo derrotismo está bem patente nos textos e poemas que escrevia. Falava, hesitava, reformulava, interrogava-se, pasmava, entusiasmava-se, ria, chorava, sofria, sorria vagamente, numa mistura de sentimentos demonstrados no que ia contando, recordando, sonhando e perspectivando. Os olhos profundos perdidos no vazio mostravam o arrependimento por muitas atitudes que teve. A raiva do que viveu na cadeia transparecia na brusquidão com que falava. A decepção consigo próprio na fraqueza de não alcançar o que queria, escondia-a num baixar de olhos envergonhado, às vezes cheios de lágrimas que não consegui conter. A solidão imensa, o cansaço e o desespero que sentia, escrevia-os. Mas, também se via o entusiasmo nos sorrisos abertos e nas gargalhadas quando perspectivava e aí, acreditava que poderia vir a ter uma vida melhor e tornar reais alguns dos seus sonhos.

*Quando eu era pequeno... gostava de subir às árvores, de apanhar amoras, de vaguear pelos campos. Levava uma vida livre, era saudável, tinha uma família enorme, somos 9 irmãos. Não havia muito em casa. O dinheiro era muito pouco. Fazia as minhas malandrices, era rebelde. Os meus pais não eram pais muito presentes. O meu pai bebia, pouco trabalhava e gostava muito de dormir... a minha mãe ficava com tudo o resto... trabalhar, trabalhar e trabalhar para nos sustentar. Tinha muita liberdade, agora vejo que a mais, mas, na altura era feliz, não havia castigos, fazia o que queria, sem grande controlo. Fumei o meu primeiro cigarro aos seis anos! Aos sete passei uma noite na esquadra, tinha roubado um armazém de*

sumos. Já andava em grupos. A escola ia-se fazendo, com pouca presença física...faltava muito, havia coisas mais interessantes e tentadoras a fazer e foram essas que, ingenuamente, puto que era, segui. Mas tinha um sonho: ser militar. Claro que o meu percurso no crime e na prisão o impediu, mas ainda hoje tenho uma mágoa muito grande por não o ter conseguido.

Mudei de cidade e as coisas pioraram. Conheci pessoas mais velhas e comecei a acompanhá-las, tinha 12 e andava com pessoas de 20 e mais anos. Fumava e aos 14 comecei com haxixe. Queria coisas novas, queria afirmar-me, queria mais. Aos 17, experimentei heroína...eu não queria, tinha medo, mas eles diziam que era fixe e que podia parar quando quisesse...

E não parei, porque começando não se pára. Sente-se um poder... sentimo-nos poderosos... A droga ...é bom, mas é muito mau. Enquanto estava sob o efeito dela tudo era maravilhoso, sentia-me um vencedor, nada me podia parar, os problemas desapareciam, como que por milagre. Lidava com as situações de uma forma tão fácil... Fugia das frustrações, não sabia o que queria, sabia que não estava a conseguir fazer nada da minha vida, isso eu via, mas ela, ela resolvia tudo...Sentia-me mal, culpado. Vi coisas horríveis, gente degradada, desprovida de qualquer dignidade e vergonha, vi gente a morrer nos meus braços... Como é que é possível? Como é que fui capaz de me meter nisso? Droga é isso mesmo. Perde-se tudo, a noção do bem e do mal, não há regras morais, não há o respeito por nós próprios. Leva-nos para caminhos que não procuramos. Tornamo-nos pessoas que não nós próprios. É muito rápido, quando notamos, já estamos lá em baixo...É uma bola de neve. Resta, nos momentos de lucidez, amargos e dolorosos, o sonho e a esperança de, um dia sair. Gostava tanto...mas falha a vontade. Neste mundo maldito da droga só ela domina. As ligações, os afectos pouco significam. A ligação e o afecto são para a droga e para quem a fornece. Manipulamos, enganamos, fazemos de tudo, de tudo...A minha mãe... meu Deus! Tentava enganá-la, fugia-lhe, mas estava era a fugir de mim próprio. Mas, ela sabia... e o que sofria...não me perdoo por isso...Dizia-lhe para não se preocupar, que ia conseguir, só para a compensar. Ela, (a mãe) implorava...mas a vontade tem de vir de dentro de nós, ninguém no mundo nos empurra para a cura, se nós não quisermos. Passou muito tempo até eu querer e perdi tanto pelo caminho...

É preciso muito dinheiro, porque quando o efeito passa, vem a ressaca e não fazemos outra coisa senão querer arranjar dinheiro para a próxima dose. É em função disso que se vive... Tive muitos empregos, fui serralheiro, arrumador de

carros, um pouco de tudo na construção civil, mas mantinha-me pouco tempo neles. A “minha amiga” dizia-me ao ouvido: “eu sou mais importante, para quê trabalhar, para quê o esforço”. Não há vontade, de facto. E, como não havia dinheiro, em casa, começaram a ir os objectos para trocar e quando isso falha, vem o roubo... Roubava em função do que precisava para manter o consumo... telemóveis, Cds, carteiras, cafés, carros (que guiava sem carta) para ir daqui ali, em orgias de maluqueira e aventura com os “falsos” amigos que acompanhava, sei lá, roubava o que se apresentava na altura...qualquer coisa. Não queria saber o que aqueles a quem eu roubava sentiam. Era mais um qualquer. Evitava roubar mulheres, mas também as roubei, houve alturas em que usei de violência, mas queria lá saber das vítimas, a minha necessidade gritava mais alto. O desespero leva à violência. Às vezes, pensava nos meus actos e sentia vergonha, uma vergonha profunda e angustiante, mas depressa passava, pois o meu corpo e a minha mente pediam a sua grande amiga apaziguadora, reconfortante, que tudo fazia esquecer...Conhecia bem aquele mundo, movimentava-me bem. A adrenalina também tem o seu papel E era esta a minha vida até ser preso aos 20 anos.

Quando me fecharam a porta da cela, com um ruído ensurdecedor de ferro, caí em mim. Foi o fim. A minha vida tinha acabado. O que eu fiz tinha um preço, era este. Uma revolta imensa contra mim próprio abateu-se sobre mim e o peso da consciência era tremendo. Chorei, as mãos como garras na cabeça, numa angústia indescritível... Dez anos de cadeia para cumprir.

Sempre tive o apoio da família, a minha mãe, coitada, ia-me visitar todas as semanas com uma das minhas irmãs. Levavam-na à vez. Ela não conduz, nem tem carro. E os transportes para aqui não são muitos. Depois as visitas começaram a espaçar-se, até por insistência minha, pois via o desgaste e o sofrimento da minha mãe e a despesa que era deslocar-se...mas sempre que ia..., passou a ir de 3 em 3 semanas, levava-me comida e outras coisa que lhe pedia e deixava-me dinheiro na conta... As conversas, nas visitas eram sempre o mesmo, notícias da família, dos sobrinhos. Adoro crianças..., que saudade tinha deles. E depois o mesmo assunto de sempre...”tens de largar...”. A minha mãe era firme. Ameaçava não voltar, não me dar dinheiro... mas é mãe e voltava...

Estar preso...não há palavras que consigam definir o que isso é. Era a minha vida adiada. A droga continuava a pairar. Era tudo mau ali dentro. Era mais um número que ali foi parar... eu era um número... e como todos os outros “números” tinha de fazer tudo o que eles mandavam, comer, tomar banho, visitas... tudo ao

*mesmo tempo...rebanho de ovelhas...Mas o pior... Sentia a falta da minha mãe, sentia a falta da família, sentia a falta de afecto, sentia a falta de carinho, sentia a falta de uma mulher, sentia a solidão, sentia medo, sentia as noites e os dias todos iguais, sentia o frio e a humidade daquela cela que no Inverno parecia que tinha as janelas enormes e no verão eram tão pequenas que asfixiava, sentia a fome, sentia a tristeza imensa, sentia a revolta, sentia a frustração, sentia o desespero, sentia a raiva, sentia tudo, menos a liberdade...Passava noites sem dormir, à janela a olhar para as estrelas..., afeiçoei-me a Sírios que brilha mais forte e torna os meus sonhos mais claros. Era o sonho que me mantinha vivo. Era o sonho e a esperança da liberdade que, um dia havia de chegar que me mantinha vivo. E havia também os pesadelos. Noites em que dormia e que queria acordar, porque os sonhos que tinha não eram como aqueles que, por vezes conseguia alcançar acordado. Eram pesadelos terríveis em que me via sempre a cair, perseguido não sei por que monstros sem rosto nem feitio, a julgarem-me, a condenarem-me. Acordava mergulhado em suor e olhava, no escuro daquelas quatro paredes, que se dobravam sobre mim... olhava o nada, o vazio, o escuro da minha vida. Chorava, mas nem as lágrimas sentia como um alívio, tal era a asfixia, o aperto no peito que sentia...É lixado manter a sanidade mental aqui dentro.*

*Habitudei-me às rotinas, tentava, tinha que sobreviver e encontrei gente que conhecia... gente de lá do bairro de onde vim e juntei-me a essa gente e os consumos voltaram. Começou de novo a luta...dinheiro para a dose... Fazia-se de tudo. Promete-se a um, engana-se outro, rouba-se, manipula-se, trai-se e traem-nos e eu sabia isso, mas pasmava sempre que isso acontecia. Mas chega sempre o momento de pagar. Ou pagas ou levas. Assisti a muitas coças. Trabalhava para ter dinheiro. Tudo o que a minha mãe me trazia nas visitas... já estava destinado. Mas nunca chega. Nunca apanhei, porque tinha quem me protegia...gente que eu já conhecia de lá de fora e que já estavam instalados, bem instalados no meio, controlavam. Entrei no circuito. Era como lá fora, só que aqui a droga é mais abundante, mais barata, mas de pior qualidade. A cadeia é uma extensão da rua onde consumia. Aqui, também, tinha que ter cuidado, obedecer, fingir que não via o que me revoltava, fingir que não via a injustiça, ser humilhado, esconder a revolta, cumprir com as regras, roubar, traficar, mentir, mas ter muito cuidado, se não vinham os castigos em cela de habitação, em cela disciplinar e cortavam-me as saídas precárias e os Ravis. Quantas vezes os perdi e os recuperei! Amadureci, cresci e sobrevivi no meio do crime. Lá fora e cá dentro.*

*As ressacas eram terríveis. A dor muscular, o mal-estar generalizado, o medo, os pensamentos destrutivos, incongruentes, o desespero, o cansaço, a necessidade extrema da dose para acabar com isso, tornavam a minha vida cá dentro na busca constante para conseguir o consumo. O único objectivo era garantir que a ia ter. Incongruência medonha... Era a droga que eu queria, que eu precisava para suportar e era ela que me levava ao fundo. Não imagina o que é ir ao fundo dos fundos. Eu estive lá. Deve ser assim o inferno...A angústia de viver assim é indizível. Remorsos que nos corroem até ao mais fundo da alma...*

*Apesar de tudo ser mau, a cadeia trouxe-me um espaço de reflexão. Obrigatoriamente reflectimos, pois temos espaço e tempo para isso. Por muito doloroso que seja, tem isso de positivo. Encontrei-me comigo próprio, procurei, no mais fundo da minha alma sentimentos escondidos, pude analisá-los, muitas vezes sem os perceber, a princípio, mas permiti-me trabalhá-los e tentar percebê-los. Não é fácil embarcar nesta viagem de se conhecer a si próprio, encontramos coisas boas, mas também encontramos outras menos boas. Era difícil lidar com tudo isto. Queria... seguir, mas algo me impedia. Ouvia muito música e isso trazia-me alguma paz, sonhava acordado coisas boas que queria viver, mas, aqui dentro, tudo é limitado, até o sonho... de repente, a realidade voltava com mais dureza ainda. Comecei a ler muito, principalmente poesia, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Mário de Sá Carneiro, Rui Belo, entre muitos outros. Confortava-me a leitura, embora, por vezes a depressão viesse com mais intensidade. Comecei também a escrever. Era a minha forma de expiar culpas, dar corpo a sentimentos, sensações e emoções. Escrevia prosa e poesia. Pegava em poemas e textos de autores e reescrevia-os adaptando-os aos meus pensamentos. Outros eram só meus. Escrevia, sem cessar, textos enormes, por vezes, absurdos, à noite quando a solidão me envolvia e me pesava de uma forma mais sufocante.*

*Continuava a consumir heroína, umas vezes mais, outras menos, conforme o que conseguia arranjar.*

*Entrei para a escola, porque já não aguentava estar permanentemente naquela selva. Foi um espaço novo que se abriu. No entanto, não o soube aproveitar bem. O consumo fazia-me não ter vontade de me levantar de manhã e sentia um interesse relativo em aprender, pois isso requeria um esforço que a droga não me deixava ter. Faltava muito às aulas. Tal como o meu corpo, a minha mente estava prisioneira. Quando vinha, conversava muito com alguns professores e comecei a criar laços de amizade, falava de mim, sentia que me ouviam e se interessavam. Dei*

*a ler os meus textos e falei de mim. Deram-me textos a ler, poesia que me motivava e ao mesmo tempo me fazia bem e mal, no sentido de que remexia no meu íntimo e avivava em mim a consciência adormecida de que tinha de ter a coragem de refazer o meu percurso, a minha vida e era aqui dentro que tinha de começar e de investir com unhas e dentes. A compreensão e o afecto que recebia e a tenacidade e empenho com que me fizeram ver a necessidade de seguir um novo caminho, deram-me força para começar a ter e a criar em mim a vontade de largar o consumo, vontade que eu tinha, mas não conseguia dar o passo. A minha entrada para a Oficina de teatro foi, talvez, decisiva. Não sei porque entrei e a princípio mantive-me quase invisível, sou uma pessoa tímida, não gosto de me expor, mas percebi o que ali se fazia. Era um espaço, no qual eu me fui sentindo cada vez melhor, sentia-me feliz, esquecia onde estava, transformava-me, percebi que ainda havia esperança para mim. Percebi que podia mudar. Hoje, olhando para trás, quase não me consigo reconhecer nas atitudes que tinha e na maneira com olhava a vida. Era um viver parado, estagnado, à espera se sair deste cárcere onde me encerraram, onde eu próprio me encerrei. O que esperava da vida lá fora, em pouco diferia da vida que levava aqui. Só que essa seria em liberdade. Mas era a única diferença, se bem que enorme.*

*De queda em queda, ia-me erguendo, mas sem a coragem de dar o passo que eu sabia que tinha de ser dado. A droga é como um filho. Faz-se tudo por ele. Eu tinha de o deixar, de me despedir dele, mesmo sabendo que ele ia continuar lá. E as saudades que iria ter dele? Travei uma luta titânica, pois conhecia-me...era fraco, tinha pouca força para resistir, mas já não aguentava mais viver assim...Finalmente consegui dar o passo e entrar num programa de desintoxicação. Senti uma alegria imensa, mas o medo continua. Afastei-me dos que consumiam para me proteger. Senti orgulho em mim próprio, embora pensasse que tinha demorado muito...Não tinha amigos, só um ou dois. Talvez fossem amigos, ou talvez não. Ali a amizade é passageira e interesseira. Tinha acabado o tormento de, no fim do dia, ou noutras alturas percorrer as celas à procura de droga. Quando não se tem dinheiro suficiente, é preciso negociar, prometer, mas a necessidade é tal que se promete tudo. Lembro-me, na primeira vez que sai de precária, livre da droga, o alívio e a alegria que senti por não ter que andar pela cidade à procura da minha dose. Que vitória!...*

*Deixei de faltar às aulas, embora reconheça em mim alguma preguiça para os estudos. Penso que passou muito tempo e que desperdicei muito, mas alguma coisa*

*iria recuperar. Curiosamente, ou talvez não, quase deixei de escrever. Talvez, a inspiração para escrever me viesse do estado em que a heroína me deixava. Senti alguma pena, pois gostava da minha relação com a caneta e o papel, mas penso que isso não é nada comparado com o que consegui, deixar de consumir. Talvez, um dia, volte a escrever...gostava disso, mas a associação que agora faço da escrita com os momentos alucinados da droga afasta-me do papel.*

*A Oficina de Teatro continuou a ser a minha mais forte razão para prosseguir. Adorava aqueles momentos. Os ensaios, as conversas, o ambiente que ali vivia eram um espaço à parte de todo aquele ambiente sinistro que é uma cadeia. Divertia-me. Esquecia-me de onde estava. Quando os ensaios acabavam, a caminhada para os portões de acesso ao interior da cadeia eram momentos dolorosos. Olhava vezes sem conta para trás, queria voltar, mas não podia. E pensava, amanhã há mais e lá ia para a minha cela olhar Sírios e a lua e sonhar, às vezes, agora, já com um sorriso nos lábios. A minha vida começou a ter sentido...Via a liberdade cada vez mais perto...mas já estava tão farto, tão cansado de ali estar.*

*Nunca tinha ido ao teatro, não conhecia o Teatro Nacional de São João... É lindo, imponente. E ver actuar actores profissionais, foi óptimo. Adorei as peças. Fui lá duas vezes e uma vez ao Teatro Rivoli. Foi uma experiência incrível. Cada vez gostava mais do teatro. Saía de lá e sonhava... “E se eu conseguisse ser actor?” Fomos sempre à noite, coisa excepcional, sair à noite do EP! E quando chegava à cela, era um misto de sonhos bons e maus... estava ali a olhar a lua através das grades, mas via-me num palco...Talvez, um dia ...tenho de continuar a estudar e se a oportunidade surgir...se eu trabalhar para que ela surja, talvez eu volte a pisar um palco, numa situação diferente daquela em que estou agora. Quero tanto! Começo a pensar que posso fazer outras coisas. Entusiasmo-me, mas continuo realista e modero os meus desejos, mas não abandono os meus sonhos acordados.*

*Comecei a ser notado e foram-me atribuídos os papéis mais importantes das peças que fomos construindo. Empenhei-me a sério, pela responsabilidade que me estavam a dar e, também porque me sentia muito bem. Aprendi a trabalhar para e com o grupo, a gerir as minhas emoções, a respeitar as fraquezas e as capacidades dos outros, a reconhecer as minhas, a perceber que tinha que trabalhar para que eu próprio e o grupo conseguíssemos os nossos objectivos, que eram comuns. Adoro representar. Gostei de trabalhar em todas as peças. Com Uma Gota de Mel apaixonei-me pela representação. Foi difícil, o encenador e as coordenadoras eram*



*exigentes connosco. Era o texto para decorar, as entradas, a dicção. O Branco Preto Branco foi a mais fácil e a mais difícil... Ali era eu próprio a representar a minha própria realidade... os consumos, as ressacas, os remorsos, o desespero, a loucura. Representava-me e doía-me, percebe? A consciência da minha realidade atacava-me mais forte. Mas fi-lo e fortaleci-me e recomecei a pensar com mais intensidade na necessidade de mudar, o que eu representava ali era o fosso em que estava e tinha que sair dele! Que revolta sentia! “Sai, sai sai, tens de sair” E a força começa a ser mais intensa, não me saía da cabeça. 938, O Rei Imaginário, também contribuiu para a minha determinação... A injustiça de que ali se fala e eu fui vítima de injustiça porque estou inocente de um dos crimes de que fui acusado, dos outros não, fui condenado e bem condenado e, penso muitas vezes, que, por um lado foi bom ter caído aqui, no inferno que é uma cadeia...mas se tivesse continuado lá fora, se calhar já nem vivo estava. Bem, mas como dizia atrás, a injustiça de que a peça fala e a transformação que se dá num homem que vai parar a uma cadeia e vê coisas que o fazem compreender melhor os outros e olhar para os outros de outra maneira fez-me reflectir...*

*As saídas que tivemos ao exterior da cadeia, proporcionadas pela Oficina foram momentos inesquecíveis para mim. Foram momentos em que gozei de liberdade física ao sair do EP, foram momentos de convívio com companheiros e com pessoas de fora do sistema, até as refeições me sabiam como já não me lembrava, o cigarro que se fuma no fim, cá fora na rua...o caminho feito a pé numa rua que eu nem conhecia, ver uma peça de teatro como um qualquer espectador, tomar um café num café qualquer...pormenores insignificantes, mas que se revestiram de uma importância tão grande, tão grande que é difícil de explicar a quem nunca esteve preso... As representações que fizemos no exterior do EP, para além de toda a felicidade que me deram, como disse atrás, encheram-me de orgulho. Sentia um nervosismo e preocupação imensas antes das actuações...o medo de falhar, mas depois de começar, era ali que eu estava, numa concentração que me ensinaram a ter e que eu aprendi a ter. Uma plateia só para nós, a ouvir-nos, a ver o nosso trabalho e, no fim, a aplaudir-nos...Afinal, somos como os outros, conseguimos fazer coisas boas. Não tive vergonha de estar ali como preso, estava a mostrar o nosso trabalho que é, pelo menos para mim, valioso e fruto de esforço e de satisfação e prazer. Não sei como as pessoas me olhavam, como um recluso? Mas não interessa, elas aplaudiram, porque gostaram e eu senti que havia um lugar para mim no mundo, ia haver, não no teatro, embora adore representar e gostasse*

*de ir por esse caminho, mas sou, tornei-me realista..., mas em qualquer lugar que eu ganhei com o meu esforço e trabalho. Tenho esperança, agora, finalmente.*

*Hoje, que sai em liberdade, limpo, espero ter a coragem, a força de vontade e a determinação para me manter longe daquilo que me levou ao inferno. Arrependo-me de muito do que fiz, mas também penso se, alguma vez, houve a oportunidade para que tudo fosse diferente...Eu acho que não tive essa oportunidade de contrariar este destino que foi o meu...Olhando para trás...para a minha infância, para a minha adolescência, para as condições em que as vivi, talvez não houvesse forma de escapar, porque estava sozinho, sem guia, nem rumo... Quero, agora, essa oportunidade. Agora sei como é a vida, como me dói. Mas sei que tenho de a procurar e merecer. Só espero que a vida me ajude e me proporcione essa oportunidade...O medo de recair paira sobre mim, mas sei que pairará para sempre e só eu o posso dominar. Ainda sinto muita raiva, pela minha juventude perdida e por tudo aquilo por que passei e fiz passar a minha família e todos aqueles que me são queridos e que me ajudaram nestes últimos sete anos da minha vida. Sei que tenho de lidar com essa raiva de uma forma positiva, para que ela e a mágoa se vão transformando em sentimentos de reconciliação comigo próprio e com o mundo em que vou viver. Quero encontrar trabalho e dedicar-me a ele e à reconstrução da minha vida. É um percurso difícil de caminhar, mas sei que é o único. Sei que não vou ter muitas oportunidades de trabalho, eu sei que está difícil lá fora. Tenho que me adaptar a uma nova vida. Sete anos fechado... É muito tempo. Mas ainda sou novo, embora sinta já o peso dos anos, por isso a esperança e força de viver com dignidade aí estão. Saiba eu mantê-las.*

#### **4. Narrativa Biográfica – Filipe, 40 anos de idade, a cumprir pena por furtos, roubos, dano doloso por condução perigosa**

Como lembra Poirier, compete ao investigador «observar o narrador, tomando nota dos complementos gestuais da narrativa» (Poirier, 1995:57).

O quarto entrevistado é um homem nervoso, obcecado com a sua situação prisional, por sentir injustiça face ao seu percurso prisional, em permanente conflito íntimo, mas calmo e pacífico. Fala com à vontade mas sente-se o constrangimento. Recorrentemente fala nas suas detenções. Nervoso, afaga constantemente a mão uma na outra, fuma cigarros, sorri, baixa os olhos e fala baixo nos momentos difíceis de confessar. Olha fixamente para mim com uma expressão carregada quando fala da injustiça em relação à indefinição da sua situação prisional. Anima-se e relaxa quando fala no filho com uma ternura e saudade que se sente no tom de voz. O remorso pelas suas atitudes e por uma vida boa que podia ter tido é visível num encolher de ombros e no baixar de olhos envergonhado. Por vezes abandona a entrevista apressadamente, porque está na hora da visita do pai ou da mãe, ou na hora do telefonema para casa.

*Os meus pais separaram-se, tinha eu 6 anos. Detestei que eles se separassem, mas tenho lembranças de muitas discussões e de um ambiente tenso. Lembro-me de ficar muito triste com isso...e só queria fugir de os ouvir. Custava-me muito ver a minha mãe a chorar muitas vezes, isso magoava-me muito. Mas eu gostava e gosto muito deles. O meu pai raramente estava em casa...só à noite...às vezes e lembro-me de, quando ele chegava ir ter com ele e deitar-me com ele. Quase não se falavam e a minha irmã é que era o mensageiro entre eles. A mim, a minha mãe protegia-me mais...era o mais pequeno. Ele tinha amantes e a minha mãe sabia... Hoje, ao olhar para isso, acho que nunca me vou casar. O casamento é muito mau. Acho que não se deve fazer sofrer assim uma mulher, a mãe dos seus filhos. Nisso culpo muito o meu pai. Ele podia esconder para não magoar a minha mãe.*

*Depois de sair de casa levava-me, sempre, a mim e à minha irmã a almoçar e dava-nos roupa. Mas a educação foi dada pela minha mãe. É uma mulher que eu admiro imenso. A minha mãe tem valores e princípios muito...fortes e é muito determinada. Ela não trabalhava e quando se separou...nunca quis dinheiro do meu*

*pai, apesar do juiz lhe dizer que tinha dois filhos para criar e que tinha direito a uma pensão, mas ela não quis. Meteu-se a trabalhar, montou um negócio com a irmã, mudou, montou outro e foi tendo sucesso. Hoje tem uma loja de bordados em Guimarães e está muito bem. Fez uma casa na terra dela...admiro-a muito. Do nada conseguiu muito. Ela nunca quis voltar a casar...acho que queria que o meu pai voltasse, ou então preferia a independência dela. Sempre vivemos bem, mas hoje o meu pai tem alguns problemas. Hoje podia ser um homem rico...sempre gastou à grande e à francesa, sempre fez uma vida de rico, quando não o era. Já casou mais duas vezes e tenho mais irmãos. O grande erro dele foi deixar a minha mãe...não por a família em primeiro lugar.... A minha mãe teria sido... o equilíbrio dele.*

*Não gostava muito da escola. Reprovei na 4ª classe. Faltava muito às aulas... Os meus pais é que me levavam, mas íamos sempre atrasados. Quando me deixavam à porta, eu deixava-os ir embora e não ia às aulas. Acho que tinha vergonha de chegar sempre atrasado...Quando a minha mãe me levava mesmo à sala de aula, aí tinha que ir... Depois de os meus pais se separarem fui com a minha mãe para Penafiel e fiz a 4ª classe e o 1º e 2º do 2º Ciclo. Chumbei uma vez na 4ª classe e outra vez no 1º ano do Ciclo. Entrei para o liceu com 13 anos, já fumava e aí comecei a fumar haxixe... aos 14 já fumava todos os dias, aos 16 entro na heroína e aos 17 na cocaína, aos 18 largo a heroína e injecto cocaína... a partir daí foi tudo muito mau...Até aos 22 ainda deu para gozar alguma coisa, pensava eu na altura... loucuras... hoje já não vejo assim. Vejo que destruí a minha vida. Depois veio a cadeia e a minha vida ruiu.*

*Quando os meus pais souberam, foi a minha mãe quem descobriu...acho que já desconfiava e um dia viu sangue no meu lençol. Chamou-me e tivemos uma conversa. Eu não queria que ela contasse ao meu pai, mas ela contou e levaram-me logo a um CAT...não sabiam...aquilo não tem internamento, nem nada. Sempre consumi mais cocaína que heroína. A coca é muito gulosa. Queremos sempre mais até cairmos para o lado exaustos.*

*Em 1990 vim parar aqui dentro Estive preso um mês. Tive um medo louco...o que mais tinha medo era que me violassem...ao fim de alguns dias comecei a aperceber-me que era tudo gente conhecida...a maior parte dos presos está aqui por drogas.... Estava no meu ambiente, mas foi pesado, saí e puseram-me num centro de recuperação. Um ano depois viram buscar-me para cumprir pena na prisão pois já tinha sido dada a sentença, senão podia ter cumprido no centro... por roubo. Dois anos e dez meses...Foi assim: eu estava bem atestada com cocaína e*

*fui com uns amigos a um centro comercial. No caminho vimos um cauteleiro e um deles sugeriu que o assaltássemos. Continuamos e no centro o meu amigo conseguiu a chave de uma mota e lá fomos. Roubamos o cauteleiro e fomos vender as cautelas aos ciganos e a um restaurante. O dono reconheceu-me e fez queixa e eu vim preso. Desta vez não foi tão pesado, porque como estava num centro de recuperação, na cadeia colocaram-me num local menos perigoso e protegiam-me um bocado. As maiores dificuldades que senti foram as humilhações por parte dos guardas e dos outros presos. As rotinas, as regras constantes para tudo, absurdas, a minha dignidade enquanto ser humano foi tantas vezes calcada...Custa muito...Compreendi como isto funciona e adaptei-me. Obedecia, não afrontava o sistema, andava sozinho, ficava no meu canto, falava o essencial, não dá para fazer amizades...tem que se desconfiar de tudo e de todos... Só queria passar despercebido e chegar ao fim o mais depressa possível. Sou tímido e introvertido, mas a solidão pesava-me... A droga ajuda a suavizar...sentimo-nos bem, poderosos, os problemas deixam de ter dimensão... mas é só quando se está sob o efeito... depois vem a ressaca, o sofrimento, o arrependimento, o remorso, o odiarmo-nos...*

*Quando saí parei com os consumos. Com a ajuda do meu pai abro uma firma em meu nome, madeiras como o meu pai. Vendia e fazia o transporte de madeira. Comprei a minha casa, mobilei-a, compro carro, fui viver com a minha companheira, nasce o meu filho. Foram os dois melhores anos da minha vida... ver o meu filho crescer, trabalhava. Estava tudo a correr bem e tenho uma recaída...foi tudo por água abaixo. O meu pai tirou-me tudo, o negócio e o carro e disse-me: “Estás por tua conta”. Eu tinha na altura muita responsabilidade porque o meu pai tinha-me posto muita madeira na mão. Deu-ma e tirou-ma, sem me dizer mais nada. Fiquei revoltado e magoado. Eu tinha o meu filho e a minha companheira para sustentar. Hoje compreendo-o, mas continuo a achar que devíamos ter conversado e tentado resolver as coisas...encostar-me à parede, sim, entendo porque o fez, mas não a maneira como o fez. Ele e eu sabíamos que eu iria gastar tudo...com os consumos outra vez. Mas o meu pai sempre teve este feitio. Dava e quando não lhe agradava, voltava a tirar. Acho também que ele não sabia como lidar com a situação e eu entendo, agora, isso como pai que sou.*

*Cada vez consumia mais e precisava de dinheiro. Roubava. A 2ª vez que vim preso foi por dano doloso com condução perigosa. Intencionalmente embati no carro de uns putos armantes que se estavam a meter com o dono de um café e depois*

*meteram-se comigo. Sabia que não podia com os quatro, por isso esperei que saíssem e persegui-os. Entalei-os uma valeta e embati com o meu carro, na parte lateral do deles. A 3ª vez, em 2003 foi por roubo. Roubei 3 carros do meu pai, eu precisava de transporte para comprar a coca... Outra condenação que tenho é de um ano por, em tribunal, não ter denunciado um traficante. Eu estava preso, não o podia denunciar...isso podia ter consequências e eu também não sou chibo. Apanhei um ano por falsas declarações e o traficante saiu bem contente!*

*O que mais me indigna e me trás muita ansiedade é a minha situação prisional que, ao fim de 5 anos e dois meses que estou detido, ainda não está definida. Tenho as penas todas separadas...Não tem cabimento eu estar com três penas separadas, uma de sete anos, outra de um ano e outra de 6 meses...nunca me fizeram uma junção, o que com a nova lei é ilegal e me prejudica em termos de tempo a cumprir, pois nem fui apreciado ao meio de pena e já estou quase nos dois terços... Tenho uma condicional para cumprir, uma não apresentação de saída precária...Já meti uma advogada nova e estou mais animado...mas não sei... o não saber é terrível...esta indefinição deixa-me... arrasa-me. Vou cumprir tempo a mais..., mas pronto, já o aceitei. Estou mais animado e já vejo a luz ao fundo do túnel, como é costume dizer-se.*

*No meio desta indefinição toda vim para a escola porque é o melhor lugar da cadeia. É um ambiente tão diferente de lá de dentro... O convívio é mais são...com os colegas e os professores. Os professores vão-nos conhecendo e podemos contar com a sua ajuda, apoio, interesse e, acho que posso dizer amizade. Nunca fiz um percurso certinho, pois continuava a consumir e a maior parte das vezes não tinha vontade de vir , só de consumir e ficar para ali...Não se dorme bem, os problemas estão sempre presentes na nossa cabeça, até nos sonhos eles vêem...os de lá de fora e os de cá de dentro. É horrível saber que o meu filho está a crescer e eu não estou a ver, que os meus pais sofrem por mim...Cá dentro é o que já falei: humilhações, horários, rotinas, impotência para resolver coisas, a indefinição da minha situação, ser atendido, pedir permissão para tudo, tudo...Aqui dentro os problemas tomam uma intensidade enorme e é preciso muito auto controlo para não se ser punido, para sobreviver. Por isso sempre tive muitos altos e baixos e estudar não é o meu forte...Mas gosto de vir à escola e quando venho tento aplicar-me. É bom aprender, mas falta a vontade ...*

*A escola oferece muitas coisas e actividades e eu vim para a Oficina de Teatro por sugestão de uma professora...lá está o interesse e preocupação com que*

*lidam connosco. Vim. Achei que podia ser uma coisa nova para me ocupar e mostrar à cadeia que estava bem. De início frequentava, assistindo ao trabalho do grupo, não fiz parte das peças. Também porque não tinha precárias, mas ia-me integrando. O teatro também ajuda na obtenção das precárias... Quando as obtive a minha participação foi mais activa. Fui ao Sarau de Poesia, fui à Feira Medieval na Secundária e fiz “o Operário em Construção”. Custou-me muito representar em palco perante gente da minha cidade que me conhece perfeitamente. Senti vergonha, mas ao mesmo tempo senti orgulho em mim por ter essa coragem, por mostrar às pessoas que me conhecem e que sabem que eu tive um percurso de droga que estou a fazer algo de bom, que estou limpo. E, no fim das representações, quando vínhamos cumprimentar as pessoas eu via nelas aprovação e não reprovação...deu-me força...Digo que me custou representar e enfrentar as pessoas, mas não trocava isso por ficar lá dentro e não vir ao exterior. Soube tão bem...É mais um dia fora daqui. É muito bom.*

*Gostava do ambiente informal, mas ao mesmo tempo de trabalho a sério, ríamos, brincávamos e trabalhávamos. Comecei a conhecer melhor os meus colegas, a reconhecer o seu valor no que faziam e olhei para mim e perguntei-me se eu não seria capaz de fazer o mesmo...Imaginava-me no papel de alguns deles e queria fazê-los...acho que seria capaz, mas os consumos faziam-me recuar. Gostava do grupo, mas acho que havia muita competitividade e às vezes conflitos. Por feitiço tentava apaziguar e não me envolvia muito, deixava passar. Reconheço que não conseguia trabalhar a sério por causa disso...O meu interesse foi diminuindo pois não me davam papeis...não via ainda que não nos davam por eu ser irregular, ... a droga...Sentia-me posto de parte quando, de facto, hoje, vejo que era por isso que não me integravam mais. Não podiam apostar em mim porque eu não cumpria sempre. Aprendi isso...temos de ter a confiança dos outros e isso ganha-se tendo uma atitude responsável, de empenho e de trabalho... Hoje, que já não consumo, sei isso...mas é difícil ganhar a confiança das pessoas. Acho que o encenador não me escolhia por essa minha atitude irregular...acho que ele me via ali como um “turista”. Sentia-me triste e desapontado. As coordenadoras tentavam integrar-me, mas agora sei que tinha de ser eu a dar o passo e a ter outra atitude. Este ano, eu e outro colega somos os mais “velhos” no grupo, pois muitos já saíram em liberdade, mas ainda não ganhei a confiança do encenador... Percebo isso, percebo que não podemos falhar porque disso depende o sucesso de todo o grupo. Vou participar nesta nova peça, com um papel pequeno, mas vou. No próximo ano*

*lectivo vou continuar e, embora a minha saída em liberdade possa estar próxima...talvez para o Natal...venho na mesma e vou provar que consigo ter a postura correcta de vir sempre, de me empenhar, de ser responsável...mostrar que podem confiar em mim.*

*Agora que já estou perto do fim desta martírio e que vou voltar tenho medo, porque vou enfrentar o que já antes enfrentei e falhei. Quando desaproveitei a minha segunda oportunidade, a minha companheira, o meu filho, o trabalho que tinha... começou a crescer em mim a vontade de os voltar a ganhar. Preciso da minha terceira oportunidade... Esses objectivos voltavam e foram-se enraizando. Demorei a lá chegar, mas acho que os vou conseguir. Apoiei-me na escola, no teatro, apesar de tudo e não quero voltar...nunca mais. Nesta minha última precária estive quase sempre com o meu filho, com os meus pais, ir levar e buscar o meu filho à escola, passear com ele, estar com ele...foi demais... A minha ex-companheira e mãe do meu filho convidou-me a ficar com ela dois dias e... conversamos...talvez mais uma porta aberta...vamos ver Ficar com os dois seria muito bom. Quando sair vou tentar a ver o que dá. Quero trabalhar. O meu pai vai ajudar-me e no princípio vou trabalhar com ele, mas quero montar a minha empresa e sei que vou ter o seu apoio, pois hoje a minha relação com ele é boa e acho que já confia em mim. Sempre foi muito agarrado a mim. Cada vez, somos mais amigos. Vem ver-me frequentemente. A minha mãe ainda não chegou a esse ponto. Ela sempre foi muito firme comigo, desde que comecei com os consumos Tenho de lhe dar mais tempo e vou dar-lho. Adoro os meus pais, apesar dos desentendimentos que tivemos.*